

ILDIMAR VIANA ASSUNÇÃO

**O DISCURSO RELIGIOSO DO CÍRIO DE NAZARÉ:
UMA DÍVIDA COM O SAGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof^a Dra. Aracy Ernst-Pereira

Coorientadora: Prof^a. Dra. Eliane Campello

Pelotas

2012

À Carmina Assunção, mãe, mulher de fibra e
coragem, pelo amor aos filhos.

ILDIMAR VIANA ASSUNÇÃO

**O DISCURSO RELIGIOSO DO CÍRIO DE NAZARÉ:
UMA DÍVIDA COM O SAGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovado

Pelotas, 14 de junho de 2012.

Banca Examinadora:

Profa. Dr. Regina Maria Varini Mutti

Profa. Dr. Ercília Ana Cazarin

Profa. Eliane Terezinha do Amaral Campello

Profa. Dr. Aracy Ernst

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé que me faz cristão, mas que não me impede de refletir sobre as determinações históricas dessa minha constituição.

À professora Carmen Lúcia Matzenauer, pela acolhida por ocasião de minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas e por ser uma grande incentivadora no desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Aracy Ernst-Pereira, pela orientação, e por imprimir em mim, inquietações sobre o real da língua, que me levaram à opção de refletir sobre o discurso nas bases do pensamento de Michel Pêcheux.

À professora Eliane Campello, pela coorientação no projeto de pesquisa, que resultou nesta dissertação, e pelas indicações bibliográficas sobre mito, uma das recorrências imperativas para o desenvolvimento do tema.

À minha mãe Carmina Viana Assunção, pelas minhas ausências e reflexões conjuntas sobre o uso da língua portuguesa.

À Natalina Ferreira, amiga que me apoiou nos momentos difíceis, substituindo-me com competência em minhas atribuições, bem como imprimindo em mim, forças para frequência no Curso de Mestrado.

Aos meus colegas de curso, pela convivência em plagas tão distantes da minha Belém do Pará.

A todos e todas, muito obrigado!

Do fundo do coração.

“A interpelação dos indivíduos como sujeitos supõe a “existência” de um Outro Sujeito, Único, e central, em Nome do qual a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos como sujeitos”.

Louis Althusser (1985)

RESUMO

Este estudo compreende reflexões sobre o Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres com a finalidade de compreender os efeitos de sentido dele derivados. Foi construído a partir da base teórica da Análise do Discurso (AD), na tradição de Michel Pêcheux, envolvendo a relação entre discurso, sujeito e ideologia. Para isso, buscou, por um lado, subsídios de ordem teórica, relacionados ao Cristianismo, em particular à Igreja Católica e ao acontecimento sócio-político-religioso “Círio de Nazaré”, realizado anualmente na cidade de Belém do Pará; por outro, desenvolveu noções fundamentais, como formação discursiva, formação ideológica, esquecimento, entre outros, que possibilitaram a construção do dispositivo analítico com vistas à compreensão do funcionamento discursivo de DRC. Esse dispositivo foi utilizado na análise de discursos de mulheres católicas que, no interior do acontecimento, diziam-se curadas, por intercessão da Virgem de Nazaré, configurando, segundo elas, “milagres”. Considerando as condições de produção desses discursos, o objetivo do trabalho foi interpretar os efeitos de sentido a partir da observação da materialidade linguística em sua relação com a memória discursiva. Nas análises, buscou-se demonstrar essa relação nos enunciados constituintes do *corpus* discursivo, observando-se a forma de interpelação que se estabelece nos sujeitos religiosos ao produzirem discursos sobre milagres, atualizando a promessa de salvação a todos que tiverem fé na “Palavra de Deus”.

Palavras-chave: discurso religioso; ideologia, efeito de sentido.

ABSTRACT

This research brings some thoughts on the religious Catholic speech (RCS) about miracles. It aims at understanding the sense effects in these speeches. This dissertation considers the Discourse Analysis in the tradition of Michel Pêcheux that involves the relationship between discourse, the subject and ideology. For this purpose, on the one hand, the study brings theoretical elements related to Christianity, particularly to the Catholic Church and to the social political religious event “Círio de Nazaré” that happens annually in Belém, Pará, Brazil. On the other hand, the study develops fundamental notions such as: discursive formation, ideological formation, forgetting and silence among other elements that make it possible to build an analytic device in order to understand the discursive function of the RCS. This device is analyzed in Catholic women’s speeches who claimed they were healed by the intercession of the Virgin of Nazareth. These experiences are called “miracles” by them. Considering the production condition of these speeches, the research aims at interpreting the sense effects of the linguistic materiality and their relationship with the discursive memory. The analysis demonstrates this relationship in utterances of the discursive *corpus* and it observes the interpellation established in the religious subjects when they produce speeches about miracles, updating the salvation promises to everyone who believe in the “Word of God”.

Key-words: religious discourse, ideology, sense effects.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1: ultrapassagem mundo espiritual/temporal | 25 |
| Figura 2: cartaz em exposição na Basílica Santuário de Nazaré | 27 |
| Figura 3: Arquivo particular do autor | 47 |
| Figura 4: Imagem original | 51 |
| Figura 5: Imagem Peregrina | 51 |
| Figura 6: pagador de promessa | 52 |
| Figura 7: pagador de promessa | 53 |
| Figura 8: fiéis tomando a bênção da Virgem | 53 |
| Figura 9: berlinda..... | 54 |
| Figura 10: Manto de 2009 | 55 |
| Figura 11: carro dos milagres..... | 55 |
| Figura 12: corda do Círio em exposição..... | 56 |
| Figura 13: corda do Círio na procissão. | 56 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 O DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO: DO MITO AO CRISTIANISMO | 15 |
| 2.1 O mito..... | 15 |
| 2.2 O discurso religioso católico..... | 18 |
| 2.2.1 A reversibilidade..... | 18 |
| 2.2.2 A interpelação | 20 |
| 2.2.3 A voz de Deus | 23 |
| 2.2.4 O mundo espiritual e o temporal | 25 |
| 2.2.5 As propriedades e traços do discurso religioso..... | 26 |
| 2.2.6 Deus e a linguagem simbólica | 28 |
| 2.3 A religião cristã..... | 29 |
| 2.3.1 A inominação de Deus..... | 29 |
| 2.3.2 Jesus Cristo e o Cristianismo | 32 |
| 2.3.3 O catolicismo e a igreja | 37 |
| 2.3.4 A fé e a salvação | 40 |
| 2.3.5 O milagre e a natureza | 42 |
| 3 O ACONTECIMENTO: CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ..... | 45 |
| 3.1 Uma história, uma lenda | 45 |
| 3.2 A origem do Círio..... | 47 |
| 3.3 O acontecimento..... | 48 |
| 4 A ANÁLISE DO DISCURSO: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS..... | 60 |
| 4.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO | 60 |
| 4.2 A LÍNGUA E O DISCURSO | 62 |
| 4.3 O SUJEITO E A IDEOLOGIA..... | 65 |
| 4.4 OS ENUNCIADOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS..... | 68 |

| | |
|--|------------|
| 4.5 A INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO E O REAL DA LÍNGUA | 70 |
| 4.6 O INTRADISCURSO E O INTERDISCURSO | 71 |
| 4.7 AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS | 73 |
| 4.8 OS ESQUECIMENTOS | 75 |
| 5 A METODOLOGIA..... | 76 |
| 5.1 Os procedimentos de pesquisa | 76 |
| 5.2 Os sujeitos da pesquisa e a constituição do corpus..... | 78 |
| 5.3 O tratamento das sequências discursivas | 80 |
| 6 A ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE MILAGRES | 82 |
| 6.1 A fé | 82 |
| 6.2 A devoção..... | 86 |
| 6.3 A promessa..... | 90 |
| 6.4 O milagre | 94 |
| 6.5 A cura | 97 |
| 6.6 A graça..... | 100 |
| 6.7 O agradecimento..... | 102 |
| 6.8 O acontecimento: Círio de Nossa senhora de Nazaré..... | 104 |
| 6.9 A transcendência..... | 106 |
| 6.10 A onipotência | 108 |
| 7 CONCLUSÃO..... | 110 |
| REFERÊNCIAS..... | 113 |
| REFERÊNCIAS | 113 |
| ANEXOS | 117 |
| ANEXOS | 117 |
| ANEXO A - Discursos sobre milagres | 118 |
| ANEXO B - Calendário do Círio 2010 | 124 |
| ANEXO C - Cartaz oficial do “Círio de Nossa Senhora de Nazaré” de 2010..... | 125 |

ANEXO D - Ventarola com oração a Virgem e hino “Vos sois o lírio mimoso”. 126

ANEXO E - Novena de Nossa Senhora de Nazaré 128

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a base epistemológica da Análise do Discurso (AD), na tradição de Michel Pêcheux, todo discurso é um objeto sócio-histórico. Neste estudo, em que se lança o olhar para o Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres, é fundamental reconhecer como ponto de partida, a noção de que todo discurso religioso possui traços e propriedades de um discurso autoritário.

Na realidade, DRC configura-se como um discurso em que se estabelece uma relação entre Deus e sujeitos interpelados por práticas religiosas. De outro modo, poder-se-ia dizer que DRC é uma relação “espontânea” dos sujeitos com o Sagrado, todavia, sob as orientações da voz de Deus. O discurso religioso materializa-se na voz daquele que fala em nome de Deus e, nesse contexto de discursivização, irrompem estratégias interpelativas ideológicas.

Para a AD, a ideologia é determinante das práticas de linguagem e, nesse contexto, o DRC é um lugar em que transita a ideologia de submissão à “Palavra de Deus”. Na realidade, toda religião cristã constitui sujeitos que expressam gestos de linguagem, intencionando fazer parte do espaço Sagrado. Nessa relação, qual seja a de religião e linguagem, tem-se a presença de dois mundos: o temporal e o espiritual.

Rabuske (1994) afirma que a linguagem utilizada nos discursos religiosos tem por referência a experiência de Deus, estruturada pela linguagem simbólica da Bíblia e pela linguagem teológico-especulativa. Daí o dizer: o discurso religioso diz algo sobre o referente “Deus”.

O Cristianismo reúne várias religiões que se assentam na conversão de fiéis. A religião católica é uma das formas do Cristianismo. Funda-se no princípio da existência de um Deus único, isto é, no Deus dos Dez Mandamentos e baseia-se na fé, em oposição à prática do pecado. No espaço da Igreja Católica, sempre haverá discursos visando à conversão de não fiéis para a crença na “Palavra” divina. Ou seja, para a submissão de sujeitos.

O presente texto afasta-se das posições que se apoiam na ilusão de unicidade e de completude do dizer, admitindo a constituição heterogênea do discurso em função da relação necessária mantida com outros discursos e a existência de lacunas que podem apontar para outras interpretações, ou seja, para outros possíveis efeitos de sentido.

Dentre os vários teóricos da área em que se insere este estudo, cabe referir a figura de Michel Pêcheux, fundador da AD, Jean-Jacques Courtine, Denise Maldidier, Francine

Mazière e Eni Orlandi. Ainda no esforço de dar sustentação teórica à reflexão, tornou-se fundamental recorrer à participação de outros autores significativos, como Louis Althusser, Jacques Lacan, Jean-Claude Milner, Benedictus de Espinosa, Paul Ricoeur, Ernst Cassirer e Mircea Eliade, que foram adicionados a outros, que de forma transversa, também contribuíram com a compreensão do funcionamento do DRC.

A proposta desta dissertação foi a de interpretar um *corpus discursivo* sobre milagres que, segundo os sujeitos entrevistados, acontecem por intercessão de Nossa Senhora de Nazaré, figura santificada e venerável na Igreja Católica. Assim, emergiu a temática: “*O discurso religioso do Círio de Nazaré: uma dívida com o sagrado*”.

A fim de dar conta dessa pretensão, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: como se constitui a relação entre discursos sobre milagres e a memória discursiva no acontecimento do “Círio de Nazaré”? Como esses discursos relacionam-se com a história e a ideologia religiosa? De que forma se materializam?

Com vistas à resposta a essas indagações, observaram-se pistas discursivas, tais como: formas verbais imperativas, vocativos ensejando à doutrinação, metáforas, paráfrases, performativos, sintagmas cristalizados, como orações do tipo “Ave Maria, cheia de graça...”, buscando dar suporte material ao processo interpretativo.

No primeiro capítulo, “O discurso religioso católico: do mito ao Cristianismo”, se discorre sobre o tema do presente estudo a partir de reflexões acerca do discurso religioso católico, tendo por finalidade identificar subsídios históricos e ideológicos que pudessem auxiliar as análises das sequências discursivas sobre milagres atribuídos a Nossa Senhora de Nazaré. O ponto de partida é uma breve abordagem sobre o mito. Na sequência, apresentam-se questões relacionadas à interpelação, propriedades, traços e reversibilidade do discurso religioso, assim como de aspectos relacionados ao mundo espiritual e temporal, a inominação e a “Voz de Deus”, Cristianismo e catolicismo, fé e salvação. Ao final, tecem-se algumas considerações sobre milagres em oposição às coisas da natureza na concepção de Baruch de Espinosa.

O segundo capítulo, “O acontecimento: Círio de Nossa Senhora de Nazaré”, descreve esse acontecimento, enquanto objeto simbólico, constituído de discursos. A ideia foi a de lançar um olhar para a linguagem, materializada segundo a ideologia religiosa. Ou seja, examiná-la sob um ponto de vista teórico que não se esgota na observação do linguístico, mas que a vê definida por uma exterioridade que também é responsável pela constituição dos sujeitos, no caso, dos fiéis submetidos às práticas da Igreja Católica. Neste estudo, o

acontecimento é percebido como um evento sócio-político-religioso e para caracterizá-lo enquanto tal parte-se de considerações acerca de sua origem, descrevendo resumidamente a história ou lenda, até chegar a sua configuração na atualidade.

“A Análise do Discurso: algumas reflexões teóricas” forma o terceiro capítulo. O objetivo aqui foi o de abordar noções sobre a Análise do Discurso (AD), de filiação pecheuxtiana, que delimitam as bases teóricas importantes para a interpretação do funcionamento do DRC sobre milagres. Assim, elegeu-se, dentre os múltiplos tópicos da AD, aqueles que se pressupôs serem convocados às análises do *corpus discursivo* selecionado. Nessa direção, optou-se por fazer um breve histórico dessa disciplina e tratar de estatutos próprios sobre língua e discurso, sujeito e ideologia, enunciados e efeitos de sentidos, real da língua, intradiscurso e interdiscurso, formação ideológica e formação discursiva e esquecimentos.

O quarto capítulo comporta a descrição da metodologia adotada para o estudo – coleta do material empírico, definição do *corpus discursivo*, construção do dispositivo teórico da interpretação e dispositivo analítico – com vistas ao alcance dos objetivos propostos.

“A análise dos discursos sobre milagres” é apresentada no quinto capítulo. Como toda análise sob as bases da AD, não tem a pretensão de ser definitiva e nem de esgotar todas as possibilidades interpretativas. Lançou, pois, certo olhar para o dizer dos sujeitos, procurando desvelar os efeitos de sentido e a interpelação ideológica que os sustenta através do cruzamento do interdiscurso com o intradiscurso a partir de determinados critérios e de determinados objetivos.

A ideia foi colocar à vista os já-ditos, que retornam sob a forma de pré-construídos, materializando na língua a ideologia religiosa cristã católica. Para tanto, apresentam-se, nesse capítulo, dez grupos de sequências discursivas, organizados de acordo com tópicos relacionados à fé, à devoção, à promessa, ao milagre, à cura, à graça, entre outros.

Ao final, tecem-se algumas considerações a respeito das interpretações realizadas sobre o *corpus discursivo*. Nesse capítulo, tem-se, por norte, oferecer possíveis respostas às questões norteadoras e, ao mesmo tempo, mostrar a constituição dos sujeitos religiosos pela linguagem através dos processos discursivos identificados e que se configuram na materialidade do discurso.

2 O DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO: DO MITO AO CRISTIANISMO

2.1 O MITO

Há muito tempo, desde os pensadores pré-socráticos, os homens, para explicar os sentidos da vida humana, têm se interrogado sobre a natureza dos deuses. Isso se relaciona aos valores dos mitos. O homem primitivo admitia que tudo era dotado de alma, e esse fato, enquanto crença fundamental e universal, explicaria o nascimento dos deuses.

No homem primitivo, residiria um sentimento de profunda nulidade, fundada na percepção de ser ele não “mais do que uma criatura” (ELIADE, 2008, p. 16). Dessa compreensão, surge a noção do Sagrado como manifestação de uma realidade diferente das coisas e fatos da natureza.

O Sagrado, no ponto de vista deste estudo, relaciona-se à possibilidade de a linguagem orientar a ultrapassagem da experiência natural do homem a uma transcendência que passa ao largo de uma explicação racional. Ou seja, distancia-se dos fatos explicados apenas pela razão.

Assim, o Sagrado, tendo por base a religiosidade do homem e sendo elemento fundante da hierofania, marca uma oposição ao profano. Desse modo, considera-se que os espaços discursivos, relacionados ao Sagrado e ao profano, constituem posições distintas de sujeitos no campo da linguagem. Ou seja, são dois modos diferentes e constitutivos do sujeito no mundo. De acordo com Eliade, “a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas” (2008, p. 17).

Para o homem primitivo, por exemplo, o Sagrado manifestava-se em pedras ou árvores, que, na condição de hierofanias, deixavam de ser simplesmente pedras e árvores, para serem pedras sagradas e árvores sagradas. Segundo o autor, naquele tempo, quando uma pedra se revelava sagrada, sua realidade imediata transmutava-se para uma realidade sobrenatural.

Eliade assevera que os habitantes das sociedades primitivas tinham tendência para viver o mais próximo possível do Sagrado e relacionavam essa prática às questões de exercício do poder. Desde os primórdios, ou seja, desde o registro da existência humana na face da terra, o homem, quase que sempre, desejou saturar-se de poder.

Quando o Sagrado manifesta-se, de acordo com o autor, “o real¹ se revela, o Mundo vem à existência” (2008, p. 59). Nessa perspectiva, o mundo deixa-se perceber como cosmo, vindo do caos, revelado como mundo sagrado pela cosmogonia².

Todo o mundo é obra dos deuses, porque foi criado diretamente pelos deuses e consagrado – portanto “cosmomizado” – pelos homens, ao reatualizarem ritualmente o ato exemplar da Criação. (ELIADE, 2008, p. 59-60).

O autor, ao referir-se à repetição anual da cosmogonia, ou seja, ao trânsito do homem do espaço profano para o sagrado, por ocasião das festas ou ritos religiosos, descreve que,

A cosmogonia é a suprema manifestação divina (grifo do autor), o gesto exemplar de força, superabundância e criatividade. O homem religioso é sedento de real. Esforça-se, por todos os meios, para instalar-se na própria fonte da realidade primordial, quando o mundo estava *in statu nascendi*. (2008, p. 72).

Nesse mundo, o homem religioso vive no espaço do sagrado, pois o concebe como mundo real. Tem sede de ser no mundo, tomando a posição de terror diante do caos, que corresponde ao nada-ser. Portanto, rejeita o espaço não cosmizado, porque esse representa o não consagrado, que remete ao espaço profano.

Desse modo, ao adotar essa posição, chama para si a decisão de ser homem religioso. Eliade refere que, no homem, inclusive no homem da modernidade, existe uma profunda nostalgia em habitar um “mundo divino” e ter uma casa semelhante à “morada dos deuses”, o que mais tarde foi representada pelos templos e santuários, como nos dias atuais. O autor assinala que “essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num Cosmo puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador” (2008, p. 61).

Ele relaciona o espaço sagrado ao Tempo sagrado, como um Tempo mítico, ou seja, como um Tempo primordial ou Tempo original, que “brotou de repente”, e que não foi precedido por nenhum outro até aparecer à narração mítica. Para o autor, é o mito que revela como a realidade veio à existência.

1

Real, na abordagem deste tópico, tem sentido de mundo cósmico, ou seja, aquele criado pela manifestação do sagrado e habitado pelo homem religioso.

² Termo que diz respeito à doutrina mítica, religiosa ou filosófica de explicação da origem do universo.

O Tempo sagrado relaciona-se ao tempo ordinário, que é marcado pela duração profana, justamente onde se desenrola a existência humana.

Nesse contexto, o homem, em particular, o religioso, tem uma necessidade de produzir gestos e atitudes que estabeleçam uma aproximação junto aos deuses. Assim, ele deseja ocupar um espaço “aberto para o alto” (ELIADE, 2008, p. 81), comunicando-se com o que é divino. Ou seja, busca a presença divina e a vida num ‘mundo perfeito’.

Diante dessa compreensão do Sagrado, pode-se agora esclarecer um pouco mais a noção de mito e sua importância para este estudo. De acordo com Eliade, “o mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo” (2008, p. 84). Essa história sagrada equivale a um mistério, em que as personagens míticas não são seres humanos, mas deuses ou heróis.

O mito se revela pela narração das façanhas desses deuses e heróis. Daí que dizer um mito é proclamar o que se passou em um tempo primordial e, uma vez “dito”, torna-se irrefutável, fundante de uma verdade absoluta. O mito se relaciona às narrativas sobre realidades sagradas e não se confunde com o espaço do profano.

O mito revela a sacralidade absoluta porque relata a atividade criadora dos deuses, desvenda a sacralidade da obra deles. Em outras palavras, o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo. (ELIADE, 2008, p. 86).

É possível estabelecer uma relação entre mito e homem religioso. O homem religioso deseja uma transcendência para um espaço sagrado, portanto, mítico. Só se reconhece enquanto homem, quando pensa estar junto a deuses e heróis. Ele se quer diferente e distante de um espaço profano.

Esse homem constitui-se pela aproximação que faz aos modelos divinos. Nesse aspecto, entra em cena a linguagem. Ela é constitutiva do sujeito pelas narrativas divinas que faz sobre o Sagrado. E é assim que a história também constitui esse sujeito religioso, pela história dos deuses e heróis. Segundo Eliade, “o homem só se torna verdadeiro homem conformando-se ao ensinamento dos mitos, imitando os deuses” (2008, p. 89).

Cassirer comenta que o filólogo Max Müller, em seus estudos sobre a relação entre mito e linguagem, referiu que

Tudo a que chamamos de mito, é, [...] algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência linguística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação linguística é essencialmente ambígua e, nesta ambiguidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos (CASSIRER, 2009, p. 18).

Assim, os mitos são constituídos pela linguagem, e, partindo-se desse pressuposto, pode-se dizer que os mesmos são constitutivos dos sujeitos.

Nesse aspecto, Max Müller afirma que “o mundo mítico é essencialmente um mundo de ilusão” (CASSIRER, 2009, p. 19), povoado de sonhos e dotado de uma fantasmagoria. Essa ilusão instaura uma espécie de ficção relacionada ao uso prático pelo sujeito, e não se aplica à rigorosa medida da verdade, sob pena do mito se diluir no nada.

A partir dessas noções de mito, pretende-se fazer uma incursão sobre o discurso religioso nos espaços limites do catolicismo, considerando a análise a ser realizada posteriormente sobre o Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres.

2.2 O DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO

O discurso religioso é analisado, no presente trabalho, a partir da perspectiva discursiva, inaugurada por Michel Pêcheux. Em função disso, desenvolvem-se, a seguir, conceitos dessa área que se revelam fundamentais para a compreensão do seu funcionamento.

2.2.1 A reversibilidade

Na Análise do Discurso (AD), o discurso é compreendido como um “objeto sócio-histórico” (ORLANDI, 2005, p. 16), sujeito sempre à interpretação. De acordo com Denise Maldidier, nesse processo de interpretação, ele “deve ser tomado como um conceito que não se confunde nem com o discurso empírico sustentado por um sujeito nem com o texto, um conceito que estoura qualquer concepção comunicacional da linguagem”. (2003, p. 21).

Sob tal perspectiva, o discurso é visto através da materialidade linguística em sua relação com as determinações históricas, e a língua não é considerada fechada em si mesma, sem falhas e equívocos.

Orlandi, observando a constituição dos discursos, identificou três tipos de funcionamento, classificando-os como: discurso polêmico, lúdico e autoritário. Essa tipologia encontra-se ligada à noção de reversibilidade que é a troca de papéis na interação, envolvendo locutor e ouvinte, constituindo o discurso, e, ao mesmo tempo, sendo constituída pelo mesmo. A autora assevera que, “a reversibilidade é condição do discurso” (2009, p. 239) e que não pressupõe harmonia na interação. Portanto, todo discurso, independente de sua forma, possui relação com a noção de reversibilidade, não existindo possibilidade de reversibilidade nula. Se a não reversibilidade fosse possível, a interação, constituidora do discurso, seria rompida, comprometendo a configuração do mesmo como objeto sócio-histórico.

No discurso polêmico, ela se dá pela tomada da palavra. No discurso autoritário, há um investimento na anulação da reversibilidade. Na realidade, reveste-se da ilusão³ da não reversibilidade. E, no discurso lúdico, a linguagem é convocada à dialogia.

O discurso autoritário, em que se insere o religioso, “tende para a monossemia” (ORLANDI, 2009, p. 240), no desejo de frear a polissemia. Essa monossemia torna-se impossível em função das características inerentes a todo discurso, como a incompletude, a multiplicidade de sentidos, as ambiguidades e relações com outros discursos.

A impossibilidade da monossemia no discurso autoritário também se evidencia no fato de que qualquer discurso é constituído por um contexto imediato e um contexto sócio-histórico, relativo às formações discursivas e ideológicas. Isso remete à noção de que “todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia” (ORLANDI, 2009, p. 240).

O contexto imediato se refere às circunstâncias da enunciação, ou seja, ao contexto imediato, em seus aspectos enunciativos, como os que cercam o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, acontecimento religioso abordado no presente estudo. Já o contexto sócio-histórico é de onde partem os efeitos de sentidos, derivados da forma de organização social, onde é produzido o discurso pelos sujeitos.

Assim, interessa a este estudo fazer um percurso exploratório das condições de produção circunstanciais e ideológicas para compreender a constituição dos sujeitos e dos efeitos de sentido de discursos sobre milagres no acontecimento religioso referido, buscando ver como o discurso religioso, que se configura como um discurso autoritário, reverbera nos dizeres dos fiéis.

³ Orlandi (2009) orienta para o sentido de “ilusão” relacionado a *sentimento* e não a engano. Ou seja, a ilusão de uma passagem de um plano a outro, de um mundo a outro.

2.2.2 A interpelação

O Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres, objeto deste estudo, é então concebido como um discurso autoritário. Trata-se, como dito antes, de uma prática discursiva em que ocorre a relação de Deus com os sujeitos, ou, diferentemente, de uma relação “espontânea” dos sujeitos com o sagrado. Sendo assim, torna-se fundamental, considerar a noção de sujeito e de ideologia, no estudo desse discurso.

De acordo com Althusser, a noção de sujeito e ideologia tem por base duas teses simultâneas:

- “1. – só há prática através de e sob uma ideologia
2. – só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito” (1985, p. 93).

Segundo o autor, a ideologia instaura sujeitos concretos e sua possibilidade de fundação só é possível pelo sujeito, ou seja, pela categoria de sujeito. Portanto, a ideologia é constitutiva do sujeito e determinante das formas materiais de existência desse sujeito. Logo, o indivíduo interpelado ideologicamente, será sempre sujeito concreto.

Essa interpelação dá-se através das formações ideológicas e das formações discursivas, essas últimas ressignificadas por Pêcheux⁴. As formações ideológicas (FI) são a reprodução de lugares histórico-ideológicos, ocupados por sujeitos, em um dado discurso e que define uma determinada posição em oposição à(s) outra(s). Já as formações discursivas (FD) são “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, p. 43), e conseqüentemente, o que não pode e não deve ser dito.

Althusser diz que a ideologia religiosa cristã “fala” “não apenas em seus dois Testamentos, através de seus teólogos, em seus Sermões, mas em suas práticas, seus rituais, suas cerimônias e seus sacramentos” (1985, p. 99), como por exemplo, no batismo, na crisma, na comunhão, na confissão e outros ritos. Ela dirige-se aos indivíduos para transformá-los em sujeitos, para obedecê-la ou rebelar-se contra ela mesma.

No interior da religião cristã, pelo processo interpelativo de transformação de indivíduos em sujeitos religiosos cristãos, ocorre um fenômeno surpreendente, marcado pela

⁴ O conceito de “formação discursiva”, originalmente, encontra-se em Foucault, na obra “Arqueologia do saber”, publicada em 1969. Diz o autor: “Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (1986, p. 43). Em Pêcheux, ela adquiri um outro estatuto, conforme será demonstrado posteriormente neste trabalho.

subordinação de um grande número de sujeitos, “sob a condição absoluta da existência de um *Outro Sujeito* Único, Absoluto, ou seja, Deus” (ALTHUSSER, 1985, p. 100). Esse Sujeito é inscrito com “S” maiúsculo para diferenciá-lo dos outros sujeitos. Segundo o autor,

Deus precisa dos homens, o Sujeito precisa dos sujeitos, assim como os homens precisam de Deus, os sujeitos precisam do Sujeito. Ou melhor: Deus precisa dos homens, o Sujeito dos sujeitos, mesmo na temível inversão de sua imagem neles (quando estes se deixam levar pelos excessos, quer dizer, pelo pecado). (1985, p. 101).

Portanto, a categoria de sujeito comporta “duas direções: a de ser sujeito e a de assujeitar-se” (ORLANDI, 2009, p. 242). Tem-se aqui o caráter ambíguo de toda palavra, reconhecido pela AD. Essa ambiguidade implicada no termo “sujeito”, no caso da interpelação ideológica, é apresentada por Althusser:

1º “uma subjetividade livre: um centro de iniciativa, autor e responsável por seus atos”;

2º “um ser subjugado, submetido a uma autoridade superior, desprovido de liberdade, a não ser a de livremente aceitar a sua submissão”. (1985, p. 103-104).

Ora, esse fato remete ao princípio da contradição, presente em todo e qualquer discurso, e, conseqüentemente, no discurso religioso. Todo sujeito religioso, cristão, católico é constituído pelo “livre arbítrio” e pela coerção. O “sujeito livre” se aceita sujeitado pela Palavra, ou seja, pela voz do Sujeito.

De acordo com Orlandi, “a ideologia determina o espaço de racionalidade pela linguagem” (2009, p. 242). E, nesse aspecto, a religião é o espaço por excelência para o trânsito da ideologia, para a determinação da submissão dos sujeitos pelo Sujeito. De um lado, a onipotência Dele, de outro, a submissão humana.

Os sujeitos, para serem ouvidos pelo Sujeito, necessitam cumprir regras ritualísticas e obedecer a Palavra. Devem professar a fé, serem bons e livres do pecado.

Segundo Eco, a materialidade da relação entre o Sujeito e os sujeitos resulta na alienação dos segundos sob o primeiro. Esse fato orienta para uma necessidade entre o desejo de “ser” e “ter”, e o alcance ou não, de pedidos e súplicas na forma de graças. Diz o autor:

O homem, de algum modo, sente que é infinito, isto é, capaz de querer de modo ilimitado, de querer tudo, digamos. Mas percebe não ser capaz de realizar o que deseja, e então precisa imaginar-se um Outro (que possua em medida optimal o que

ele deseja de melhor) e a quem se delegue a tarefa de preencher a fratura entre o que se quer e o que se pode (1984, p.112).

Já Lacan, em o “Triunfo da Religião”, ao ser inquirido sobre a relação triunfal da religião sobre a psicanálise, respondeu: “Não é de maneira alguma por intermédio da confissão. Se a psicanálise não triunfar sobre a religião, é porque a religião é inquebrantável. A psicanálise não triunfará: sobreviverá ou não” (2005, p. 65).

Na mesma obra, ele já havia se referido à confissão, como sendo uma “conversa para boi dormir” e acrescentou, “por que acha que as pessoas se confessam?” (2005, p. 64). Segundo ele, uma das respostas possíveis seria que, interpeladas pela religião, as pessoas, na sua forma imaginária, pensam estar livres do pecado que cometeram, por terem se confessado, podendo dormir tranquilas após a penitência dada pelo confessor, isto é, pelo representante de Deus.

O psicanalista afirma que “a religião, sobretudo a verdadeira, tem recursos de que sequer se suspeita. Por ora, basta ver como ela fervilha. É absolutamente fabuloso” (LACAN, 2005, p. 65). Esse dizer lacaniano confirma-se quando se olha para o contexto sócio-ideológico do acontecimento religioso, que este estudo trata, sobretudo, pela mobilização de sujeitos, em atitudes performativas⁵, que demonstram situações de enlevo e salvação⁶ e que caracterizam os discursos religiosos: de milagres, de exortação, de súplicas e outros.

Com relação à religião verdadeira, ele diz ser a romana e “tentar colocar todas as religiões no mesmo saco e fazer o que se chama de história das religiões é realmente horrível. Há *uma* (grifo do autor) verdadeira religião, é a religião cristã” (2005, p. 67). Comenta ainda que “a religião é feita para isso, para curar os homens, isto é, para que não percebam o que não funciona” (2005, p. 72).

Tal posicionamento, juntamente com o da Análise de Discurso, permite fazer-se a leitura do DRC sobre milagres como um ato ideológico, interpelativo do sujeito e, ao mesmo tempo, identificar-se o apagamento do que poderia imprimir no sujeito marcas de resistência à dominação. Compreende-se, pois, esse discurso como um dizer interpelativo-ideológico e autoritário.

⁵ O dizer dos fiéis liga-se a um fazer. Movidos pela fé, oram, ficam de joelhos, erguem os braços em direção à imagem da Virgem e outros gestos.

⁶ Na ilusão da ultrapassagem do mundo temporal para o mundo espiritual, os fiéis agradecem por graças alcançadas.

2.2.3 A voz de Deus

O discurso religioso, de acordo com Orlandi, é “aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus” (2009, p. 242-243). A autora coloca que, nesse tipo de discurso, há um desnivelamento na relação entre Deus (Sujeito) e os homens (sujeitos).

Deus, na condição de locutor, situa-se no plano espiritual, e os sujeitos, na posição de ouvintes, situam-se no plano temporal. Nessa relação, de ordens de mundos diferentes, há um desnivelamento que pressupõe uma hierarquia, portanto, uma desigualdade na interação. O mundo espiritual está acima do mundo temporal.

Orlandi, ao tratar da interpretação das palavras do discurso religioso pelos seus agentes, mostra a assimetria existente entre a ordem temporal e a espiritual: na primeira, a relação com o sagrado faz-se através dos representantes da Igreja (o Papa, o Bispo, os Padres); na segunda, a relação estabelece-se através dos mediadores (Nossa Senhora, os Santos).

A autora afirma que “o representante, ou seja, aquele que fala do lugar de Deus transmite suas palavras” (ORLANDI, 2009, p. 253). Representa-O legitimamente, todavia não é Deus.

A ordem espiritual, mediada por Nossa Senhora e os Santos, como já colocado, é para onde os sujeitos lançam seus pedidos, assumindo compromissos com Deus. Mediante o alcance desses pedidos, na forma de milagre, fica estabelecida uma dívida de “pagamento de promessa”. No catolicismo, é comum ouvir o discurso: “Devo pagar minha promessa por ter alcançado tal milagre”. Portanto, tem-se uma materialidade discursiva, sob forma de comprometimento de uma dívida, que remete a uma submissão.

Vale dizer, nesse aspecto, que Jesus Cristo, nessa relação entre mundos, não é “representante” e nem “mediador”. É o próprio Deus materializado, que se humanizou, tornando-se acessível aos sujeitos.

Em qualquer religião cristã, Deus é infinito, absoluto, onipotente, imortal, infalível e eterno. Os sujeitos interpelados por Ele são finitos, relativos, mortais, falíveis e efêmeros. Com isso, fica estabelecida uma assimetria na interação, que funda uma desigualdade: imortalidade VS mortalidade que instaura a relação vida VS morte.

Deus é imortal, e o sujeito mortal. Considerando a não reversibilidade, o sujeito não poderá, sob hipótese alguma, ocupar o lugar de Deus. Assim, a única saída para os

sujeitos, ou seja, a fuga da morte “para todo o sempre” será possível pela promessa de salvação para a vida eterna. Para o acontecimento dessa promessa divina, será necessário ter fé na existência do Sujeito. Daí, surgirem os discursos religiosos católicos de temores a Deus.

O discurso religioso é a “voz que se fala na outra da qual é representante” (ORLANDI, 2009, p. 244). O padre fala a voz de Deus. Segundo a autora, isso gera uma forma de mistificação, caracterizada pela apropriação da voz de Deus pelo representante.

Desse modo, a subsunção toma forma de uma voz pela outra. É o “como se”, diferente do “faz-de-conta”, que tem relação com o imaginário. O “como se”, no discurso religioso católico, tem relação com o simbólico, isto é, com dogmas e determinações espirituais pela linguagem. Ou seja, é a linguagem “viva” de Deus que se dirige aos sujeitos. Em outras palavras, “é “como se” Deus falasse: a voz do padre é a voz de Deus” (ORLANDI, 2009, p. 244).

Dado esse contexto, o padre não pode modificar o dizer do Sujeito, pois, não lhe cabe autonomia para tal. Segundo Orlandi, “há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus” (2009, p. 245). Diz a autora:

A interpretação própria da palavra de Deus é, pois, regulada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossímia. No cristianismo, enquanto religião institucional, a interpretação própria é a da Igreja, o texto próprio é a Bíblia, que é a revelação da palavra de Deus, o lugar próprio para a palavra é determinado segundo as diferentes cerimônias. (2009, p. 246).

A Bíblia, enquanto palavra de Deus, é interpretada à luz da autoridade da igreja e da tradição católica. Assim, a autora assevera que o discurso religioso é fechado, e isso se deve a não autonomia do representante em relação à voz de Deus. É obscuro, sempre-já dito a todos os sujeitos. Conforme Rabuske,

A Bíblia (no grego é o plural de *biblion*, livro) é uma coleção de livros, uma biblioteca, estruturada segundo vários gêneros literários, escrita por muitos autores, ao longo de mil anos aproximadamente, que tem por referente último a Deus, e exprime a *confissão de fé* dos autores sacros (1994, p. 78).

Segundo o autor, a confissão de fé nos documentos bíblicos traduz-se em formas de discurso, como narrativas, prescrições, profecias, hinos, parábolas, cartas e outros. Cada forma de discurso, de acordo com o estilo recorrido, apresenta uma ideia diferente de Deus.

Sendo assim, fica estabelecida “a distância entre o dito de Deus e o dizer do homem”, colocando em evidência a diferença “entre a significação divina e a linguagem humana” (ORLANDI, 2009, 245).

Tal fato remete à noção de mistérios, compreendidos através de diferentes interpretações diante da significação divina, como por exemplo, os discursos sobre curas da saúde pela fé católica.

A fé pressupõe salvação, portanto, crença no Sujeito. Desse modo, DRC é uma promessa para os que creem na existência de Deus e uma ameaça aos que não creem.

Outro aspecto relevante, com relação à DRC, é o fato do dizer desse discurso ser ritualizado, isto é, dado de forma prévia. Existem formas de falar com Deus. Essas formas se materializam através de orações prescritas, ou por expressões, como por exemplo, “Ó, meu Deus”, “Louvado seja Deus”, “Assim seja”, “amém” e outros.

2.2.4 O mundo espiritual e o temporal

Toda religião apóia-se na capacidade do espírito humano apreender o espaço sagrado. Esse fato funda uma relação entre dois mundos: o temporal e o espiritual. No discurso religioso católico, podem-se destacar duas direções na relação do mundo temporal com o mundo espiritual. A primeira refere-se ao movimento de cima para baixo, ou seja, Deus divide suas particularidades com os sujeitos, seus representantes no mundo temporal⁷. A segunda relaciona-se ao movimento de baixo para cima, isto é, os sujeitos se dirigem a Deus, nas formas de orações ou expressões ritualizadas, sobretudo na forma de pedidos e súplicas. A esses movimentos Orlandi chama de “formas de ultrapassagem” (2009, p. 251), como ilustra a figura 1.

⁷ Segundo Orlandi (2009), isso se dá através da infabilidade do Papa, do ato de ministrar os sacramentos, da consagração na missa, das bênçãos divinas e entre outras prerrogativas.

Figura 1: ultrapassagem mundo espiritual/temporal



Nesse contexto de ilusão de reversibilidade, percebe-se o milagre sendo “a confirmação da ilusão da reversibilidade, da passagem de um plano a outro: nele se juntam a interferência divina e a inexplicabilidade da ciência dos homens” (ORLANDI, 2009, p. 251).

O mundo espiritual escapa à compreensão, na mesma medida em que Deus, Aquele que é, escapa também à nomeação pelo sujeito. Desse modo, Deus interpela os sujeitos, ordenando práticas, regulando vidas, salvando ou condenando almas. Os sujeitos submissos, por sua vez, respondem, pedem, agradecem, penitenciam-se ou exortam-se.

A dinâmica dessa relação permite referir que os atributos de Deus e dos sujeitos estão bem definidos, não permitindo qualquer hipótese de permeio entre os espaços discursivos. De outro modo, tentar romper ou invadir os espaços discursivos do Sujeito, não é outra coisa senão blasfêmia, heresia ou pecado, sendo as duas primeiras formas da terceira.

2.2.5 As propriedades e traços do discurso religioso

O DRC possui propriedades e marcas. Com relação às propriedades, encontram-se a não reversibilidade e sua ilusão, bem como a ausência de autonomia do representante de Deus para modificar a Sua voz. Com relação às marcas, essas residem na dissimetria entre os planos: morrer/viver, não ver/ver, perder-se/salvar-se e outros, materializadas no uso de antíteses, mecanismo implicado no funcionamento semântico do DRC que relaciona os mundos: espiritual e temporal. Para Orlandi, esses mundos “são opostos e afetados de um valor hierárquico, a negação tem um efeito invertido”. (2009, p. 257).

Considerando a pragmática do discurso religioso, a autora diz que “o mecanismo geral da negação é o *sim* pressuposto no ouvinte” (2009, p. 257). Isto é, a retórica da

denegação, ou seja, a negação da negação. Em outras palavras, na dissimetria, os sujeitos acumulam valores negativos, como por exemplo, o pecado, que é o *não* para Deus. Na medida contrária, os sujeitos, diante do discurso religioso, denegam o pecado, estabelecendo uma aliança com Deus. Ou seja, aceitam passivamente uma relação de submissão.

A retórica da denegação está relacionada à fé. E, somente a fé conduzirá o sujeito à vida eterna. Nesse contexto, cabe apresentar as características que tipificam os discursos religiosos, de acordo com Orlandi (2009, p. 258):

a) exortação: identificação dos sujeitos entre si, mediante a igualdade, a quantificação e a denegação, como por exemplo, a expressão usada no sermão pelo representante de Deus (padre): “Caríssimos irmãos!”.

b) enlevo: identificação com os propósitos divinos. Visam à ultrapassagem entre os mundos: espiritual e temporal, e, expressam a ilusão da reversibilidade.

c) salvação: identificação de pedidos de representantes de Deus aos fiéis, e agradecimentos de graças alcançadas pelos sujeitos.

Essas características, de acordo com o que se pode observar, são acompanhadas de elementos da materialidade que trabalham em função do processo interpelativo dos sujeitos. Dentre eles, destacam-se os usos de:

a) imperativos verbais como demonstra a figura abaixo relacionada ao verbo “ser” e “fazer”;

Figura 2: cartaz em exposição na Basílica Santuário de Nazaré



b) vocativos, visando à doutrinação, como por exemplo, a expressão: “Deus, tenha piedade de nós”;

c) metáforas e paráfrases, visando orientar para uma compreensão numa determinada direção, tendendo à monossemia;

d) citações em latim, que são traduzidas por perífrases extensas e explicativas;

e) performativos, como por exemplo o discurso: “Eu te batizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...”;

f) sintagmas cristalizados, como orações: “Ave Maria, cheia de graça...”.

Determinadas unidades textuais, compreendidas como discursos escritos, também configuram discursos religiosos, como por exemplo, as parábolas e a abordagem de certos temas como: vida eterna, paraíso celeste, viver na fé, e outros.

2.2.6 Deus e a linguagem simbólica

A linguagem utilizada nos discursos religiosos baseia-se na experiência de Deus, que é estruturada, em primeiro nível, pela linguagem simbólica da Bíblia e, em segundo nível, pela linguagem teológico-especulativa (RABUSKE, 1994, p. 55). Portanto, o discurso religioso diz algo sobre o referente “Deus”.

Cassirer, ao tratar da linguagem relacionada ao mito, refere que,

Já houve quem acentuasse, [...] milhares de anos antes da era cristã, Deus como um ser espiritual, que pensou o mundo antes de criá-lo, e usou a Palavra como meio de expressão e como instrumento de criação. (2009, p. 65).

Essa referência postula que a Palavra é o elemento fundante, gênese de todas as coisas e fatos existentes no mundo. Prova desse fato é o primeiro livro de Moisés, integrante da Bíblia, denominado de *Gênesis*. Diz o autor:

É a palavra de Deus que separa a luz das trevas, que suscita de seu imo o céu e a terra. Os nomes das criaturas terrenas já não são, porém, conferidas pelo próprio Criador, mas por mediação do homem. Depois de haver Deus criado todos os animais do campo e todas as aves do ar, Ele as conduz ante o homem, para ver como este as nomeará, “pois, tal como Adão denominasse cada criatura vivente, assim devia ser seu nome (Gênesis, 2,19). Por meio desse ato denominativo, o homem

toma posse física e intelectual do mundo, submete-o a seu conhecimento e domínio (2009, p. 99).

A linguagem bíblica evoca um mundo novo para o sujeito, uma nova aliança pautada na fé, um Reino de Deus aos confessores dessa fé, e um nascimento novo aos que acreditam na promessa divina. Assim, a linguagem bíblica e os discursos religiosos, nela inseridos, constituem os sujeitos, afetados pela ideologia cristã.

A linguagem diz algo sobre Deus, e seus significados relacionam-se à essência Dele, que, em termos pragmáticos, cria a ilusão de ultrapassagem do mundo temporal para o espiritual e a possibilidade de interferência desse último na vida dos sujeitos, como já referido. É o que se pode constatar nos enunciados: “Esteja à minha frente para me iluminar! Esteja atrás para me proteger! Esteja ao meu lado para me amparar! Amém!”.

2.3 A RELIGIÃO CRISTÃ

2.3.1 A inominação de Deus

Deus é inominável. Sua inominação sustenta-se sob tensão, pois, ao mesmo tempo, permite uma infinidade de nomes. De acordo com Ricoeur, em entrevista com Edmond Blattchen, sobre a obra “Deus sem nome...”, as reticências inclusas apontam para a antinomia “inominável/plurinominável”. Assim se pronuncia:

Seria preciso escrever inúmeros nomes divinos, pois penso que é entre o inominável e a profusão dos nomes que se representam ao mesmo tempo o religioso, o filosófico, a crítica do religioso pelo filosófico, a crítica do filosófico pelo religioso (2002, p. 17).

Ricoeur destaca alguns nomes de Deus, como Conselheiro Magnífico, Pai Todo-Poderoso, Príncipe da Paz, e outros. Comenta, ainda, que os nomes, sob tensão discursiva, estão sempre se opondo entre si, pois o mesmo “Deus dos exércitos” é o “Deus Misericordioso”, e também o “Senhor da guerra”. Rabuske registra que “a profecia apresenta

um Deus *diferente*, que ameaça com acontecimentos terríveis e que, de fato, castigou com o exílio da Babilônia⁸” (1994, p. 79).

Portanto, o Deus do Exílio é o mesmo Deus do Êxodo, o Deus da saída em massa dos hebreus do Egito. Assim, na linguagem simbólica relacionada ao referente Deus, haverá sempre contrastes, marcando antíteses, como por exemplo, Deus da cólera/Deus da compaixão.

Ricoeur observa, na entrevista, citada anteriormente, que o pré-socrático Heráclito já discursava sobre a existência de “um deus, vários nomes. Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, saciedade e fome, mas ele muda como o fogo quando é misturado com fragrâncias” (2002, p. 19).

O autor assevera que o discurso “Eu sou aquele que sou,... é uma espécie de redundância sobre o verbo ‘ser’ e que não diz nada” (2002, p. 18). Pode-se entender então que a necessidade de nomear Deus é uma necessidade humana. Cassirer também faz referência à passagem bíblica em que esse enunciado se encontra, qual seja:

Quando Deus, ao se revelar a Moisés, foi por ele inquirido sobre o nome pelo qual deveria designá-lo aos israelitas, se estes desejassem saber quem era o Deus que o enviara, deu Ele a seguinte resposta: “Eu sou aquele que sou. Dize-lhes: O “Eu sou” enviou-me a vós” (CASSIRER, 2009, p. 94).

De acordo com o autor, a utilização do nome de Deus depende da situação particular de cada sujeito que O invoca. Quem deseja conseguir Sua proteção, deve tomar cuidado no gesto invocativo, se quiser fazer parte do círculo divino, “pois, cada serviço oferecido em honra do deus, cada desejo dirigido a ele, só é acolhido por ele na medida em que se der sob o seu devido nome” (CASSIRER, 2009, p. 72-73). Isso justifica a recorrência de uma multiplicidade de nomes atribuídos a Ele. Segundo ele, “para o sentimento religioso, o poder de um deus se expressa na abundância de seus epítetos” (CASSIRER, 2009, p. 90).

Quanto ao entendimento de Deus no mundo temporal, diz Ricoeur: “quanto mais compreendemos as coisas singulares, mais compreendemos Deus” (2002, p. 41). Esse fato remete à singularidade, característica de Deus relacionada à unicidade Dele, que a *priori* instaura uma contradição com a multiplicidade de nomes, e que, ao mesmo tempo, instala sua condição de inefável.

⁸ No Antigo Testamento, Jeremias, Ezequiel e Daniel profetizam sobre a deportação em massa e exílio dos judeus do antigo Reino de Judá para a Babilônia, por Nabucodonosor II, pela primeira vez em 598 a.C., e em 587 a.C. por uma segunda vez.

Deus se afirma como Sujeito sobre todos os outros sujeitos que, mesmo sendo singulares e únicos em suas existências, fazem parte de um conjunto de que Dele se aproxima, por vários motivos e interesses, caracterizando um conjunto, uma generalidade, em que a singularidade e a unicidade de cada um escapa. Em outras palavras, os sujeitos deixam de ser singulares e únicos, para se tornarem massa de sujeitos, passíveis de interpelação pelo Sujeito Único.

Deus determina o modo de ser e viver dos sujeitos. Orienta a maneira de como devem encarar as questões relacionadas à existência no mundo temporal. Pela linguagem simbólica, Ele está em todos os lugares. Não permite a noção de vazio existencial, mas a de preenchimento na existência. Para Orlandi,

O sentimento religioso, o misticismo, a relação com aquilo que representa o não-limite (Deus), não está fechado no espaço dos templos religiosos ou nas formas institucionais da religião. Está espalhado pelo cotidiano. Adquire múltiplas formas e acompanha o homem em seu dia-a-dia. Às vezes de forma grave, às vezes de forma heróica, às vezes de forma mais explícita, outras mais disfarçadas (2009, p. 255).

De acordo com Eco, ao tratar do tema “O sagrado não é uma moda”, as ideias sobre Deus, relacionadas à história da humanidade, são de dois tipos (1984, p. 114):

a) Deus é pessoal. Remete à plenitude do ser. “Eu sou como aquele que é”. Resume em si, todas as virtudes que o homem não tem. É o Deus da onipotência, da vitória e dos exércitos.

b) É aquele que não é. Não pode ser nomeado e nem descrito, por nenhuma categoria, como são designadas todas as coisas. Atravessa a história do Cristianismo. Esconde-se e é indizível. Chega-se a ele somente pela teologia. É tudo aquilo que não pode ser dito. Fala-se Dele, comemorando a ignorância sobre ele.

Ainda Cassirer, ao tratar do tópico relacionado às inominações, afirma que,

Só uma designação pode caber a este Deus, junto à que o qualifica como Criador do mundo, Formador de homens e deuses: a do Ser simplesmente. Ele engendra e não é engendrado, pare e não é parido, Ele mesmo é o Ser, o Constante em tudo, o Permanente em tudo. Por isso, Ele “é desde o princípio”, “é desde a origem” e tudo o que é, chegou a ser depois que Ele foi. Todos os nomes divinos isolados, concretos e individuais, foram aqui fundidos no único nome do Ser; o divino exclui todo atributo particular, não pode mais ser descrito por nenhuma coisa e só pode ser predicado por si mesmo. (2009, p. 93).

Prothero, por sua vez, comenta que “Tomás de Aquino admitiu que é mais fácil dizer o que [Deus] não é do que o que Ele é”. (2010, p. 88).

Deus “reside” no sagrado. É um ser divino. Segundo Eco, baseado em Rudolf Otto, o sagrado é uma intuição não produzida pelo homem, mas que por ele sente atração. “Ele produz um senso de terror, uma irresistível fascinação, um sentimento de inferioridade e um desejo de expiação e sofrimento” (ECO, 1984, p. 114).

2.3.2 Jesus Cristo e o Cristianismo

Jesus Cristo “é Filho do Homem” (ECO, 1984, p. 111), e escolhido por Ele para ser a encarnação palpável. É judeu por nascimento. Para Prothero, é “Deus (que) assumiu a forma de um bebê indefeso, gerado de uma jovem hebréia assustada, e foi educado pelas mãos rudes de um carpinteiro” (2010, p. 62).

Foi o nome de Jesus Cristo que orientou para o Grande Movimento Religioso, que a humanidade conheceu - o Cristianismo. Esse fato sócio-político, histórico e religioso apontou para a existência de um Deus Único, fundador e fundado sobre a fé relacionada à salvação para a vida eterna como promessa Divina e que se fundamenta no evangelho.

Essa fé gira em torno da pessoa de Jesus, a quem os cristãos tradicionalmente consideram Filho de Deus, Salvador, e Cristo (da palavra grega para o termo hebraico *messiah*, o rei que vem para restaurar o mundo). (PROTHERO, 2010, p.63).

O termo evangelho é usado para indicar os quatro evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João – que estão contidos no Novo Testamento da Bíblia, que também é nominada de Escritura Sagrada. Fazem parte, também, da estrutura do discurso bíblico, o Antigo Testamento, que é composto das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo e mais alguns livros complementares. Na realidade, o termo “evangelho” remete ao sentido de “boa nova”, visando à conversão de fiéis.

Segundo Espinosa, a Bíblia não foi escrita por um único autor, pelo contrário, é “obra de muitos homens, com maneira de ser diferentes e vivendo em épocas igualmente diferentes” (2008, p. 214).

O discurso bíblico, do início ao fim, produz efeitos de sentido, que vão do pecado, em particular, do cometido por Adão e Eva no Jardim do Éden⁹, à salvação. Na perspectiva bíblica, os seres humanos estarão sempre propensos a cometer pecados.

Outro aspecto a considerar é o fato de os cristãos, desde muito tempo, dedicarem-se à tradução, publicação e distribuição da Bíblia, em diferentes idiomas, num gesto que consideram sagrado. Atualmente, a Bíblia é o livro mais publicado e lido no planeta. Jesus é o personagem mais reconhecido no mundo, e o Cristianismo a religião mais popular.

De acordo com Chauí, o surgimento do Cristianismo tem suas raízes na religião judaica¹⁰, diferindo-se desta pela ideia de evangelização, com o propósito “de espalhar a “boa nova” para o mundo inteiro, a fim de converter os não-cristãos e tornar-se uma religião universal” (1997, p. 222). Desse modo, o Cristianismo primitivo foi um movimento que imprimiu uma ação intensa de conversão. “É, desde os seus primórdios, uma religião missionária” (PROTHERO, 2010, p. 76).

No processo de evangelização, que levou em consideração as condições e mentalidade dos que deveriam ser convertidos – gregos e romanos – o objetivo era mostrar a superioridade da verdade cristã sobre a filosofia, destacando-se São Paulo, São João, Santo Ambrósio, Santo Eusébio, Santo Agostinho e outros, que foram os primeiros padres da Igreja.

As bases evangelizatórias tinham por orientação o fato de que o Cristianismo era uma religião da salvação, com interesse na moral e nas práticas de preceitos virtuosos deixados por Jesus Cristo; e que, por ser uma religião vinda do judaísmo, possuía uma ideia muito clara do Ser (Deus) e que seu maior interesse estava na fé, na crença e na Revelação.

Considera-se fundamental destacar aqui as concepções metafísicas gregas do Cristianismo, oriundas do: a) neoplatonismo; b) estoicismo; c) gnosticismo.

O neoplatonismo afirmava a existência de três realidades diferentes: o mundo sensível da matéria, o mundo das formas puras imateriais e uma realidade suprema separada de tudo e fora do alcance do intelecto humano, que seria o Uno ou o Bem.

Eco, ao tratar do “Elogio de Santo Tomás de Aquino”, em particular da concepção neoplatônica, assevera que “bem longe há Deus, em cuja inatingível globalidade se agitam os princípios das coisas, as ideias” (1984, p. 335).

⁹ Durante a criação do mundo, Deus criou Adão e Eva. Estabelece-os no jardim do Éden. Tudo ia bem, até desobedecerem à ordem de Deus, ao comerem o fruto da única árvore proibida. Em consequência, foram expulsos do jardim, e entrou na história dos homens o pecado, a morte e o sofrimento.

¹⁰ Prothero denomina-o como um movimento desertor do judaísmo que, entre outras coisas, aboliu o ritual da circuncisão para seus adeptos.

Dessa concepção resultou a compreensão de matéria e espírito, a separação entre Deus-Uno e as outras coisas do mundo, daí surgindo a Trindade divina formada pelo Ser (Pai), Inteligência (Espírito Santo) e Alma do Mundo (Filho).

Surgiram também, nesse contexto, as ideias sobre os anjos na forma de arcanjos, querubins, serafins e outros, e iniciou-se a disseminação da noção de criação do mundo por Deus a partir do nada; a intercessão do Filho e do Espírito Santo ao Pai para o alcance de graça santificante, que era possível pelo êxtase místico de contato com Deus, envolvendo o mistério divino.

O estoicismo, por sua vez, afirmava a existência de uma Razão Universal que produzia e governava a realidade, e que era chamada de Providência. Dessa premissa, o Cristianismo admite a crença na Providência divina que governa o mundo, inclusive o sujeito, que para sua “perfeição”, depende do abandono dos impulsos e desejo carnis, que se assentam na fé em Cristo e em graças divinas.

O gnosticismo, ao seu turno, afirmava a existência do Bem ou luz imaterial, e do Mal ou treva material, e que a salvação estaria relacionada à libertação da matéria pelo conhecimento intelectual e pelo êxtase místico. Essa concepção postulava que o Mal existia e tinha como representante o demônio, que agia sobre o mundo e sobre o homem pela matéria ou carne.

A história do Cristianismo continuou em seu percurso, reelaborando as concepções metafísicas gregas em uma metafísica cristã. Nessa direção, são reestruturadas as ideias de que Deus criou o mundo a partir do nada, acrescentando que o fim do mundo acontecerá no dia do Juízo Final. Postulou que Deus é onisciente – presente por toda eternidade – e onipotente – tudo pode.

O homem é livre e composto de corpo e de alma imortal, possuindo a capacidade de escolher entre o bem e o mal. Pelo pecado estará destinado à perversidade e ao vício, e pela ação moral e boa será guiado pela fé e pela Revelação divina. A razão humana é limitada e imperfeita e, para alcançar a verdade, necessita do socorro da fé e da Revelação.

Para Prothero, “embora o cristianismo sempre tenha girado em torno de salvação do pecado, ele fala também da sacralização do banal” (2010, p. 62). Ou seja, ao orientar sobre o sagrado, também refere aspectos da vida mundana, visando um propósito santo. Essas ideias constituem-se em grandes desafios de provas circulantes em meio ao que é sagrado e ao que é pecado.

Os metafísicos cristãos defendiam postulações como a existência de Deus com seus atributos ou predicados no interior da essência – eternidade, infinitude, onisciência, onipotência, bondade, justiça, e misericórdia – que eram traduzidas em mistério de fé.

Eles queriam provar que o mundo existe por obra divina, que tudo no mundo era obra de Deus, mas esse mundo não era eterno, haveria o dia que retornaria ao nada, isto é, no dia do Juízo Final.

Nesse contexto, os metafísicos cristãos argumentavam que Deus é o criador, e as coisas eram as criaturas de Deus, que nada têm em comum com o seu criador.

Chauí coloca que, na concepção metafísica cristã, a vontade divina governa tudo e todos no mundo, que “é governado pela Providencia divina, a qual age tanto por meios naturais (as leis da Natureza), quanto por meios sobrenaturais (os milagres)”. (1997, p. 225).

Segundo a autora, existiram outras provas que a metafísica cristã se viu compelida a explicar como: embora sendo Deus imaterial e infinito, como pode suas ações ter efeitos materiais e finitos como o mundo e o próprio homem?

Deus é causa imaterial, e os efeitos de suas ações são materiais. No entendimento dos metafísicos, seria a fé, onde não há contradição, mas mistério, que a razão, mesmo sendo espaço de contradição, é obrigada a aceitar o mistério da fé.

Em outras palavras, para os metafísicos cristãos,

Fé e razão, Revelação e conhecimento intelectual não são incompatíveis nem contraditórios e, quando o forem, a fé ou Revelação deve ser considerada superior à razão e ao intelecto, que devem submeter-se a ela. (CHAUÍ, 1997, p. 227).

Pensamento similar tem Eco (1984). Ao discorrer sobre a cristianização das ideias aristotélicas, diz que Santo Tomás de Aquino,

Nunca pensou que com a razão se pudesse entender tudo, mas que tudo se compreende pela fé: só quis dizer que a fé não estava em desacordo com a razão, e que, portanto, era até possível dar-se ao luxo de raciocinar, saindo do universo da alucinação (1984, p. 339).

Essas postulações demandaram desacordos entre os pensadores cristãos. Para muitos, fé e razão são incompatíveis e deveriam ser separadas, cada uma com seu campo próprio de conhecimento, sem hierarquia de uma sobre a outra.

Todavia, “o dado de fé acabava prevalecendo sobre qualquer outra coisa e guiava o deslindar da questão, ou seja, que Deus e a verdade revelada precediam e guiavam o movimento da razão laica” (ECO, 1984, p. 340).

Na atualidade, Prothero (2010) diz ser o Cristianismo tão “elástico”, que chega a ser um absurdo recorrer a um único termo, para definir crenças e comportamentos tão diferenciados, como por exemplo, os pentecostais, os mórmons, os católicos e os ortodoxos.

Segundo ele, são três, os maiores ramos do Cristianismo: a) ortodoxos; b) católicos; c) protestantes.

A igreja ortodoxa não é governada por um papa, mas por um patriarca, cuja autoridade restringe-se à nação onde fica situada. Os ortodoxos celebram a Eucaristia em alto estilo, com incenso, músicas sacras e vestimentas clericais ricas e coloridas. Valorizam a visão, que os envolve com os mistérios da divindade, por meio de ícones de santos. Os sacerdotes das paróquias podem se casar, todavia, é imperativo o celibato aos bispos. Os ortodoxos têm por foco a encarnação e a ressurreição como comunhão mística com Cristo.

Os católicos constituem a instituição internacional religiosa mais antiga em funcionamento no mundo, tendo uma posição centralizada na figura de um papa, que fica no Vaticano, e insistem no celibato do clero.

O universo católico está povoado de pessoas e objetos que giram em torno do sagrado. Você pode ter acesso a Deus pela oração aos santos, fazendo procissões nas ruas em feriados católicos ou peregrinando pelas igrejas que levam o nome dos santos. Estão entre os santos católicos mais populares São Francisco de Assis (fundador da ordem monástica dos franciscanos), São Judas Tadeu (o padroeiro das causas impossíveis) e a Virgem Maria, que é celebrada pelos católicos nas festas da Anunciação, da Imaculada Conceição e da Ascensão ao céu. A oração “Ave-Maria” está diariamente nos lábios de milhões de católicos ao redor do mundo. (PROTHERO, 2010, p. 72).

Católicos e protestantes centram-se na história cristã em termos legalistas, com ênfase na crucificação de Cristo, como o perdão para todos os pecados. Todavia, diferem na maneira de como mantêm relações com o sagrado.

Os protestantes, em seus rituais, não admitem o termo “rezar”, ou seja, produzir orações pré-concebidas. Para eles, a relação com o sagrado se dá pelo gesto de “orar”. Isto é, manter um contato direto com Deus, sem intermediações, como por exemplo, com santos. Consideram que os católicos ao venerarem Maria ofuscam “até mesmo a adoração ao próprio Jesus” (PROTHERO, 2010, p. 72).

Arendt, referindo-se ao ensaio “Agostinho e o protestantismo”, coloca que “recuando nos séculos até antes da era católica, Lutero derivou de Agostinho seu conceito de crente cuja consciência se põe numa relação direta com Deus” (2008, p. 57).

Outro ramo do Cristianismo, não menos importante, são os anglicanos, considerados como um caminho do meio entre católicos e protestantes, porém muito próximos dos católicos.

Todos os cristãos são uma espécie de monoteístas flexíveis, quando comparados ao monoteísmo rígido dos judeus e muçumanos, que não aceitam esculturas da imagem de Deus, e muito menos a Sua humanização. Os cristãos “entendem Deus como uma trindade real: três pessoas em um Deus” (PROTHERO, 2010, p. 62). Ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo.

Segundo o autor, no Credo Niceno (Concílio de Niceia), no governo de Constantino (272-337), há a seguinte declaração: “um Deus, o Pai, o Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, um Senhor, Jesus Cristo, o único Filho de Deus; e o Espírito Santo, o Senhor, o doador da vida” (2010, p.62).

Jesus possui diferentes significados para os cristãos. Na antiguidade, Ele foi o Messias em Jerusalém, mensageiro da verdade na Grécia e imperador em Roma. Na atualidade, pode ser branco, negro, conservador, liberal, capitalista, socialista pacifista, guerreiro, atleta, inspirador de direitos humanos e outros termos, que dependem de posições-sujeito no discurso. Em termos gerais,

Para todos os cristãos, Jesus representa o poder de Deus no mundo. Alguns enfatizam Seu papel como um mestre cujas palavras e ações nos ensinam a cuidar do pobre, libertar o oprimido e construir o reino de Deus. Outros o veem como um operador de milagres que cura os enfermos, expulsa demônios e ressuscita os mortos. Outros, ainda, o recebem como Salvador cujas feridas e morte na cruz do calvário pagaram a dívida de pecado da espécie humana e nos garantiram a salvação (PROTHERO, 2010, p. 64).

2.3.3 O catolicismo e a igreja

A religião católica é uma das formas do Cristianismo. Reside nas bases de um Deus único, ou seja, no Deus dos Dez Mandamentos. Funda-se na fé, na observação aos sacramentos em oposição ao cometimento de pecados.

Na tradição católica, existem sete Pecados Capitais: orgulho, inveja, ira, preguiça, luxúria, gula e cobiça; e, de acordo com o discurso bíblico, sempre haverá, constantemente, a “propensão humana ao erro e à prática do mal” (PROTHERO, 2010, p. 65). Segundo esse discurso, todo mundo nasce e permanece pecador.

Felizmente, (...) o cristianismo é uma religião de resgate, e esse resgate se tornou possível quando Jesus morreu na cruz. Naquele dia, um Jesus sem pecado levou nossos pecados sobre Ele. Três dias depois, naquilo que os cristãos comemoram como a Páscoa, Ele demonstrou o poder de Deus sobre o pecado ao ressurgir dos mortos. A “boa notícia”, portanto, é que qualquer um que der ouvidos a esta história, confessar seus pecados e se voltar para Jesus em arrependimento será perdoado e salvo. (PROTHERO, 2010, p. 65).

Com relação aos sacramentos, esses também são sete: batismo, confirmação (ou crisma), reconciliação (confissão ou penitência), comunhão (Eucaristia), matrimônio, ordenação de padres e extrema-unção aos doentes à beira da morte. Segundo a crença católica, trata-se de formas de os católicos chegarem a Deus. Durante as missas, no momento da consagração, ou de Eucaristia, o pão e o vinho são transubstanciados no corpo e no sangue de Jesus Cristo.

O pensamento althusseriano, ponto de vista nocional, concebe toda igreja, enquanto instituição social, situada no interior de uma sociedade, com suas finalidades definidas e relacionadas às suas práticas, um Aparelho Ideológico de Estado (AIE). Ou seja, é uma instituição que tem por primazia, difundir ideologia a serviço da dominação de sujeitos.

Em seus estudos, Althusser comenta que Antonio Gramsci foi perspicaz em suas anotações que, embora parciais, fizeram avançar, no interior da “teoria marxista”, a compreensão da complexidade da organização do Estado, com a reunião de diferentes instituições da “sociedade civil” como igreja, escolas, sindicatos e outros (1985, p. 67).

De acordo com o filósofo, “as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas” (1985, p. 70). Nesse aspecto, compreende-se o verbo “moldar” no lugar de “domesticar”, “inculcar”, ou melhor, “interpelar”, e o nome “ovelhas” no lugar de “fiéis”, e porque não dizer “sujeitos”, pois, como ovelhas que integram um rebanho (massa), assim são vistos os sujeitos no interior de uma religião. Em outro comentário, o autor lembra que

O aparelho religioso (sempre) lembrando nos sermões e em outras cerimônias do Nascimento, do Casamento e da Morte que o homem é cinza e sempre o será, a não

ser que ame seu irmão ao ponto de dar a outra face àquele que primeiro a esbofetear (1985, p. 78).

De acordo com esse discurso, para não virar cinza, o homem necessita ser dócil diante de seu algoz, ser submisso ante o seu dominador. É preciso que tenha a dor (condição de explorado) como fio condutor da salvação eterna para que não vire pó.

Na Idade Média, período compreendido entre o século V e XV, a Igreja tinha sob sua tutela, várias funções que advinham de diferentes AIE, sobretudo dos escolares. Esse fato é perceptível, quando se coloca o olhar para o sistema de ensino da época, ou seja, para a educação medieval. Tratava-se de um ensino gerido pelo clero, demonstrando o poder de interpelação que o sistema religioso tinha, através do desenvolvimento das práticas das igrejas em ampliar o número de fiéis (sujeitos), para o cumprimento de suas doutrinas, baseadas em dogmas ou preceitos, visando garantir a dominação e a subordinação ideológica.

Somente a partir do século XVI, até o XVIII, com a Reforma Protestante (1517), iniciou-se uma luta anticlerical e antirreligiosa, caracterizada pela contestação contra a posição dominante do Aparelho Ideológico de Estado religioso. Esse fato constituiu-se num movimento reformista cristão, cujas posições diferentes da doutrina da Igreja Católica propunham mudanças. Dentre as posições defendidas, de interesse deste estudo, destaca-se a relacionada à fé, visando à salvação.

Nesse período, para os católicos, a salvação pela fé e o alcance do reino dos céus dependia do “auxílio” (pagamento) dos fiéis (sujeitos) nas obras da Igreja, que implicaria o merecimento de “indulgências”, ou seja, perdão temporário dos pecados pelo ato da confissão. Para os reformistas, a salvação estava relacionada à fé exclusiva em Deus, portanto não dependia de qualquer pagamento, sobretudo material.

No final do século XVIII, de 1789 a 1799, de acordo com Althusser (1985, p. 76), a Revolução Francesa, além de transferir o poder do Estado, da aristocracia feudal para a burguesia capitalista-comercial, também empreendeu luta voraz contra a Igreja, inclusive confiscando seus bens e ainda diluindo suas funções em outros AIE.

Dando um salto no tempo, de acordo com Arendt, no ensaio “Cristianismo e revolução”, publicado em 1945, no “The Nation”, “os ensinamentos da Igreja ainda representam um bastião da razão humana” (2008, p. 184).

Para Beozzo, o papel da Igreja continua sendo o de evangelizar, e assim postula que,

Evangelizar é levar a vida para o outro, não como discurso mas como vida realmente. Isto implica numa missão profética, ou seja, a de anunciar e denunciar. O que nos permite “anunciar e denunciar” é o fato de o homem ser “fruto do amor de Deus”, podendo superar os condicionamentos sociais. (1984, 177-178).

Destarte, nessa concepção, a igreja é um lugar santo, a casa de Deus, o templo que ressanctifica continuamente o mundo e o contém nesse processo. Para Eliade, “a igreja é concebida como imitação de Jerusalém celeste, e isto desde a antiguidade cristã; por outro lado, reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste”. (2008, p. 57).

2.3.4 A fé e a salvação

Cabe abordar agora questões relacionadas à fé, enquanto móvel para a salvação ou vida eterna. Para tanto, torna-se fundamental aproximar-se da Escritura Sagrada, considerando-a um discurso ideológico que interpela os sujeitos.

Segundo Orlandi, a fé tem papel fundamental na existência dos sujeitos. Coloca a autora que “é uma graça recebida de Deus pelo homem”, e assevera que “o homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus” (2009, p.250). Diz ainda:

Entre as qualidades do espírito está a fé, que é o móvel para a salvação. Isto é, dada a condição humana em relação a Deus, dada a separação indicada por essa condição (o pecado existe), a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição de mudar em direção à salvação. (2009, p.250).

Espinosa (2008), ao tratar da fé, no Tratado Teológico-Político (TTP), afirma que o discurso bíblico tem por intento definir a fé pautada na obediência, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento e, nesse aspecto, os sujeitos se submetem de livre e espontânea vontade. Para o filósofo, ter fé é “crer em Deus e adorá-lo ou, o que vem a dar no mesmo, obedecer-lhe” (2008, p. 215). Prova deste fato é que a Bíblia admite a ignorância humana, todavia nunca a desobediência. Comenta o autor:

A Bíblia ensina com toda a clareza e em muitas passagens o que cada um deve fazer para agradar a Deus, quando diz que toda a lei consiste unicamente em amar o próximo: nessa medida, ninguém pode negar que todo aquele que ama o próximo como a si mesmo porque Deus manda é realmente obediente e feliz segundo a lei,

enquanto aquele que odeia e despreza o próximo é rebelde e insubmisso. (2008, p. 216).

De acordo com o autor, esse é o mandamento único e o critério de toda fé católica. Nele, a fé distingue os fiéis dos não fiéis, os convictos dos não convictos. A fé é determinante da exclusão ou inclusão dos sujeitos no espaço da Igreja. São incluídos os sujeitos que acreditam na Palavra, e excluídos os que não acreditam nas promessas divinas.

O Cristianismo, como se sabe, reúne várias religiões que se assentam na conversão de fiéis. No espaço da Igreja Católica, haverá sempre discursos, visando à conversão de não fiéis, para fomentar a crença na Palavra divina.

Tomando por base essas considerações, destacam-se os dois fundamentos da fé, apresentados por Espinosa:

I – A fé pode salvar, não por si mesma, mas em função da obediência.

II – Aquele que é de fato obediente possui necessariamente a verdadeira fé, que leva à salvação, pois, [...] verificando-se a obediência, verifica-se a fé”. (2008, p. 217).

Um aspecto de importância capital desses fundamentos é de que não há fé sem obras. São as obras que determinam a condição dos sujeitos serem fiéis ou infiéis. Por elas, os sujeitos são julgados para o merecimento da promessa divina, ou seja, para o alcance do reino do céu e vida eterna. Diz o autor:

Se as obras forem boas, quem as pratica é fiel, mesmo que discorde dos outros fiéis no que respeita aos dogmas; se, pelo contrário, as obras forem más, ele é infiel, por mais que suas palavras concordem com a dos fiéis. (ESPINOSA, 2008, p. 217).

Nessa sequência, cabe destacar os dogmas fundamentais que orientam a fé católica, tendo como premissa o fato de que “existe um ser supremo que ama a justiça e a caridade, ao qual, para ser salvos, todos têm de obedecer e adorar, cultivando a justiça e a caridade para com o próximo” (ESPINOSA, 2008, p.219). O autor destaca os dogmas que sustentam a fé:

- a) existe um Deus, supremo, justo e misericordioso, modelo de verdadeira vida;
- b) existe um único Deus, que possui superioridade sobre todos os outros deuses;
- c) Deus está em toda parte e Dele nada se esconde;
- d) Deus tem o direito e o domínio total de tudo. Todos devem obedecer-lhe;

e) o culto e a obediência a Deus baseiam-se na justiça e na caridade, ou seja, no amor ao próximo;

f) quem obedece a Deus, alcançará a salvação. Quem vive sob o império das paixões, estará perdido;

g) Deus perdoa todos os pecados dos sujeitos que se arrependem. Se isso não fosse fundamental, ninguém receberia a misericórdia divina. Lembre-se: todo sujeito é um pecador em potencial.

Esses dogmas orientam-se ideologicamente para interpelar todos os sujeitos, sem exceção. Caso um seja rejeitado, a obediência fica comprometida e conseqüentemente a fé, não cabendo, ao sujeito desobediente, a salvação. Segundo Arendt, no ensaio “A religião e os intelectuais”, “ou Deus existe e as pessoas acreditam n’Ele... ou Ele não existe e as pessoas não acreditam n’Ele”. (2008, p. 259).

Com relação à compreensão e interpretação dos dogmas pelos sujeitos, cada um deve adaptá-lo ao seu modo de vida, de forma a aceitá-los sem resistência e pleno de convicção, pautado num ponto básico: a fé compreende a piedade como fio condutor da obediência a Deus.

De acordo com Espinosa, “a fé não exige tanto a verdade quanto a piedade e só é piedosa e pode salvar em função da obediência, pelo que ninguém é fiel a não ser em função da sua obediência” (2008, p. 221). O autor assevera que quem tem a maior fé é quem tem as melhores obras de justiça e caridade.

2.3.5 O milagre e a natureza

Para abordagem deste tópico, retoma-se o discurso de Baruch de Espinosa (2008), contido no Tratado Teológico-Político (TTP). Interessa, ao presente trabalho, sua posição baseada em fundamentos filosóficos que têm por âncora a relação entre a natureza e as coisas do espaço divino, ou seja, de Deus. Nesse âmbito, destaca-se a noção de milagres.

Logo de início, o autor diz que existe uma ideia de que os milagres são resultantes de causas naturais, e esse pensamento remete à noção da negação da existência de Deus e sua providência. Em outras palavras, seria como dizer que Deus estaria inativo, quando a natureza estaria em franco funcionamento, determinando a ordem normal dos acontecimentos.

Essa noção também provoca o surgimento de um sentido contrário, isto é, quando Deus age, a potência da natureza e suas causas naturais estariam paradas. Nesse aspecto, Arendt no ensaio “A religião e os intelectuais”, comenta que “algumas posições autenticamente ateístas muitas vezes negam a ideia de uma cadeia causal e defendem a hipótese de um caráter fortuito e acidental de todos os fatos” (ARENDR, 2008, p. 257). Segundo a autora, são essas posições que supõem que a religião se trata de uma ‘panacéia ilusória’.

No contraponto dessa noção, a filósofa coloca que, tomando a casualidade como princípio válido, sempre se chegará à ‘demonstração’ da existência de Deus e recorre a Kant (1724-1804) para dizer que “nunca é possível provar a existência de um *fato* (grifo do editor) pela dedução lógica”. Assevera ainda o seguinte: “cientificamente falando, não podemos provar nem infirmar a existência de Deus. Uma “atitude científica” que se crê capaz de tais asserções é supersticiosa e acrítica” (2008, p. 257).

Retomando-se o raciocínio de Espinosa, ou seja, considerando as forças da natureza e de Deus, estar-se-ia diante de duas forças distintas. Todavia, segundo o autor, a força da natureza estaria mediada pela prevalência da força de Deus, como pensam a maioria dos sujeitos, embora não consigam explicar os meandros entre uma e outra. Diz ele:

O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza e, em parte por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, prefere ignorar as causas naturais das coisas e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. (2008, p. 96).

São sobre essas noções de milagre que o autor discorre sua crítica, pontuando que, sendo assim, as leis da natureza são simples decretos de Deus, dependentes da obra e perfeição divina. Ou seja, a força de Deus subverte a força da natureza.

Nesse caso, a possível desordem na natureza é inadmissível, quando se concebe que a natureza é criação da força divina. Deus, na condição de Ser Perfeito, não produz imperfeições. Portanto, todas as coisas da natureza estão plenamente organizadas pela obra divina, fato que, para Espinosa, não faz sentido.

Da relação entre natureza e obra divina, o autor apresenta outra noção para o que seja milagre, pautado na sua posição-sujeito de filósofo. Ou seja, compreende “que não se pode entender, nem a essência, nem a existência, nem a providência de Deus, através dos

milagres, e que tudo isso pode compreender-se muito melhor pela ordem fixa e imutável da natureza” (2008, p. 98).

Em outras palavras, o milagre é algo que se explica pelos fundamentos das coisas da natureza, aqui compreendida como ciência. Na realidade, ele é um fato que ultrapassa a compreensão humana e rompe com a ordem da natureza.

Para Espinosa, não seria correto afirmar que os milagres contrariam as leis da natureza e muito menos que sejam coisas sobrenaturais. Paradoxal e ideologicamente, os milagres foram criados para relatar mistérios divinos, e mistérios não foram criados para serem explicados pela razão humana. Os milagres residem no espaço do sagrado, provocando admiração (interpelação) aos sujeitos religiosos.

Ainda tratando-se da relação entre natureza e razão, é fundamental dizer que não há entre essas, dissonância alguma do ponto de vista do pensamento espinosista. Para Espinosa, “tudo o que é contrário à natureza é contrário à razão; e o que é contrário à razão é absurdo” (2008, p. 108). Nessa vertente, o autor comenta que a visão de milagre como algo excepcional relaciona-se à ignorância dos sujeitos.

Nesse contexto, “os milagres requerem causas e circunstâncias e não são consequências de um não sei que poder real ficticiamente atribuído a Deus” (ESPINOSA, 2008, p. 113). Na realidade, são fenômenos naturais que podem e devem ser explicados à luz das ciências.

De modo contrário, os sujeitos religiosos compreendem o que seja milagre, de acordo com suas convicções religiosas, de modo a satisfazer condições existenciais no mundo espiritual. Postulam uma fé cunhada em um culto específico prestado a Deus.

Na perspectiva deste estudo, os discursos sobre milagres, produzidos por sujeitos católicos, têm uma historicidade que se funda nos discursos já-ditos no início do Cristianismo. Esses discursos têm por base os princípios baseados na fé, como móvel da salvação para a vida eterna, mas, para isso, é preciso acreditar na existência do Sujeito, como Deus Único, Onipotente e provedor de milagres.

Ao final deste capítulo, cabe referir que os discursos sobre milagres, sob o foco da AD, constituem-se discursivamente por determinações históricas e ideológicas, por dizeres (re)feitos em novas formas semântico-discursivas, o que implica independência, mas também
tensão com outros discursos.

3 O ACONTECIMENTO: CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

A proposta deste capítulo é descrever o acontecimento “Círio de Nossa Senhora de Nazaré”, reconhecendo-o como objeto simbólico. Neste tópico, lança-se o olhar para o acontecimento relacionado aos pressupostos ideológicos do Cristianismo, que presentificam a manifestação da religiosidade, constituindo os sujeitos fiéis.

Inicialmente, aborda-se a gênese da fé na Virgem de Nazaré no Pará, discursivizada na lenda sobre o surgimento da Imagem da Virgem no século XVIII. Em seguida, apresenta-se uma descrição desse acontecimento na atualidade e sua interrelação com a história e a memória.

3.1 UMA HISTÓRIA, UMA LENDA

A posição deste estudo não é tratar os dados históricos em sua cronologia, mas encontrar neles pontos de significação relativos à origem da devoção à Virgem de Nazaré no Pará que continuam a reverberar nos discursos atuais. Em outras palavras, procura-se encontrar a memória constitutiva desses discursos que atravessa o acontecimento.

Conta a lenda que, no fim do ano de 1700, um caboclo de nome Plácido José de Souza, certo dia saiu para caçar nas imediações do igarapé Murutucu. Depois de muito caminhar, sentou-se às margens do igarapé para descansar. Nesse momento, viu a imagem de uma Santa sobre pedras e coberta de lodo¹¹. Assim relata Vianna:

Um dia errava nas matas da tortuosa estrada do Utinga, hoje transformada na bela avenida Nazaré, um destemido caçador que, acossado pela sede, em vão buscava um igarapé onde bebesse. Na infrutífera pesquisa descobriu umas pedras cobertas de virentes trepadeiras, entre as quais, em uma espécie de nicho natural, deparou com uma pequena imagem da Virgem de Nazaré.

Tomado de surpresa, supersticioso e crente, viu o caçador naquele achado um fato sobrenatural que o seu cérebro não podia explicar, e logo acudiu-lhe à mente a ideia de conduzir a imagem para a sua pobre choupana. (1904, p. 230).

11

Segundo Rocque (1981), há divergência entre os historiadores regionais. Uns afirmam que sua profissão era a de lavrador, outros, que teria sido um lenhador, um pescador, ou um caçador. Ainda segundo autor, há também divergência entre os cronistas do passado quanto ao local em que foi encontrada a Virgem. Uns afirmam que foi num galho de taperebazeiro, outros, entre pedras lodosas, outros, num nicho natural, e há ainda os que dizem que fora trazida de Vigia (cidade do interior do Pará). Maués (2009), em sua pesquisa sobre o tema, em Vigia, coletou, sob a forma de discursos ordinários, informações de que teria sido encontrada num “marajazal” (lugar alagadiço e cheio de espinhos).

O caboclo levou a imagem da Santa para casa, acomodando-a num simples oratório, demonstrando com esse gesto, respeito e veneração pela mesma. Mas, para sua surpresa, na manhã do dia seguinte, a imagem havia desaparecido do oratório. Plácido ficou abismado com o fato e saiu caminhando pela estrada que levava às margens do Murutucu. Sua surpresa foi maior ainda, quando percebeu que a imagem estava novamente sobre as pedras, no mesmo lugar onde fora encontrada.

Segundo os devotos, a Imagem desapareceu outras vezes do oratório, e o fato chegou ao conhecimento do governador da época, que mandou que a levassem para o palácio e lá a manteve sob severa vigilância. Mas, pela manhã, havia sumido novamente.

Os devotos¹², então, concluíram que a Santa queria ficar às margens do igarapé e no mesmo local onde havia sido achada¹³. Desse modo, foi construída a primeira Ermida¹⁴ dedicada à Virgem. Segundo Vianna:

Não tardou que os milagres da santa a tornassem popular e atraíssem ao humilde albergue uma forte corrente de devotos, uns que iam implorar-lhe de joelhos, com a esperança n'alma, o alívio para os seus males ou para os sofrimentos de entes caros; outros já curados, que apressavam-se a saldar a dívida sagrada da promessa. (1904, p.232-233).

Neste local¹⁵, atualmente, encontra-se erigida a “Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré”, onde até os dias atuais, a Imagem, em estilo barroco, feita de madeira, permanece no “Glória”¹⁶ (figura 3), e só desce de lá durante o “Círio”¹⁷, para ficar mais perto dos devotos, e por ocasião do aniversário do Santuário.

¹² Para os devotos, o que importa é a sua fé, e não o que a ciência estabelece como “verdade”.

¹³ Vários historiadores denominam o fato como “o achado de Plácido”.

¹⁴ O termo “ermida” significa capela em lugar ermo ou fora de um povoado.

¹⁵ Em torno da ermida, desenvolveu-se o bairro de Nazaré, que hoje fica localizado na área central da cidade de Belém.

¹⁶ Aureolam luminosa (nicho), no alto do altar da Basílica e fixada na parede.

¹⁷ Do latim *cereu*, significa vela grande de cera que é carregada em procissões.

Figura 3: Arquivo particular do autor



De lá para cá, a Santa tem mobilizado milhões de fiéis, através de visitas à Basílica durante o ano, ou através do “Círio”, acontecimento simbólico-religioso de veneração à Virgem. A ela são atribuídos muitos milagres, a quem os fiéis agradecem na forma de “pagamento de promessa”, por ocasião do referido acontecimento, realizado anualmente, sempre no segundo domingo de outubro.

3.2 A ORIGEM DO CÍRIO

De acordo com Maués (2009), o primeiro “Círio” no Pará, ocorreu no final do século XVIII. Naquela época, o Pará fazia parte do Estado do Grão-Pará e Rio Negro. Comunicava-se diretamente com Lisboa e mantinha subordinação política diante da Corte Portuguesa.

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal. Lá aconteciam promessas de cera, oferecimento de velas para os altares, e acendimento do grande círio, durante a festividade dedicada à Santa.

No Pará, a origem do “Círio” está relacionada ao acontecimento religioso de Portugal, bem como ao desaparecimento da Imagem da casa de Plácido, conforme referido anteriormente. Esse fato foi determinante para o início das realizações do Círio.

De acordo com Rocque, o acontecimento no Pará é precedido de uma romaria realizada no dia anterior e denominada de “trasladação”. O historiador refere que, naquela época, “a imagem (era) levada para a capela do Palácio, na véspera e, no dia seguinte, é transportada para o seu altar, erguido às margens do igarapé da Santa” (1981, p. 31), da

mesma forma como descrito na lenda. Esse trajeto perdurou durante todo o Período Colonial do Brasil (1500-1822).

No primeiro “Círio”, ocorrido em 8 de setembro de 1793, autorizado pelo Vaticano, no ano anterior, a Imagem foi levada do Palácio do Governo, no colo do arcepreste¹⁸ José Monteiro de Noronha, governador do bispado, até a catedral, acompanhada por aparato de cavalaria, clarins, continências e seguida pela população.

No início não havia data fixa, e poderia ser qualquer dia dos meses de setembro, outubro ou até mesmo de novembro. Somente a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, passou a ser realizado sempre no segundo domingo de outubro.

Mais tarde, com a significação religiosa crescente e determinação do bispo Dom Macedo Costa, “a imagem passou a ser levada, na trasladação, até a catedral, que se localiza a poucas centenas de metros da capela do palácio”, de acordo com Maués (2009, p. 44), e até hoje continua assim. Para o autor, o “Círio” é um ritual, que reconta uma parte da narrativa do “achado” da Santa a cada ano.

Durante os anos, várias adaptações ou mudanças ocorreram no acontecimento. Todavia, essas guardam relação entre a história e os discursos da atualidade. Por exemplo, no início era uma procissão vespertina, que alcançava o período noturno, com uso de velas, daí o termo “Círio”. A partir de 1854, a procissão passou a ser realizada pela manhã, por conta de uma chuva¹⁹ torrencial. Esse fato provocou um deslizamento na interpretação do termo “círio”, mas do ponto de vista da história e da ideologia, a discursivização sobre o acontecimento, permanece a mesma em novas estruturas linguísticas.

3.3 O ACONTECIMENTO

O “Círio de Nossa Senhora de Nazaré” é tido como uma das maiores manifestações religiosas do Brasil, congregando, atualmente, em torno de dois milhões de pessoas. Trata-se de uma procissão, que é realizada sempre no segundo domingo de outubro,

18

Titulo de dignidade de determinados párocos, sobre outros párocos.

19 Na cidade de Belém chove todas as tardes, independente de ser inverno ou verão. Em discursos ordinários, os habitantes costumam dizer aos seus interlocutores, ao agendar encontro: “te encontro depois da chuva”.

na cidade de Belém²⁰ do Pará. Mobiliza toda a população da cidade, que conta aproximadamente um milhão e quatrocentos mil habitantes (IBGE), que se somam às populações ribeirinhas²¹ e de vários municípios do interior do Estado, além de outros sujeitos, vindos de outros estados e países. De acordo com “*A Coluna de Ana Carolina*” (Diário do Pará, 11 out. 2009, p. 5), estima-se que durante o acontecimento do Círio, a população da capital do Estado cresça em pelo menos dez por cento.

Durante o Círio, o tráfego no centro da cidade é modificado, sobretudo no domingo, dia da procissão maior, com novas orientações aos condutores de veículos, pedestres, motociclistas e ciclistas, para garantir um melhor fluxo da população, das romarias e procissões, conforme o calendário de eventos (anexo 2), estabelecido pela Diretoria do Círio.

Esse acontecimento também é reproduzido em várias cidades do Brasil ao mesmo tempo, ou em momentos diferenciados, mas sempre em torno da fé sob um mesmo tema. Tal fato marca a aceitação do acontecimento, ensejando a conversão, fato esperado e decorrente da ideologia cristã.

Portanto, esse aspecto possui relação com a interpelação ideológica. Althusser concebe o sistema religioso como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE). A religião é uma instituição social que interpela sujeitos pelo desenvolvimento de práticas relacionadas à ideologia. Para ele, a “ideologia fala de atos... inscritos em práticas... reguladas por rituais nos quais estas práticas se inscrevem no seio da existência material de um aparelho ideológico” (1985, p. 91). Ou seja, a ideologia funciona

em um aparelho ideológico material, que prescreve práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença. (ALTHUSSER, 1985, p. 92).

Como desdobramento dessa interpelação ideológica, a população paraense em discursos ordinários, significa o acontecimento como “o natal dos paraenses”, dando-lhe lugar de importância na fé religiosa católica e demonstrando veneração à Virgem Maria, à Mãe de

²⁰ Fundada em 1616, às margens da baía de Guajará, no “Forte do Presépio”, mais tarde denominado “Forte do Castelo”.

²¹ Populações de moradores às margens do rio Amazonas e seus afluentes.

Jesus. Na realidade, esse acontecimento reflete o “encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17).

Esse fato se comprova materialmente pela preparação das residências com novas pinturas e decorações nas fachadas. Após a procissão, os devotos recebem convidados e familiares, vindos de outros lugares para o “almoço do Círio”. Há uma correspondência com a ceia natalina de dezembro. É uma confraternização entre familiares, em torno de mesa farta, composta por pratos regionais, como “pato no tucupi”, tradicional na culinária paraense, acompanhado de arroz branco; maniçoba, feito com folha de mandioca (maniva) e cozida durante sete dias, vatapá; doces e outros sabores.

Devotos mais jovens da Virgem de Nazaré costumam chamá-la carinhosamente de “Santinha”, “Nazica” ou “Nazinha”, com a finalidade de aproximá-la ao plano terreno, incluindo-a assim na produção de discursos ordinários.

O acontecimento, espaço privilegiado de rituais religiosos, também reúne rituais do espaço profano, como por exemplo, a expressão teatral “Auto do Círio”, vinculada à Universidade Federal do Pará (UFPA). É uma forma dramática de teatro, espetáculo itinerante a céu aberto, que coloca lado a lado, artistas profissionais e amadores, que pelas vias públicas do bairro da Cidade Velha, vão encenando temas que refletem dualidades: popular/erudito, oração/dança, fé/alegria, crente/ateu, ribeirinho/urbano, festa/ritual e reflexão/carnaval.

Outro evento, vinculado ao espaço profano, é a “Festa da Chiquita”, uma homenagem da comunidade GLBT²² em praça pública, precisamente na Praça da República, com apresentações artísticas de performances de travestis e *drag queens*. O acontecimento, para Maués (2009), às vezes é mais paixão do que festa, mas também, às vezes é mais festa do que paixão.

A cada novo acontecimento, a Diretoria do Círio, junto à Igreja Católica no Pará, define o tema que norteará os dizeres relacionados a ele e à fé na Virgem Maria. Trata-se de um discurso que orientará todos os outros discursos. No Círio de 2010, esse discurso foi enunciado sob a forma “Maria, a bem-aventurada porque acreditou”, conforme consta no cartaz oficial do acontecimento²³ (anexo 3). Esse discurso “inaugura uma nova forma de dizer, estabelecendo um marco inicial de onde uma nova rede de dizeres possíveis irá emergir”. (GODOY, 2001, p. 11).

²² Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (travestis e transexuais).

²³ O cartaz oficial do acontecimento mede 46X64 centímetros.

O fato marca a participação expressiva de sujeitos no acontecimento, gerando um envolvimento de católicos em torno de um único discurso – o discurso da fé, reproduzido em vários outros discursos.

Na noite do segundo sábado de outubro, que antecede ao “Círio”, é realizada uma procissão noturna, à luz de velas, denominada “Trasladação”. Nela, os fiéis (sujeitos) conduzem a Imagem Peregrina²⁴ (figura 5), entalhada em madeira, com aproximadamente vinte e oito centímetros de altura, no interior de uma berlinda, da Capela do Colégio Gentil Bittencourt, localizado no bairro de Nazaré, até a Catedral Metropolitana, no bairro da Cidade Velha. Essa romaria repete parte do discurso da lenda do “achado” da Imagem, nas margens do igarapé do Murutucu.

Figura 4: Imagem original



Fonte: gledsondesousagirao.blogspot.com

Figura 5: Imagem Peregrina

²⁴ No acontecimento, há a mobilização de duas imagens: uma que se relaciona ao “achado de Plácido” (figura 4), e outra que reúne a nominativa de “Imagem Peregrina”. A primeira, segundo a lenda, não pode sair da Basílica Santuário, a segunda, réplica da primeira, é conduzida nas várias procissões e romarias pela cidade e estados da Federação.



Fonte: Disponível em: <<http://www.iasep.pa.gov.br/>>

No domingo, acontece a procissão do “Círio”, propriamente dita. Trata-se da condução pelos fiéis, da Imagem Peregrina, da Catedral Metropolitana à Basílica Santuário, no Largo de Nazaré pela manhã. É um percurso de retorno da “Trasladação”, que dista em torno de três quilômetros e seiscentos metros, sendo percorrido aproximadamente por seis horas (Diário do Pará, 5 out. 2010, p. A5), sob excessivo calor²⁵. São milhares de sujeitos que, interpelados pela ideologia cristã católica, acompanham a Imagem ou assistem a sua passagem dos entrecruzamentos das ruas, das sacadas dos edifícios, das janelas das casas, dos pátios e arquibancadas armados nas ruas e praças públicas, fazendo orações, cantando hinos de louvor.

A distribuição voluntária de água aos romeiros e/ou promesseiros para amenizar o calor, durante as romarias e procissão, é uma prática comum da população em sinal de “pagamento de promessa” por graças alcançadas.

No momento da procissão, são distribuídas por empresas comerciais, ventarolas de papel (anexo 4) aos fiéis, servindo para divulgar essas empresas e para amenizar o calor excessivo. Nelas se acha impresso o hino “Vós sois o lírio mimoso”, além de orações à Virgem. Vê-se, nesse fato, a intromissão do capital no acontecimento político-religioso.

Neste estudo, o acontecimento é visto como objeto simbólico que, pela língua, constitui uma forma-sujeito histórica, ligada à religião católica. Ela funda-se através de discursos que se mostram de várias formas e valem-se de diferentes estruturas linguísticas. É hino, como o impresso na ventarola (anexo 4); orações cristalizadas (anexo 5); pedidos de

²⁵ Na região norte só existem duas estações climáticas: inverno e verão. O mês de outubro é marcado por temperaturas elevadas.

graças, como por exemplo, “Eu te peço, Mãe, a minha cura!”; agradecimentos por graças alcançadas; pagamentos de promessas (figuras 6 e 7), gestos performativos (figura 8), e outros.

Figura 6: pagador de promessa



Fonte: Arquivo particular do autor

Figura 7: pagador de promessa



Fonte: Arquivo particular do autor

Figura 8: fiéis tomando a bênção da Virgem



Fonte: Encarte do Jornal "O liberal" /Amazônia sustentável.

Neste estudo, concebe-se que o sujeito existe no universo físico, todavia, constitui-se, fundamentalmente, no mundo simbólico, criado pela linguagem e pelas significações que constroem a “realidade”. Isto é, o sujeito move-se num mundo essencialmente simbólico, constituído por símbolos.

Assim, é imperativo “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”. (ORLANDI, 2005, p. 15). Ou seja, é preciso relacionar a linguagem à exterioridade do dizer, a partir das condições de produção desse dizer. No caso, têm-se a ideologia fundadora da convicção religiosa católica, enquanto fenômeno constitutivo do sujeito.

Dentre os vários símbolos do acontecimento, têm-se a berlinda (figura 9), que leva a imagem da Santa; o manto da Imagem (figura 10) que, a cada ano, é confeccionado com material caro e importado, contando com a ajuda de doações, quase sempre anônimas; as velas ou círios, feitos em cera; o carro dos milagres (figura 11) que recolhe os ex-votos, ou seja, as peças de cera que representam as graças alcançadas pelos fiéis e outros. Há ainda um símbolo que chama atenção, pelo emprego da força física, por parte dos fiéis: a corda (figura 12).

Figura 9: berlinda



Fonte: Revista “Círios de Nazaré”, Editora Círios SS Ltda., 2010

Figura 10: Manto de 2009



Fonte: Disponível em: <http://www.orm.com.br/projetos/cirio/2009/fotos/simbolos/manto2.jpg>

Figura 11: carro dos milagres



Fonte: arquivo particular do autor

Figura 12: corda do Círio em exposição.



Fonte: arquivo particular do autor.

Os fiéis para segurar a corda, ficam em vigília desde a noite do sábado, às proximidades da Catedral, a fim de garantirem seu lugar no gesto de “acompanhar o ‘Círio’ na corda”. Geralmente, esses fiéis estão com os pés descalços e, ao final da procissão, muitos se encontram feridos pelo fato de pisarem-se uns aos outros.

Segundo os devotos, a corda representa o elo entre eles e a Virgem. Observa-se ainda que, os fiéis nesse gesto, em sua maioria, são jovens estudantes, de ambos os sexos, pagadores de promessa por aprovação em processos seletivos de instituições de ensino superior. No final do cortejo religioso, eles apresentam as mãos cheias de calos, e muitas vezes, sangrando, pelos ferimentos provocados no empreendimento da força, no ato de “segurar a corda” (figura 13).

Figura 13: corda do Círio na procissão.



Fonte: Disponível em: <<http://www.orm.com.br/projetos/cirio/2009/tradicaosimbolos.asp>>

Como já referido, interessa neste estudo, os Discursos Religiosos Católicos (DRC) sobre milagres, relacionados à cura de doenças ou à melhoria da saúde de mulheres adultas, atribuídos à Virgem de Nazaré. No interior do acontecimento é comum encontrar sujeitos em gestos de “pagamento de promessa”, constituídos pela língua, através de discursos.

Os “pagamentos de promessa” se revestem de sacrifícios. Muitas vezes, são gestos exagerados e absurdos, causando sofrimento para o corpo humano. Há registros de promesseiros que durante a procissão, carregam cruces de madeira pesada, vestem casacos tecidos com cipós e caranguejo vivos, carregam miniaturas de barcos, casas e tijolos na cabeça, andam de joelhos todo o percurso, ou carregam parte do corpo humano confeccionada em cera, e que são depositadas, no final do cortejo religioso, no carro dos milagres.

O pagamento de promessas durante a procissão é um dos fatos mais impressionantes. Em agradecimento (sic) as graças recebidas por intercessão da Santa, muitos romeiros se vestem com longas mortalhas arrastando pesadas cruces de madeira, outros levam miniaturas de casas, mini-embarcações e muitos outros objetos que aludem aos milagres feitos pela Virgem. No "carro dos milagres", um barco sobre rodas onde são colocados braços, cabeças e outras partes do corpo trabalhadas em cera, que representam a cura de uma enfermidade por milagre da Santa. Este carro representa o naufrágio do navio São João Batista, em 1846, em que as pessoas se salvaram graças à ação milagrosa da Virgem.²⁶

Para Maués, ao comentar o antropólogo Pierre Sanchis, que dizia que a promessa é

[...] a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. A promessa tem a ver com a visão de mundo do romeiro, que é uma visão encantada, forjada pelo numinoso²⁷... e pelo maravilhoso... , mas que se refere, fundamentalmente, a uma forma de comunicação, que é essencial, entre o humano e o divino (2009, p. 53).

Após a realização da procissão, durante quinze dias, período denominado “quadra nazarena”, acontecem várias homenagens à Virgem. Nesse período, funciona um arraial no Largo de Nazaré, espaço privilegiado de “socialização intensa, mas fugaz, dominada pela liberdade relativamente às regras, à ausência de trabalho, à gratuidade” (MAUÉS, 2009, p.

²⁶ Disponível em: <<http://www.cdpara.pa.gov.br/cirio.php>>

²⁷ O termo significa a relação do ser humano com fatores sobrenaturais de toda ordem, que agindo no estado psíquico, faz surgir uma atitude religiosa. (cf. Otto, 2007).

54). Trata-se de uma espécie de exposição a céu aberto, onde existem barracas com vendas de comidas típicas, bebidas e parque de diversão.

No quarto domingo de outubro, acontece o encerramento do acontecimento. À noite, exatamente à meia noite, há uma queima de fogos de artifício, em que a população maciçamente se junta na Praça Santuário para assistir. Na segunda feira, bem cedo, pela manhã, acontece o “Recírio”, última procissão, a das despedidas, quando a Imagem Peregrina é levada da Praça Santuário para o seu nicho na capela do Colégio Gentil Bittencourt, só saindo de lá no próximo ano, para o próximo Círio.

A relação entre esse acontecimento e os Discursos Religiosos Católicos (DRC) sobre milagre, é que constitui o objeto de interpretação deste trabalho. Com base na Análise de Discurso de filiação pecheuxtiana, buscar-se-á a compreensão do funcionamento dos enunciados coletados, a partir da materialidade histórica dos discursos e da opacidade da língua. Ou seja, trata-se de responder as questões: como os discursos religiosos sobre milagres relacionam-se com a história e a ideologia religiosa? De que forma se materializam provocando efeitos de sentidos nos sujeitos?

Parte-se do ponto de que o acontecimento constitui-se num “processo de evangelização desenvolvido pela Igreja Católica” (MAUÉS, 2009, p. 48). Ele reflete fenômenos do catolicismo que, “vem sendo constatado desde a Idade Média: santos “achados”, “que choram”, que “vertem sangue”, que se manifestam a videntes, quer de forma visível ou através de mensagens interiores, são fatos repetitivos” (MAUÉS, 2009, p. 37).

Portanto, logo se vê que, o Círio é um acontecimento de participação expressiva de sujeitos interpelados pela ideologia cristã. Ele aponta para um acontecimento de conteúdo sócio-político-religioso, aparentemente transparente, dado o espaço de memória que convoca a participação popular e os testemunhos dos fiéis. Entretanto, na realidade, trata-se de um acontecimento opaco, afetado por aspectos ideológicos que o atravessam materializado nos discursos.

4 A ANÁLISE DO DISCURSO: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, apresentam-se algumas noções relacionadas à epistemologia da Análise do Discurso (AD), de modo a oferecer, enquanto dispositivo teórico de interpretação, bases sinalizadoras do caminho a ser percorrido, durante o desenvolvimento deste estudo, bem como orientar a construção do dispositivo analítico, destinado ao objeto proposto para análise: Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres.

A ideia é tratar as noções teóricas, não de modo isolado, mas relacionadas umas às outras, visando possibilitar à compreensão da rede de estatutos próprios que a AD confere ao analista diante do objeto a ser interpretado – o discurso. Ao mesmo tempo, o estudo considera que “os conceitos-chaves da teoria estão sempre se movimentando, reordenando, reconfigurando, a cada análise” (FERREIRA, 2005, p. 18).

Pretende-se, assim, a partir de um breve histórico do surgimento da AD, abordar noções referentes ao discurso, ao sujeito, ao inconsciente e à ideologia, de maneira a destacar suas relações e implicações na configuração e desenvolvimento desta pesquisa.

4.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

As ciências relacionam-se a processos históricos. São construídas de acordo com o pensamento e a exigência de um tempo e uma realidade. Na área das ciências humanas, como nas demais, os construtos teóricos sempre estão sujeitos a mudanças, ou seja, à construção de novas abordagens teóricas, visando a novas respostas a antigos objetos ou recentes questões. A linguística, enquanto ciência do âmbito das ciências humanas, não se coloca ao largo dessa situação, sobretudo, quando lança o olhar para os estudos da linguagem em diferentes perspectivas.

Os estudos sobre a linguagem têm percorrido caminhos profícuos de reflexão sobre o discurso, enquanto objeto simbólico que constitui sujeitos. Isto posto, no contexto da AD, é importante dizer que a linguagem não é do domínio do sujeito absoluto. É uma atividade discursiva, produzida pelo sujeito descentrado e histórico.

A AD, enquanto perspectiva de abordagem da linguagem em funcionamento é concebida como uma ciência interpretativa, que configura estatutos próprios de língua e de sujeito, tendo o discurso como objeto, lugar dos efeitos de sentidos. Trata-se de uma “teoria

crítica da linguagem”, segundo Ferreira, que permite a compreensão da relação do sujeito com a história. Nesse aspecto, a autora destaca que,

O que ela visa é tematizar o objeto discursivo como sendo um *objeto-fronteira* (grifo da autora), que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica, simultaneamente. (2005, p. 15).

Surgida no interior das reflexões sobre a filosofia e as ciências humanas, sobretudo no contraponto de concepções estruturalistas, a AD tem como marco inaugural o ano de 1969, quando o filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983) publicou a obra *Análise Automática do Discurso (AAD)*.

A AD fundou-se no entrecruzamento de áreas distintas. Ancorou seus fundamentos epistemológicos na linguística, ciência criada por Ferdinand de Saussure (1857-1913); nos estudos do psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), com foco na observação do *inconsciente* descoberto por Sigmund Freud (1856-1939) e na releitura do *materialismo histórico* de Karl Heinrich Marx (1818-1883), realizada por Louis Althusser (1918-1990).

Em outras palavras, os aportes teóricos dessa teoria centram-se na interrelação dos estudos de Saussure, Lacan e Althusser. As ideias desses estudiosos foram fundamentais para o desenvolvimento do pensamento de Michel Pêcheux e de seus colaboradores, durante a construção da AD, na França, no início dos anos 60.

No campo da linguística, o filósofo deu atenção ao objeto dessa ciência – a língua –, todavia, percebeu-a opaca e rejeitou de imediato a noção de transparência.

Da releitura da psicanálise freudiana, uma das grandes contribuições de Lacan, foi o deslocamento da noção do homem psicologizado para a noção de sujeito descentrado, sujeito desejante, *sujeito do inconsciente*, que se constitui pela relação com o simbólico.

De acordo com Mednicoff, “Freud entendia que o ser humano é movido pelo inconsciente”, e que esse “tem ‘vida própria’ e nos guia sem que tivéssemos conhecimento” (2008, p. 37). Segundo a autora, ele afirmava que “o homem não é senhor em sua própria casa” (2008, p. 61). Esse fato remete à noção de equívoco, marca de resistência da língua, materializada pelas falhas, lapsos de memória, mal-entendidos, ambiguidades e deslizamentos, manifestados pelo inconsciente no tempo presente dos sujeitos.

O inconsciente movimenta-se o tempo todo em articulações entre pensamentos, imagens, atos e sentimentos. “Há no inconsciente coisas significantes que se repetem, correndo constantemente à revelia do sujeito” (LACAN, 2005, p. 19). Foi sobre esses postulados que o psicanalista, ao fazer uma releitura dos estudos freudianos, trouxe significativas reflexões que contribuíram posteriormente para os estudos da AD.

Nas bases do materialismo histórico, Louis Althusser refletiu sobre a “teoria marxista”, desenvolvendo o princípio de que o indivíduo é um sujeito histórico, “assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia” (FERREIRA, 2005, p. 14).

Assim, compreende-se a AD como uma abordagem do discurso que busca, nos processos de produção do sentido, as determinações histórico-sociais. Para isso, em princípio, reconhece a existência de uma historicidade inscrita na linguagem, o que implica, pelo menos, duas consequências: 1º) interpretação do sentido literal como o sentido que se cristalizou e não como um sentido inerente ao significante; 2º) necessidade de considerar o fato de que toda interpretação deve-se orientar pelas condições de produção.

O quadro epistemológico da AD relaciona-se à linguística, na percepção de processos linguísticos e enunciativos, ao materialismo histórico não ortodoxo - reescrito por Althusser -, e à teoria do discurso, relacionada a uma semântica discursiva, que vê os processos semânticos em sua ligação com a historicidade, sendo a articulação desses campos do conhecimento perpassada pela psicanálise freudo-lacaniana.

Os conceitos que a AD traz desses campos, ao serem trabalhados no interior da teoria, são reconfigurados, recebendo novos estatutos que remetem a noções relacionadas à ordem do discurso. Portanto, a AD se distingue “das demais áreas por seu aparato teórico, seu método de análise e sua práxis” (FERREIRA, 2005, p. 16).

4.2 A LÍNGUA E O DISCURSO

Este estudo, como já referido, não trata da língua transparente da Linguística, da língua da autonomia ou da imanência. Para Ferreira, a língua que a AD trabalha, possui outra configuração, que estabelece uma ruptura com o conceito de língua abstrata. Ou seja, ela

É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência. (FERREIRA, 2005, p. 17).

É nessa abordagem da língua que se configura o Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagre que trata o presente estudo. Como se vê, na AD não se perde de vista a noção de língua, entretanto, admite-se como um sistema que falha, onde os sentidos deslizam e ficam à deriva de interpretações múltiplas. Estabelece-se, assim, o distanciamento de uma das célebres concepções saussuriana, a que diz respeito à dicotomia entre língua e fala (*langue/parole*).

Frente a essa relação entre língua e discurso, assim se posiciona Orlandi:

Discurso não é a fala, isto é, uma forma individual concreta de habitar a abstração da língua. Ele não tem esse caráter “antropológico”. Os discursos estão duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que os relacionam a formações discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua. (2007, p. 22).

É essa a perspectiva adotada na análise do discurso religioso católico no presente trabalho. Concebe-se a língua em funcionamento, sujeita ao equívoco e à historicidade, conseqüentemente a produção de um discurso que nunca poderá dá-se por completo, de forma acabada.

Esse caráter de incompletude da língua é visto por Lacan da seguinte forma: “atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado” (2009, p. 314).

Postula-se, portanto, a incompletude de DRC sobre milagres, partindo-se da premissa de que nesse objeto sócio-histórico, a estrutura do dizer se oferece a diferentes sentidos, cuja interpretação depende da identificação das posições ideológicas aí implicadas.

Ferreira ao tratar do processo analítico da análise de discurso, também considera a incompletude como marca que

[...] caracteriza e distingue todo dispositivo teórico do discurso e abre espaço para a entrada em cena da noção da *falta* (grifo da autora), que é motor do sujeito e é lugar do impossível da língua, lugar onde as palavras ‘faltam’ e, ao faltarem, abrem brechas para produzir equívocos. (2005, p. 18).

Nessa perspectiva, a língua não se constitui de estruturas fechadas, homogêneas ou estáveis, nem o sujeito é completo, acabado e único, pois ambos comportam a falta. É assim que se concebe o discurso e o sujeito religioso católico no presente estudo. Ou seja, a “falta” lhe é constitutiva e constitutiva de seu discurso, malgrado sua ilusão de completude.

Diz a autora:

Esse caráter de busca incessante que nunca se completa, essa língua que não se deixa alcançar, mas que está sempre na visada do sujeito, como alvo constante, essa língua intangível, a qual sempre se procura, mas nunca se encontra, representa o movimento do desejo do sujeito do inconsciente, na tentativa sem fim de preencher esse furo, de completar essa falta, que lhe é constitutiva, assim como da língua. (FERREIRA, 2005, p. 217).

Lacan, em suas reflexões, já afirmava que o inconsciente é da natureza do discurso, e que se qualifica enquanto discurso, pelo “uso das estruturas da língua” (2005, p. 21).

Nesse contexto, o sujeito constitui-se pela linguagem, instaurando relações entre o “eu” e o “outro” (o interlocutor) e entre o “eu” e o Outro (o inconsciente). Essas relações são estabelecidas pela intervenção da memória discursiva materializada no discurso. Assim, DRC sobre milagres, enquanto memória do dizer, constitui o sujeito religioso católico, através de ditos da atualidade e já-ditos anteriores que emanam do texto sagrado, ou seja, da Bíblia.

Isso implica que todo discurso é heterôgeneo, por ser atravessado pelo discurso do outro, que pode em sua natureza constitutiva, ter relações de contradição, dominação, confronto, aliança e/ou complementação.

O discurso bíblico se enquadra perfeitamente nessa configuração. É um discurso autoritário, como já referido no primeiro capítulo, marcado por contradições: o Deus da Guerra é o mesmo Príncipe da Paz. Esse discurso também é marcado pelo viés da dominação, pois a Bíblia determina a obediência a Deus para que o sujeito alcance a vida eterna, mas, para isso, é necessário estabelecer uma aliança com Deus, isto é, ser submisso à Vontade do Pai.

Desse modo, o DRC sobre milagres de que trata o presente estudo tem relação com o discurso bíblico e com outros discursos, principalmente com aqueles que vêm de um tempo passado, sem uma determinação de origem, mas que são atualizados sob novas formas linguísticas, em uma formação ideológica (FI) cristã católica.

Quanto ao aspecto semântico desse discurso, relaciona-se às condições materiais de produção, em que se apresentam os processos discursivos, sendo a língua, como afirma Orlandi, “condição de possibilidade do discurso” (2005, p. 22).

De acordo com Pêcheux, abordar um texto discursivamente significa provocar uma ruptura epistemológica, deslocando-o para um lugar teórico, em que intervêm questões teóricas, relativas à ideologia e ao sujeito. Nessa perspectiva de abordagem do discurso, não cabe distância entre forma e conteúdo, mas o entrecruzamento da estrutura do discurso, do acontecimento, e da tensão entre descrição e interpretação, com o objetivo de interpretar como a linguagem, em sua materialidade, afeta o sujeito pela ideologia e pela história.

Desse modo, a abordagem do discurso na AD, constitui-se numa forma de interpretação que

[...] engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido. (PÊCHEUX, 2008, p. 49).

Assim, trabalhar o DRC sobre milagres é vê-lo como uma prática social, portanto, uma construção não individual que deve ser analisada, considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção a partir de sua materialidade.

4.3 O SUJEITO E A IDEOLOGIA

Para Lacan, o sujeito “julga reconhecer o princípio de sua unidade sob a aparência de um domínio de si mesmo da qual ele é o tolo necessário, seja ou não ela ilusória, pois essa imagem de si mesmo não o contém em nada” (2005, p. 39-40). Para o psicanalista, os desconhecimentos são constitutivos do sujeito, que tem a ilusão da autonomia no dizer. (1996, p. 102).

Por sua vez, Orlandi ao tratar da dispersão do sujeito no discurso, afirma que “essa ilusão de unidade é efeito ideológico, é construção necessária do imaginário discursivo” (2007, p. 19).

Lacan afirma que o sujeito, ao se dirigir ao seu interlocutor, muitas vezes, diz algo sem saber o que diz, e diz mais ou menos o que quer dizer (2009, p. 338). Isso se relaciona à

instância do inconsciente, estrutura-funcionamento que atua à revelia do sujeito. Da mesma forma, a ideologia procede, agindo no sujeito e em seu dizer sem que o sujeito perceba. Assim, ele (re)produz discursos, vindos de outros tempos e lugares, já-ditos oriundos da memória discursiva, na ilusão de que são seus e na desconhecimento de sua submissão a eles.

Althusser argumenta que “toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos, através da categoria de sujeito”. (1985, p. 96). Esse fato implica dizer que interpelar significa agir sobre, ou recrutar, indivíduos para tornarem-se sujeitos concretos.

Pêcheux, ao refletir sobre esse ponto, assevera que o reconhecimento da categoria de sujeito de que fala Althusser, é justamente, o fundamento da necessidade de uma teoria materialista do discurso (1996, p. 148). Para tanto, impõe-se a evidência da existência espontânea do sujeito no processo interpelativo. Ou seja, o sujeito se reconhece sujeito, num processo de representação que envolve uma rede de significantes. Para ele,

O sujeito é “captado” nessa rede – “substantivos comuns” e “nomes próprios”, efeitos “deslizantes”, construções sintáticas etc -, de tal sorte que resulta como “causa de si mesmo” (grifos do autor). (PÊCHEUX, 1996, p. 151).

A constituição do sujeito, que é convocado à existência, segundo Pêcheux, é resultante da interpelação que “tem, por assim dizer, um efeito retroativo, o que resulta em que todo indivíduo é sempre-já sujeito” (1996, p. 150).

Portanto, a linguagem em funcionamento coloca em relação sujeito e ideologia. O sujeito é afetado pela língua e pelo inconsciente. O processo de constituição do sujeito dá-se pela produção do discurso, de onde emergem efeitos de sentidos que revelam a interpelação ideológica. Ferreira reafirma e constata a criação de uma categoria teórica de sujeito do discurso. Todavia, acrescenta que

O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniana; tampouco, é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui (2005, p. 15).

Esse sujeito “reside” na condição de sua incompletude, como já referido neste capítulo. Não é a fonte do dizer, “não é totalmente livre e nem totalmente determinado por mecanismos exteriores” (GODOY, 2001, p. 22-23). Ele se constitui na relação com o outro.

Portanto, para a teoria do discurso, não interessa a categoria do sujeito empírico, ou seja, do indivíduo. A AD interessa-se pelo “sujeito dividido, com uma categoria teórica construída para dar conta de um lugar a ser preenchido por diferentes posições-sujeito em determinadas condições circunscritas pelas formações discursivas”. (FERREIRA, 2005, p. 18-19).

Assim, não há qualquer possibilidade de existência do sujeito centrado, dono do seu dizer e nem totalmente interpelado. Na realidade, trata-se do sujeito descentrado. Daquele que é afetado por uma formação discursiva (FD).

Nessa perspectiva teórica, a língua é vista em sua dimensão equívoca, com o reconhecimento da opacidade de sua materialidade, procurando interpretar os efeitos de sentidos do discurso, como já mencionado.

Orlandi, com base em Pêcheux, reafirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (2005, p. 17). Portanto, não existe sentido sem referência à ideologia a qual se revela na opacidade dos objetos simbólicos, ou seja, dos discursos.

A autora afirma que, “enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (2005, p. 48).

Retomando Althusser e consoante às ideias de Pêcheux, vale lembrar que esse aspecto está relacionado ao “jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos” (ALTHUSSER, 1985, p. 94). O autor sustenta sua afirmação, sob as bases da necessidade de *reconhecimento* (grifo do autor) da ideologia, isto é, do que está por detrás das evidências, que fazem com que uma palavra signifique determinada coisa ou tenha um significado, como se aí houvesse uma transparência de efeitos. Para ele

O efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos deixar de *reconhecer* e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”): “é evidente! é exatamente isso! é verdade! (1985, p. 94-95).

Sob essa ótica, serão interpretados os efeitos de sentido no DRC sobre milagres, com vistas à compreensão da constitutividade do sujeito religioso católico e de seu discurso.

4.4 OS ENUNCIADOS E OS EFEITOS DE SENTIDOS

Os textos, enquanto discursos, são constituídos de unidades de análises, ou seja, de enunciados textualizados. Assim, pode-se dizer que o discurso organiza-se em enunciados que constituem as sequências discursivas. Tais sequências é que mobilizam efeitos de sentidos, relacionados à ideologia e à regularidade do funcionamento do discurso. Ligadas a elementos interdiscursivos de uma formação discursiva, reproduzem sua heterogeneidade com a presença de elementos contraditórios, provindos de outros lugares ideológicos. Isso é possível graças à fluidez das fronteiras das formações discursivas.

Esses elementos interdiscursivos são linearizados de diferentes formas, constituindo os enunciados. O sujeito-enunciador recorre a (re)formulações, paráfrases, polissemias, etc., relativas a eles e às condições de produção. Para Pêcheux (2008), o sentido de um enunciado pode ser outro, em função da posição daqueles que enunciam.

Orlandi refere que os “sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também com outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele” (2005, p. 30). Baseado nesse pressuposto teórico, o presente trabalho pretende identificar esses movimentos discursivos, procurando dar conta também do que está à margem, mas constituindo o DRC sobre milagres.

Nesses movimentos, ocorrem paráfrases e polissemias que são resultantes da criatividade do sujeito no funcionamento da língua, ou seja, na produção do discurso, gerando uma multiplicidade de efeitos de sentidos possíveis, relacionados a determinado objeto. São elas que provocam os deslocamentos e as rupturas, fazendo surgir uma nova forma de dizer e uma variedade de efeito de sentidos.

Nas paráfrases, os efeitos de sentido são observados como retorno a um discurso já-dito, e relacionado à memória discursiva. No processo polissêmico, um objeto simbólico pode sugerir múltiplas ressignificações.

Os efeitos de sentidos não existem por si e não advêm do nada. Na realidade, são determinados por posições ideológicas, que fazem parte do processo sócio-histórico de

produção das palavras. Ou seja, as palavras mudam de sentido, dependendo de posições ideológicas de quem as emprega e do lugar onde são formuladas.

Lacan diz que,

[...] um sentido só nasce de um jogo de letras ou de palavras na medida em que se propõe como modificação de seu uso já consagrado. Isso implica em primeiro lugar que toda significação adquirida por esse jogo participa das significações às quais ele já estava ligado, por mais estranhas que sejam entre si as realidades presentes nessa reiteração. (2005, p. 20-21).

Ele afirma que toda palavra²⁸ relaciona-se ao mundo semântico da linguagem, e que “tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos” (2009, p. 314). Isso implica que, na linguagem, não há espaço à univocidade, mas a equívocos.

Reiterando, o efeito de sentido se faz foco de análise pelos “diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re)produzido” (GODOY, 2008, p.14), embora o sujeito tenha a ilusão do sentido único. Segundo Orlandi,

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos (2007, p. 20)

Isso remete à noção de que o sentido não é um produto acabado e nem resultante de uma transparência da língua. Ele tem sua natureza no movimento dialético, que se configura, de modo não estático, em posições sociohistóricas relacionadas à ideologia que constitui o sujeito do discurso. Em outras palavras, todo sentido de um vocábulo ou expressão tem o caráter de ser transitório, de ser mutável e com capacidade de transforma-se.

Cabe, portanto, perceber os sentidos em sua transitoriedade e diversidade. Lacan, em uma de suas preleções em 1954, afirmou que “o sentido, ou bem vocês o possuem, ou bem não o possuem” (2009, p. 341). Ou seja, trata-se da capacidade de interpretação do discurso pelo analista. É nesse sentido que se lança o desafio, de analisar neste estudo, os efeitos de

28

Lacan (2009) emprega o termo “palavra” no sentido lato de linguagem, enquanto locução ou conjunto de palavras.

sentidos que constituem os sujeitos e os discursos religiosos católicos relativos a milagres, realizados na crença da intercessão da Virgem de Nazaré.

4.5 A INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO E O REAL DA LÍNGUA

Para a AD, todo fato histórico-social significa e pode ser interpretado. A história, no interior da teoria do discurso, é compreendida como “uma disciplina de interpretação e não uma física de tipo novo” (PÊCHEUX, 2008, p. 42).

A interpretação a que a AD se refere rejeita a concepção de que apenas uma ciência, com seu arcabouço de leis e teorias, consiga dar conta da compreensão da linguagem. Ao contrário, parte da noção de necessidade de diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, principalmente quando se trata da questão dos efeitos de sentido.

Nos gestos de interpretação desses efeitos do discurso, uma atenção especial deverá ser dada ao “real” da língua. Ou seja, à impossibilidade de se dizer tudo na língua. Nesse contexto, Ferreira afirma que o real da língua é “o lugar do impossível que se faz possível pela língua”. (2005, p. 20).

Da relação entre a ilusão de “dizer tudo” na língua e a impossibilidade desse ato, pois o tudo não se diz, é que se inscreve a “alíngua”, expressão advinda da língua francesa, “lalangue” e que foi forjada por Lacan. Para ele, de acordo com Milner, “a verdade não se diz toda, e isto porque faltam palavras” (MILNER, 1987, p. 19), e nesse gesto, o sujeito toca no real.

Estabelecendo uma distinção entre “língua” e “alíngua”, pode-se dizer que, no primeiro caso, tem-se a ilusão de que se diz tudo, no espaço do possível. No segundo, é o real da língua, isto é, o não-tudo, o impossível. Milner afirma que “o puro conceito de língua é aquele de um não-tudo marcando a alíngua; ou a língua é o que suporta a alíngua enquanto ela é não-toda” (1987, p. 19). Daí compreender que o real da língua é afetado pela alíngua, que consagra o equívoco, e tem particularidades “de que ele (o real) não se reconhece de maneira unívoca” (MILNER, 1987, p. 21).

Todo discurso produzido, é ele mesmo, e ao mesmo tempo, outro discurso. Isso permite “admitir no éter da língua singularidades heterogêneas” (MILNER, 1987, p. 14), que autorizam a dizer que todo discurso é um, irrepetível, mas com uma diversidade e possibilidade infinita de efeitos de sentidos.

Essa noção de real é um dos constituintes fundamentais da epistemologia da AD. Refere ao que escapa da univocidade do discurso e considera o equívoco como constituinte da língua. De acordo com Lacan, ao tratar da ordem simbólica,

A palavra não se desdobra num único plano. A palavra tem sempre por definição os seus panos de fundo ambíguos, que vão até o momento do inefável, em que não pode mais se dizer, se fundar, ela mesma, enquanto palavra. (2009, p. 299).

O psicanalista ao ser indagado sobre o caráter invasivo, agressivo e obsedante do real, respondeu: “Tudo o que temos até o presente de real é pouca coisa perto do que não se consegue sequer imaginar, porque, justamente, o próprio do real é não ser imaginado” (2005, p. 75). Em outra passagem na obra, acrescentou que o “real é justamente aquele que nos falta por inteiro” (2005, p. 76-77). Daí, se dizer, que a noção de real é complexa, pela impossibilidade de sua apreensão na dimensão do simbólico.

Nesse contexto, Ferreira destaca que o real do sujeito está relacionado ao inconsciente e “o que o move seria o desejo, a busca da completude, a tentativa incessante de fechar os furos em nossa estrutura psíquica” (2005, p. 19). E prossegue seu pensamento, pontuando que esse inconsciente é o mesmo que surge na língua, através dos lapsos, dos atos falhos, ou até mesmo dos chistes²⁹.

Portanto, cabe afirmar que as análises, para a AD, são de natureza interpretativa. Partem da linearidade de um *corpus discursivo* para chegar às determinações sócio-históricas, concebendo o real da língua e desautomatizando as evidências de sentido.

4.6 O INTRADISCURSO E O INTERDISCURSO

Nos gestos de interpretação do discurso, a percepção dos efeitos de sentidos advém da articulação entre *intradiscurso* e *interdiscurso*, observada a partir das *sequências discursivas* (sd). Elas inscrevem-se numa dada *Formação Discursiva* (FD), ligada a uma determinada *Formação Ideológica* (FI). O sujeito-enunciador, filiado a elas, é visto como um sujeito histórico e fragmentado, apresentando diferentes posições.

²⁹

Humor perspicaz, sagaz.

A posição-sujeito dominante é resultante da relação entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito³⁰, relacionada a uma FD. Não é um espaço físico. É um lugar (imaginário) assumido pelo sujeito em uma determinada formação social. Entretanto, em seu discurso, há a presença de diferentes posições, posições essas que podem estar em relação de aliança ou de confronto com a dominante.

No processo de interpretação, as análises exigem um olhar diferenciado para a memória, aqui compreendida como *interdiscurso*, como aquilo que fala antes e em outro lugar, e também como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2005, p. 31). Ou seja, o trabalho analítico não prescinde da noção de interdiscursividade, conjunto de FD inscritas na constituição do discurso, resignificando dizeres já ditos.

Decorre daí, a noção de pré-construídos, enunciados que vêm de discursos outros e que são anteriores ao que é construído no enunciado, ou seja, como se existissem sempre-aí, ação da interpelação ideológica.

Essa noção faz parte da memória discursiva, conjunto infinito de dizeres, resultantes de um processo histórico, atualizado pela enunciação, como efeito de um esquecimento que se desloca em distintas significações. De acordo com Orlandi,

A significação não se desenvolve sobre uma linha reta, mensurável, calculável, segmentável. Os sentidos são dispersos, eles se desenvolvem em todas as direções e se fazem por diferentes matérias, entre as quais se encontra o silêncio. (2007, p. 46).

O *intradiscurso* é a superfície do dizer, ou seja, a formulação do discurso que se apresenta ao interlocutor pela língua. É o eixo sintagmático da linearidade do discurso que permite relações entre palavras, expressões e proposições, visando provocar no sujeito a ilusão do sentido literal do discurso.

Assim, todo discurso compreende uma relação entre memória – *interdiscurso* – e formulação – *intradiscurso* – de onde advêm os efeitos de sentidos, passíveis de interpretação. Tendo por base essa relação, ou seja, entre *interdiscurso* e *intradiscurso*, propõe-se, o presente estudo, a realizar as análises do DRC sobre milagres.

³⁰ Forma em que o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui. Tem por base elementos do *interdiscurso*, que quando retomados pelo sujeito do discurso, determinam esse sujeito. Relaciona-se à ilusão de unidade do sujeito.

4.7 AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

As ideologias não existem no campo das idéias, mas no terreno da existência material. De acordo com Albuquerque, na introdução da obra *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser entende que a ideologia leva o sujeito a reconhecer o *seu lugar* (grifo do autor) pelo mecanismo da sujeição, e nele existe um duplo efeito (1985, p. 8-9):

Primeiro: o sujeito se reconhece como sujeito e se sujeita a um Sujeito absoluto (Deus, Humanidade, o Capital, a Nação e outros);

Segundo: a sujeição existe num conjunto de práticas, de rituais situados em instituições concretas, que são os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

As instituições que compõem o Estado, ou seja, os AIE, como por exemplo, as escolas e as igrejas, e ainda outros aparelhos estatais, ensinam seus conhecimentos, sob a forma de assegurar a submissão à ideologia dominante ou ao domínio de suas práticas. (ALTHUSSER, 1985, p. 58).

Segundo o autor, os AIE se diferenciam dos Aparelhos Repressivos do Estado (ARE), pois, “o Aparelho repressivo do estado funciona através da violência ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam através da ideologia” (1985, p. 69). Ambos são multiformes e expressam contradição. Diz Althusser:

Os Aparelhos Ideológicos do Estado são múltiplos, distintos e relativamente autônomos, susceptíveis de oferecer um campo objetivo às contradições que expressam, de formas ora limitadas, ora mais amplas, os efeitos dos choques entre a luta de classes. (1985, p. 74).

Althusser destaca que Marx dizia ser a ideologia “um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (1985, p. 81). Distanciando-se dessa concepção de ideologia, centrada no campo das ideias, o autor a percebe como resultante das condições materiais de existência, portanto concretas e condicionadas às ações desenvolvidas pelos AIE.

Convicto disso assevera que “a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 85). Na realidade, trata-se da materialidade da ideologia, ou seja, da relação do sujeito com as suas condições reais de existência, isto é, das suas relações no mundo. Diz ele, “uma ideologia

existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Esta existência é material” (1985, p. 89).

Pêcheux comunga desse pensamento, todavia, esclarece que os AIE “não são a *expressão* da dominação da ideologia dominante, [...] mas o *local* e *meio* (grifos do autor) de realização dessa dominação” (1996, p. 144). É nas práticas que circulam no interior dos AIE, que ocorrem relações de contradição, de desigualdades e de subordinação entre sujeitos, nas quais são observadas as lutas de classe.

Em síntese, é a ideologia com sua materialidade que orienta as FI, envolvendo posições de classe e de grupos sociais. Althusser afirmava que “não há a luta de classes sem classes antagônicas.” (1985, p. 106). Em tese, o filósofo referiu que

As ideologias não *nascem* (grifo do autor) nos AIE, mas têm sua origem nas classes sociais envolvidas na luta de classes: em suas condições de existência, em suas práticas, em suas experiências de luta, etc. (1985, p. 128).

Para Pêcheux, a ideologia determina a luta de classes, e “isso equivale a dizer que não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas da luta de classes) “posições de classe” que existam de modo abstrato” (2009, p. 132). É aqui que se centra o pressuposto de que todo discurso é ideológico, portanto, constituído de materialidade. Na episteme da AD, a ideologia determina o efeito de sentido que constitui o discurso, logo, ela também é constitutiva da matéria discursiva.

Ainda em referência aos aspectos que relacionam ideologia e luta de classes, Althusser afirmava que “toda luta política das classes gira em torno do Estado”, ou seja, tratava-se “da tomada e manutenção do poder de Estado por uma certa classe ou por uma aliança de classes ou frações de classes” (1985, 65). Logo, todo discurso é constituído pela ideologia, materializada nas diferentes formas de dizer. Isso se dá na dimensão política, nos embates ideológicos e no interior das práticas sociais.

No processo de interpretação do discurso por parte do analista, ou seja, dos efeitos de sentidos, a noção de FD é de fundamental importância, pois é ela que determina o que o sujeito pode e deve dizer e o que não pode e não deve ser dito. Para Orlandi, as FD são diferentes formulações de enunciados que se “reúnem em pontos do dizer, em regiões historicamente determinadas de relações de força e de sentidos”. (2007, p. 20).

De acordo com Courtine, a definição de enunciado “está na *especificidade do discursivo* (grifos do autor) em sua relação com o ato linguístico” (2009, p. 29). Dessa relação é que surge o exterior da língua interligado ao discurso concreto. Ou seja, surgem questões que dizem respeito ao sujeito do discurso, aos temas, às condições de produção, compreensão e interpretação desse discurso.

Portanto, as posições-sujeito que orientam a produção do discurso são identificadas através das FDs. Elas indicam a forma-sujeito e comportam relações de conflito e/ou de aliança.

A proposta do presente estudo é buscar uma interpretação do DRC sobre milagres, procurando identificar contradições, conflitos e alianças presentes nesse discurso. É um trabalho analítico que pretende ir ao encontro da heterogeneidade constitutiva das formações discursivas em jogo.

4.8 OS ESQUECIMENTOS

Orlandi (2005) refere que Pêcheux, ao fundar a teoria do discurso, distinguiu duas formas de esquecimento como estruturantes do discurso – o esquecimento número um e o esquecimento número dois.

O esquecimento número um relaciona-se ao inconsciente e à ideologia. É conhecido, também, como esquecimento ideológico. Nele, há a ilusão de que o sujeito é a fonte e a origem do dizer, quando na realidade o que existe são retornos de sentidos pré-existentes. O esquecimento número dois relaciona-se à enunciação. É conhecido, também, como esquecimento enunciativo. Nele, o falar sobre algo é de uma maneira, e não de outra e, nesse processo, formam-se famílias parafrásticas que remetem a elementos interdiscursivos. Nesse tipo de esquecimento, parcial e semiconsciente, há uma analogia “natural” entre coisa e palavra, onde a sintaxe relaciona-se aos efeitos de sentidos.

Aqui são observadas as metáforas, compreendidas como transferências, ou seja, tomada de uma palavra por outra, que estabelece o modo como as palavras significam e determinam diferentes posições-sujeitos. Na realidade, são substituições de palavras no dizer, que ocorrem pela “seleção” do sujeito durante a enunciação. Ou seja, um determinado termo é selecionado para substituir outro e, com isso, oferecer outra significação.

Em síntese, o esquecimento número dois diz respeito à ilusão de que se pensa que o “que” se diz só pode ser dito com determinadas palavras e não com outras.

5 A METODOLOGIA

5.1 OS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A proposta desta pesquisa é interpretar, na perspectiva da Análise do Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana, Discursos Religiosos Católicos (DRC) sobre milagres, referentes à cura de doenças. Foram formulados por mulheres que os atribuem à intercessão da Virgem de Nazaré. O estudo tem por cenário a procissão denominada “Círio de Nazaré” em Belém do Pará, aqui compreendida como um acontecimento sócio-político-religioso, conforme já explicado em capítulo anterior.

Para a realização do estudo, como primeiro passo, se reuniu vários materiais relacionados a esse acontecimento. Foram jornais, revistas, fotografias, panfletos, cartazes, textos divulgados pela internet, depoimentos, orações, CDs e outros. Esse procedimento contou também com matérias jornalísticas de dois jornais de grande circulação e alcance de leitores no Estado do Pará: “O Liberal” e “Diário do Pará”. Com eles, fez-se o monitoramento durante sete dias sobre os preparativos da realização do evento. A finalidade desse procedimento foi constituir primeiramente o *corpus* empírico com vistas à seleção das sequências de referência que fariam parte do *corpus discursivo*, conjunto de enunciados selecionados e submetidos à interpretação, cujo foco é a análise da produção dos efeitos de sentidos em discurso de sujeitos católicos.

Após reflexão sobre o *corpus* empírico, optou-se pelos depoimentos, representativos do DRC sobre milagres, coletados por ocasião do acontecimento do Círio, realizado no dia 10 de outubro de 2010, considerando-os discursos que se constituem mais dinamicamente com outros discursos.

A escolha do objeto deste estudo – DRC sobre milagres – deu-se em função da observação de sujeitos que “pagavam” promessas junto à Virgem de Nazaré e que, na maioria das vezes, apresentavam atitudes performativas de enlevo, encantamento ou êxtase e também de alegria, satisfação, prazer, sofrimento e dor. Muitos questionamentos foram se constituindo em decorrência dessa observação, o que culminou com a proposta deste trabalho. Em anos anteriores, de modo assistemático, já se havia coletado vários depoimentos, relatando milagres que, segundo os sujeitos, teriam acontecido por intercessão da Virgem de Nazaré.

O segundo passo consistiu na construção do dispositivo teórico de leitura com base nos pressupostos epistemológicos da *Análise do Discurso*, ciência interpretativa que se constitui a partir das reflexões de Michel Pêcheux e de seus companheiros de ideias como P. Henry e M. Plon, além de outros estudiosos preocupados com a relação entre língua, sujeito e história, conforme colocado anteriormente.

O terceiro passo deu lugar ao dispositivo analítico, objetivando a interpretação do *corpus discursivo* com vistas à identificação do modo de produção de sentidos no “Círio de Nazaré”, importante acontecimento religioso da Igreja Católica. Vale referir que, em AD, não há a possibilidade de se seccionar o *dispositivo teórico da interpretação* do *dispositivo analítico*, como se fossem processos independentes um do outro. Os dois dispositivos estão interligados e foram construídos em paralelo para dar conta dos propósitos da pesquisa. De acordo com Ferreira, o analista do discurso, ao proceder a análises de objetos discursivos, na perspectiva da AD, deverá perceber o discurso como um “objeto teórico e estabelecer seus procedimentos analíticos na interface com as demais áreas vizinhas” (2005, p. 16).

Esses procedimentos, pois, relacionaram-se ao movimento de fazer os discursos, enquanto objeto de análise, “dizerem”, possibilitando assim desvelar posições dos sujeitos interpelados, no caso presente, no interior do Cristianismo, pela ideologia e pela história.

Nesse processo, o analista depara-se com o real da língua, com o equívoco nela contido, isto é, com a possibilidade de o sentido sempre poder ser outro. Interpretar é, pois, lidar com a (im)possibilidade do dizer, atuando a partir de marcas presentes na linearidade significante que, ligadas às condições de produção, podem propiciar a ele um gesto em direção aos possíveis efeitos de sentido.

No contexto do presente trabalho, as marcas do discurso da fé católica estão relacionadas ao fato de que

Os cristãos reprimem, recordam e repassam as histórias principais de forma seletiva. Elas enfatizam certos episódios e omitem outros, de acordo com suas inclinações pessoais e as preocupações de seu tempo. Mas quase tudo gira em torno da doença do pecado e do remédio da salvação (PROTHERO, 2010, p. 66).

Assim, buscou-se fazer a interpretação do funcionamento do Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres, tendo por norte as seguintes questões:

a) Como se constitui a relação entre discursos sobre milagres e a memória discursiva no acontecimento do “Círio de Nazaré”?

- b) Como esses discursos relacionam-se com a história e a ideologia religiosa?
- c) De que forma se materializam?

5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA E A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

A escolha dos sujeitos para a realização de qualquer pesquisa é de fundamental importância, sobretudo quando se precisa, para fins de análise, do dizer sobre suas vidas. É o caso do presente trabalho. Necessitava-se de que os sujeitos falassem de suas experiências com o mundo espiritual da forma mais livre e aberta possível.

Definiu-se *a priori*, que os sujeitos seriam três mulheres adultas, com idade superior a dezoito anos, que, no momento da coleta do *corpus*, dir-se-iam curadas de algum problema de saúde pela intercessão da Virgem de Nazaré.

Durante a coleta³¹, *in lócus*, dos depoimentos, no acontecimento “Círio de Nazaré”, considerou-se interessante ampliar o número de sujeitos, pela diversidade de situações que os moviam em gestos de “pagamento” de promessas feitas para conseguir a cura de saúde de si próprio, de pessoa da família, de vizinhos, o pagamento de dívidas de prestações de imóveis, o ganho de causa judicial e outros.

Foram coletados quatorze depoimentos de mulheres adultas, com mais de dezoito anos, que pagavam promessas por graças alcançadas. Constatou-se, através dos depoimentos, que os motivos que levam os sujeitos ao pagamento de promessas ultrapassam os limites exclusivos de cura de saúde.

Foi esse fato que, orientou para a ampliação dos motivos que levaram os sujeitos ao “pagamento” das promessas, ultrapassando os limites exclusivos de curas de saúde.

O critério utilizado para a coleta do material foi o estado de enlevo e adoração apresentados pelos sujeitos que, nesse momento, identificavam-se com os “propósitos divinos”, movidos pela ilusão de ultrapassagem do mundo temporal para o espiritual. O contato, portanto, com os sujeitos foi estabelecido no interior do acontecimento e consistiu na adoção dos procedimentos de saudação, explicação dos propósitos da pesquisa e colocação das seguintes questões: o que moveu a promessa, como alcançou o milagre e o que a Virgem de Nazaré representa para eles.

31

A coleta contou com dois auxiliares, um para operar o instrumento de gravação de áudio, e outro para registro fotográfico de cenas envolvendo sujeitos em gestos performativos.

A cada depoimento, de cada um dos sujeitos entrevistados, eram produzidos enunciados ligados ao “fato motor” da promessa, qual seja, o alcance do milagre e a representação da Virgem enquanto símbolo maior do acontecimento. No gesto de interpretação desta pesquisa, a Virgem foi vista como objeto simbólico fundamental do acontecimento do Círio, manifestado discursivamente e constituindo os sujeitos religiosos.

Nos primeiros instantes do contato, notou-se certo receio dos sujeitos em exporem suas experiências. No entanto, logo em seguida, ocorreu uma espécie de liberação de emoções, e eles soltaram as “amarras”, produzindo discursos espontâneos, envolvendo fé e devoção.

Nesses discursos, pode-se observar a presença de outros discursos, muitos deles sobre curas de doenças pela medicina. Constatou-se também presença de reticências ou lacunas, cujos efeitos de sentido derivam não da palavra, mas do silêncio. Além disso, foi interessante atentar a referência que os discursos faziam a um tempo passado em sua relação com o tempo presente dos sujeitos. Suas discursividades relacionavam-se a elementos históricos que diziam respeito às suas condições de existência no mundo temporal. No momento em que falavam sobre a representação da Virgem, demonstravam um acentuado estado de enlevo, como se estivessem “tomados” por uma força interior. A coleta dos depoimentos no local do acontecimento foi fundamental, pois permitiu a observação das condições circunstanciais de produção do discurso.

Cada contato para a coleta durou em média dez minutos, envolvendo o tempo de explicação dos propósitos da pesquisa. Procurou-se, durante todo esse tempo, observar os sujeitos, o modo como produziam o discurso, focalizando não apenas a oralidade, mas também seus gestos performativos de satisfação e, paradoxalmente, de sofrimento devido às condições de cansaço do esforço físico empreendido ao acompanhar a procissão que se movia lentamente debaixo de alta temperatura solar³².

Durante a coleta dos depoimentos, após explicações aos sujeitos sobre o que deveriam abordar nas respostas, ou seja, a motivação da promessa, o alcance do milagre e a representação simbólica da Virgem, enunciou-se a pergunta: “Como aconteceu o milagre com a senhora?” Os depoimentos foram gravados em MP5 e posteriormente transcritos.

O caminho metodológico escolhido também levou em consideração, como já dito, os gestos performativos dos sujeitos, ou seja, os gestos em que o dizer desses sujeitos relacionou-se a um fazer. Esse fato permitiu identificar e interpretar o discurso dos

³² No norte do Brasil, só existe duas estações climáticas: inverno e verão. O mês de outubro é marcado pelas altas temperaturas do verão, que alcançam 39° graus.

“pagadores” de promessas que, constituídos pela linguagem, são afetados pela história e ideologia.

Cada depoimento coletado constituiu uma experiência singular, todavia, vistos como discursos, relacionam-se, como já dito anteriormente, com outros discursos de outros tempos e lugares distintos.

Observou-se, ainda, que, durante a produção desses discursos, os sujeitos colocavam-se como referência central, muitas vezes fragmentando o dizer, tentando convencer o pesquisador da veracidade dos fatos discursivizados.

Para efeito de análise, os sujeitos foram codificados em S01, S02, S03, S04, S05, S06, S07, S08, S09, S10, S11, S12, S13 e S14; visando resguardar suas identidades. As informações limitam-se ao sexo e à idade.

5.3 O TRATAMENTO DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

A partir da noção de “recorte”, orientada por Orlandi (2005, p. 66), foram selecionadas vinte sequências discursivas de referência que se constituíram no *corpus* discursivo a ser analisado.

O trabalho analítico dessas sequências desenvolveu-se a partir da descrição dos elementos da materialidade linguística com vistas à sua interpretação cujo escopo é, no caso, a identificação dos elementos da memória discursiva presentes em sua constituição.

Inicialmente, constatou-se que muitas questões teóricas as atravessavam, requerendo a definição, ou melhor, a manutenção da direção interpretativa adotada, qual seja, a da observação dos efeitos de sentidos provocados pela ideologia cristã católica. Importou não perder de vista esse foco, relacionando-o a gestos discursivos dos sujeitos.

Outro aspecto a ser referido diz respeito ao fato de que não há interpretação total ou acabada, assim como não há discurso completo. Brechas ou lacunas são, por natureza, constitutivas de discursos. E, sendo toda interpretação também um discurso, apresenta aspectos subjetivos e lacunares.

Com esse sentimento, de certeza da falha, da lacuna, da incompletude, é que foram realizadas as análises. Convém colocar que isso ocorre em qualquer processo analítico em ciências interpretativas; entretanto, em análise de discurso, há dispositivos teóricos e

metodológicos que visam direcionar o olhar do analista e atender a seus propósitos, contribuindo para a compreensão dos processos discursivos.

No entanto, considere-se a possibilidade de aspectos não terem sido contemplados pelas análises. Talvez os discursos relacionados à pesquisa possam ter escondidos aspectos relevantes da vida religiosa de cada sujeito que o processo analítico não deu conta. Vidas são constituídas de enigmas de difícil interpretação. Todavia, o processo interpretativo, mediante a utilização de pressupostos adequados, pode revelar os efeitos de sentidos nos ditos e não-ditos dos discursos, ligados às posições dos sujeitos discursivos, expondo, dessa forma, o funcionamento da ideologia na materialidade discursiva.

6 A ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE MILAGRES

As análises, apresentadas neste estudo, não se colocam no âmbito das explicações definitivas, portanto não têm a pretensão de esgotar todas as possibilidades de interpretação. Elas trabalham nos “espaços discursivos” (PÊCHEUX, 2008, p. 51), com foco na tensão entre a historicidade do dizer e a formulação desse dizer.

Com essa finalidade, o estudo propôs-se a realizar a análise das sequências discursivas (sd) selecionadas, tendo por base a metodologia apresentada no capítulo anterior. Procurou-se desvelar a constituição dos efeitos de sentidos a partir da identificação dos pressupostos ideológicos em jogo e a relação com a materialidade linguística; em outras palavras, tratou-se de examinar o funcionamento discursivo do discurso religioso sobre milagres mediante a observação do cruzamento do interdiscurso com o intradiscurso. Isso se fez reconhecendo os dizeres já-ditos, que retornam sob a forma de pré-construídos linearizados na superfície discursiva, ligados à ideologia religiosa cristã católica.

Para tanto, apresentam-se dez grupos de sequências discursivas de referência (sdr), relacionadas a Discursos Religiosos Católicos (DRC) sobre milagre que foram alcançados, segundo os sujeitos da pesquisa, pela intercessão da Virgem de Nazaré. Os grupos compreendem: fé, devoção, promessa, milagre, cura, graça, agradecimento, Círio, crença na transcendência e onipotência divina. Ressalte-se ser essa divisão em grupos apenas de caráter operacional, baseando-se, para tal, na identificação da proeminência, nas sequências em foco, de algum desses elementos, que se encontram evidentemente imbricados.

6.1 A FÉ

Sdr 1: Ele foi... saiu com a família e sofreu um assalto dentro do carro, e o marginal levou os dois celulares, deixou o carro, mas deu um tiro no fêmur dele, quebrou... Já fez três cirurgias, e tá até hoje, mas ele vai... Já fez três cirurgias, tá com os parafusos, e vai... vai ficar bom. Ah! Mas isso (Nossa Senhora de Nazaré) é infalível né, isso é uma coisa abençoada, que é com Ela que nós temos que recorrer, eu tenho a certeza que Ela intercede junto a Jesus por todos nós, e esse pedido vai ser alcançado. *Muito amor, muita fé, a fé em Deus, fé na religião, a fé em tudo.*

Sdr 2: Foi que minha a filha tava muito doente, aí eu pedi que... Ela curasse a minha filha, que eu pagaria a promessa, vindo descalça. Prá mim Ela é padroeira, Ela é mãe de tudo. Muita gente fala assim: ah! Porque muita gente vai adorar um gesso, uma imagem não existe! *O que existe é a fé da pessoa. Quem tem fé..., quem não tem fé não estaria aqui, se não tivesse fé, não é verdade?* Primeiramente a Deus.

Nessas sequências discursivas de referência, têm-se um tema considerado fundamental na religião, relacionado à devoção católica – a fé. Como já referido no primeiro capítulo, a fé funciona como o “motor” que orienta os gestos e as atitudes dos sujeitos interpelados pela religião. É o móvel para a salvação, prometida aos sujeitos pelo discurso bíblico.

Com a fé, os sujeitos religiosos acreditam ter mais poder sobre os destituídos de fé. Creem que, em posse dela, livram-se do pecado, e têm garantias de vida eterna, pela promessa divina. A fé inclui os sujeitos no espaço do Sagrado e, aos que não têm fé, reserva os espaços não sagrados. Lima, em estudo sobre o assunto, constatou que, na religião, “não basta se dizer que se tem fé, mas que se deve provar a Deus sua intensidade através de atitudes” (2002, p. 112).

Em qualquer religião, sobretudo nas que configuram o Cristianismo, é inadmissível a presença de sujeitos infiéis. Em outras palavras, “quem não tem fé, é infiel a Deus, a Jesus Cristo e à Virgem Maria”.

A fé, no catolicismo, constitui-se numa força interior dada por Deus aos homens, portanto é divina. Ela possibilita a mudança, o alcance da salvação. Segundo Orlandi, na perspectiva da religião, “O homem, com fé, tem mais poder, mas como a fé é um dom divino, Ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus”. (2009, p. 250)

Isso implica que vem Daquela que é inominável pelos sujeitos, mas que se autodenomina “Senhor de fé”. Para Espinosa (2008), a fé está relacionada à obediência a Deus que, por sua vez, relaciona-se às obras, daí o dizer bíblico “fora da caridade não há salvação”.

A sdr 1, conforme se pode constatar, refere-se a um ferimento grave com fratura, provocado por um tiro de revólver durante um assalto. O sujeito-enunciador, mãe da vítima, tendo recebido a “graça divina”, pagava a promessa feita pela melhoria da saúde de seu filho que a acompanhava na procissão do Círio de Nazaré.

No enunciado, retirado dessa sdr, “*Muito amor, muita fé, a fé em Deus, fé na religião, a fé em tudo*”, observa-se a ausência de formas verbais. Tal fato, do ponto de vista da sintaxe normativa, não constituiria oração. Entretanto, o que interessa salientar é que essa falta na estrutura³³ pode ser índice da relação intensa estabelecida pelo sujeito com sua FD.

33

Remeto aqui ao trabalho de Ernst (2010, p. 2), apresentado no SEAD, “A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo”. Diz a autora: “numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que

Com facilidade, poder-se-ia fazer corresponder a essa falta, a perífrase verbal “*Devemos ter...*”, modalidade deôntica que diz respeito à conduta, às normas, àquilo que se deve fazer. O emprego dessa modalidade, mesmo que implícita, atesta a filiação ideológica do sujeito, ligada à fé.

Essa sdr, no nível da formulação compõe-se de enunciados que apresentam um excesso – repetição do advérbio “muita” e do substantivo “fé”. Esse excesso, da mesma forma que a falta assinalada acima, trabalha os sentidos constituídos na/pela religião. Ressalta-se que a ordem dos termos nas expressões introduzidas pelo substantivo “fé”, explicações do referente dada à transitividade aí implicada, estabelece uma hierarquia que presentifica o pré-construído de que “Deus é o móvel da fé”, isto é, “o Centro da fé”.

O sujeito discursivo, ao formular o enunciado “*fé na religião*”, produz o efeito de sentido de crença na existência de forças e entidades sobre-humanas, que residem no Sagrado, e que são responsáveis pela criação, ordenação e sustentação do Universo, ou seja, Deus. Nesse aspecto, a religião se mostra pela obediência exclusiva aos seus princípios, que se materializam em enunciados regidos pelos dogmas ou preceitos determinados pelo discurso bíblico. Em outras palavras, na sdr 1, nota-se o respeito ou a reverência às coisas relacionadas ao sagrado, e isso, segundo a Igreja Católica, é uma obrigação de todo sujeito que tem fé. Chama-se a atenção também para o uso do pronome indefinido “tudo” no enunciado “*a fé em tudo*” que produz um efeito de totalidade, derivado do pré-construído relativo ao fato de “que todas as coisas foram criadas por Deus”, portanto, Deus é merecedor de fé.

Na sdr 1 em análise, o sujeito retoma um já-dito da história do Cristianismo relacionado ao culto à Virgem de Nazaré. Ele refere-se ao profundo afeto do sujeito por Deus, presentificando em sua devoção (veneração), a Virgem de Nazaré. Tal interpretação respalda-se na formulação, “*Mas isso (Nossa Senhora de Nazaré) é infalível né, isso é uma coisa abençoada, que é com Ela que nós temos que recorrer, eu tenho a certeza que Ela intercede junto a Jesus por todos nós*”.

Outro pré-construído que se pode depreender da sequência é a supremacia da fé frente a explicações racionais. Evidencia-se a marcação da distância entre fé e razão. Segundo os metafísicos cristãos, conforme referido no primeiro capítulo, a fé, relacionada ao sagrado, deverá sempre prevalecer sobre a razão.

Com relação à sdr 2, destaca-se a formulação: “*O que existe é a fé da pessoa. Quem tem fé..., quem não tem fé não estaria aqui, se não tivesse fé, não é verdade?*” que é

parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus*”.

parte integrante do DRC sobre milagres. Foi produzida por um sujeito que acompanhava o Círio de Nazaré, “pagando” promessa, de pés descalços, pela cura de sua filha.

No plano enunciativo, percebe-se o “mecanismo de antecipação”, na medida em que o sujeito discursivo orienta o discurso para o que acredita ser presumido pelo interlocutor, formulando o enunciado “*O que existe é a fé da pessoa*”. No plano discursivo, a materialização de elementos interdiscursivos relacionados à fé faz-se através de uma voz genérica, impessoal. O sujeito não se nomeia “eu” e, a partir daí, discursiviza os saberes que o constituem; esses saberes são apresentados sem a aparente intervenção do sujeito. É como se já lá estivessem. Trata-se de pré-construídos, saberes “universais”, materializados mediante o emprego de relativas: “*O que existe...*”, “*Quem tem fé... quem não tem fé...*” É a ação da memória discursiva enquanto existência histórica de enunciados³⁴ regulados pelos aparelhos ideológicos. De acordo com Foucault, dizem respeito aos

[...] discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (2004, p. 22)

É a voz “sem nome”³⁵ que se faz ouvir, no caso, a voz da autoridade da religião. Essa voz dicotomiza os sujeitos: aqueles que têm fé e aqueles que não têm fé. A sequência orienta-se nesse sentido e mostra que “quem tem fé, não é qualquer sujeito”, criando, portanto, uma distância entre os sujeitos com fé e os sujeitos sem fé. Tal mecanismo desvela a posição-sujeito assumida, qual seja, a de alguém que tem fé, diferente de quem não a tem.

A recorrência à forma verbal “tem” orienta para o sentido de estar no gozo e posse da fé, ou seja, quem enuncia é um sujeito dotado de fé, que a recebeu de Deus, portanto, consagrou-se a Ele. Esse fato retoma um pré-construído: “todo sujeito que tem fé, estará entregue a Deus e auxiliado por Ele. Nunca perecerá. Terá vida eterna”. Ou seja, será merecedor da promessa divina.

O enunciado “*quem não tem fé não estaria aqui*” recusa o espaço do acontecimento sagrado do Círio, aos incrédulos, aos que não compartilham da veneração à Virgem de Nazaré. Portanto, o discurso mostra a separação entre os que acreditam e os que não acreditam. O uso da condicional também trabalha nesse sentido.

³⁴ O termo “enunciado” aqui deve ser entendido da acepção de Foucault.

³⁵ Expressão utilizada por Courtine (apud Orlandi, 2005) para se referir aos elementos do interdiscurso.

Observa-se, igualmente, o teor fático da formulação “*não é verdade?*” que “convida” o interlocutor a participar de sua posição. O sujeito, ao fazer a interrogação, presume uma resposta positiva e, ao mesmo tempo, orienta o interlocutor para que admita o discurso produzido, colocando o dito a serviço da manutenção dos pressupostos de sua FD. Ao buscar o consenso, o sujeito, inconscientemente, tenta fechar o discurso, impedindo que sentidos fiquem à deriva, o que não é possível, do ponto de vista da AD. Nesse gesto, o sujeito opõe o termo “verdade” à mentira, isto é, a não-verdade, impondo o efeito de sentido de crença e certeza da existência da fé.

Acrescenta-se a esse fato que o sujeito, ao usar o termo “verdade” em sua enunciação, movido pela ilusão de que o que enuncia só pode ser enunciado dessa forma e não de outra – temos aqui o esquecimento nº 2 de que nos fala Pêcheux -, o faz manifestando sua crença na correspondência do dito à realidade, ou seja, ao que é exato.

6.2 A DEVOÇÃO

Sdr 3: Uma vez eu estava, em casa trabalhando, de repente eu sentir uma forte dor de cabeça, meu marido ficou muito preocupado, correu na rua, comprou remédio prá mim, tomei, mas esse remédio não combateu. Então eu me recorri à Virgem de Nazaré, que Ela me curasse que eu ficasse curada para sempre, *que eu ia ser uma devota fiel a Ela*, rezando terços, e rezo terços, diariamente para Ela né, e graças a Deus hoje eu estou aqui,...

“Sdr 4: *E eu me peguei com Nossa Senhora de Nazaré*, e... Ela me ouviu né, nas horas que eu tava mais aflita pedi prá Ela, e hoje ele ainda... tá vivo, ele sente algumas coisas né, assim, porque com a perda do baço, ele ... sentiu... né, é um órgão da gente que faz falta”.

As sequências discursivas destacadas tratam da devoção católica, dedicada a Nossa Senhora de Nazaré. Aqui, devoção é compreendida como um gesto material, realizado por um “sujeito devoto”, que se dedica à Virgem Maria, Mãe de Jesus Cristo. Nesse foco, a devoção trata-se de um forte sentimento religioso de veneração, admiração e amor pela Mãe do Messias. Assim, neste estudo, compreende-se que o sujeito devoto católico é aquele que, materialmente, manifesta sua devoção, relacionada à fé, consagrando-se como filho de Deus e da Virgem Maria.

Os sujeitos devotos da Virgem de Nazaré expressam um profundo respeito por Ela e veneram a Sua imagem, colocando-a no lugar de intercessora de seus pedidos ou súplicas junto a Deus Filho. Daí o discurso ordinário: “Peça à Mãe, que o Filho atende”.

Ser devoto, nesse contexto, significa incluir-se no espaço do sagrado, fazendo parte de uma extensa família de católicos que, interpelados pela materialidade da fé, inserem-se na formação ideológica (FI) cristã católica.

No Cristianismo, em particular na Igreja Católica, é comum encontrar sujeitos devotos de santos, principalmente devotos de Nossa Senhora. De acordo com a abordagem do primeiro capítulo sobre a voz de Deus, Nossa Senhora e os santos da Igreja Católica funcionam como “mediadores” entre o mundo temporal e o mundo espiritual, o que instaura a ilusão de reversibilidade do DRC no sujeito devoto, ou seja, é através dos santos que esses sujeitos materializam suas devoções, fazendo pedidos, alcançando milagres e “pagando promessas”. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que ser devoto na Igreja Católica é estabelecer uma aliança com Deus, tendo como “procuradores” os santos e/ou a Virgem Maria.

A sdr 3 “*que eu ia ser uma devota fiel a Ela,*” foi destacada de um discurso ordinário, entendido como um DRC sobre milagre. No momento da coleta do discurso, o sujeito-locutor “pagava” uma promessa pela cura de uma doença que a acometera e de outra que acometera sua filha. Ao mesmo tempo, pedia uma nova “graça”, também relacionada à cura de outra pessoa da família – sua neta. Esse sujeito, no Círio de Nazaré, configura-se como um romeiro³⁶, por não residir na cidade do acontecimento.

Na sequência discursiva, observa-se a marca enunciativa do sujeito-locutor que se apresenta no discurso assumindo sua posição: “*que eu ia ser uma devota fiel a Ela*”. O sujeito discursivo, constituído pela linguagem, presentifica-se como sujeito da oração, mostrando-se como um “sujeito devoto” da Virgem de Nazaré. Do ponto de vista da semântica discursiva, ele discursiviza, enfaticamente, sua sujeição ao espaço do Sagrado.

Nota-se, na formulação “*Então eu me recorri à Virgem de Nazaré, que Ela me curasse, que eu ficasse curada para sempre, que eu ia ser uma devota fiel a Ela...*”, o uso recorrente do termo integrante “que” e a pressuposição de verbos (ausentes) a que ele se ligaria. Provavelmente, “pedir” e “prometer”. Assim, ter-se-ia: “Então eu me recorri a Virgem de Nazaré, (pedi) que Ela me curasse, pedi que eu ficasse curada para sempre, prometi que eu ia ser uma devota fiel a Ela...”. O que se evidencia é uma relação de condicionalidade que possibilita a seguinte paráfrase: “prometi que (se) eu ficasse curada para sempre, eu ia ser uma devota fiel a Ela...”. Assim, estabelece-se um processo de negociação entre o devoto e a

³⁶ No Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Estado do Pará, são considerados “romeiros” todos os sujeitos que vêm de outras cidades, principalmente do interior do Estado, para acompanharem o acontecimento “pagando promessa”, ou demonstrando devoção à Virgem.

Santa. Se ele receber o que pretende, tornar-se-á devoto. A construção perifrástica “*eu ia ser*” participa desse processo, uma vez que introduz a noção modal de possibilidade (hipótese) em uma situação presente hipotética. Pelas condições de produção do discurso, o enunciado “*eu ia ser*” não orienta para uma certeza, situando-se numa zona de tensão discursiva. Trata-se de um dizer que instaura uma dúvida, o que não ocorreria se fosse usado o futuro do presente “... que eu vou ser (serei) uma devota fiel a Ela...”.

Pêcheux, ao se referir ao gesto interpretativo do discurso, assevera que o princípio desse ato consiste

[...] em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito. (2008, p. 44)

A instauração da dúvida implica a concorrência de duas posições-sujeito: uma de fé sem reservas e outra de fé parcial. Nessa última, o sujeito, embora permaneça na formação discursiva religiosa católica, não seria totalmente um “bom sujeito”, na acepção de Pêcheux (1988), melhor dizendo, seria quase um “mau sujeito”, na medida em que abre a possibilidade de não se tornar devoto, caso não fosse atendido seu pedido de cura. Desse modo, a sdr 3 produz um efeito de sentido de religiosidade e devoção, mas não reflete um assujeitamento total. Na sequência dessa formulação, temos “*rezando terço, e rezo terços, diariamente para Ela né...*”. Aí irrompe a habitualidade do ato de rezar, como prática material para manter a devoção e a fidelidade à Virgem, ou seja, manter a interpelação ideológica. Segundo Althusser,

Diremos portanto, considerando um sujeito..., que a existência das ideias de sua crença é material, pois suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as ideias do dito sujeito (1985, p. 91-92).

Nesse gesto, o sujeito retoma um já-dito pela história do Cristianismo, marcando a materialidade da devoção. Repete o discurso religioso de forma interparafrástica, reatualizando o dizer, produzido durante as aparições de Maria, na cidade de Fátima, em Portugal, no ano de 1917. Na época, Nossa Senhora aconselhava os três pastorinhos – Lúcia, Francisco e Jacinta - que rezassem diariamente o terço: “Rezem o terço todos os dias, para

alcançar a paz”. Segundo a história, em sua última aparição, no dia 13 de outubro do mesmo ano, a Virgem revelou sua identidade com o dizer: “Eu sou a Senhora do Rosário”.

Assim, o sujeito refere o profundo afeto pela Virgem e presentifica a devoção. Essa noção de afeto materializa a interpelação ideológica através do pré-construído: “Eu amo a Mãe do meu Senhor”.

A formulação da sdr 4 “*E eu me peguei com Nossa Senhora de Nazaré*” integra também o DRC sobre milagre. Foi produzida por outro “sujeito devoto”, que acompanhava o Círio de Nazaré, “pagando promessa” pela cura da saúde de uma pessoa da família – filho. Essa formulação marca a filiação religiosa do sujeito. Interessa aqui refletir sobre o emprego da construção “... *eu me peguei com Nossa Senhora de Nazaré*”. O verbo que a constitui – “pegar” tem como pressuposto linguístico um agente e um objeto a ser “pegado”, sendo esse objeto diferente do agente que “pega” – *Eu peguei o rosário*, por exemplo. Entretanto, na sequência analisada, torna-se reflexivo, o que significa dizer que há uma sobreposição entre agente e objeto – *Eu me peguei...* O sujeito, nesse caso, é agente e objeto da ação verbal, numa construção similar: *Eu me apeguei a Nossa Senhora*. A reflexividade linguística é sintoma da ilusão da subjetividade. O sujeito torna-se “agente”, responsável pela ação – é ele que se pega com Nossa Senhora e não é “pegado” pela interpelação religiosa.

Outro aspecto a ser considerado na sdr 4 relaciona-se com a formulação “... *Ela me ouviu né nas horas que eu tava mais aflita pedi prá Ela, e hoje ele ainda... tá vivo...*”. O sujeito marca, no discurso, a impressão de um contato material com a Virgem Maria, confirmando a noção de ilusão da reversibilidade no discurso religioso. Há a presunção de diálogo material ocorrido entre ele (sujeito) e a Virgem de Nazaré e também a ilusão de controle sobre o dizer. Além disso, o sujeito tenta “fechar” as lacunas que possam sugerir outros efeitos de sentidos, como por exemplo, o sentido de que a cura não tenha acontecido pela intercessão de Deus e da Virgem de Nazaré, reafirmando o pertencimento à FI cristã católica.

No discurso, o referente “Nossa Senhora de Nazaré” funciona como uma realidade material. Livre de explicações racionais desloca-se, na tensão discursiva, para o terreno das emoções, orientando-se para a devoção, o amor e a admiração pela Mãe de Jesus. Esse fato marca novamente a interpelação ideológica religiosa que, segundo Althusser (1985), em seus movimentos interpelativos, “ajusta” sujeitos, através de práticas materiais, como forma de manter uma situação de dominação.

O sujeito discursivo, ao produzir posteriormente no intradiscurso “Ela é minha Mãe, Ela não me desampara em momento algum”, faz uma retomada do referente, formulando uma paráfrase, e asseverando, novamente, a sua submissão. Essa referência de si, como sujeito interpelado, diz respeito a sua posição-sujeito – sujeito devoto – como aquele que tem fé em Nossa Senhora de Nazaré. Desse modo, emerge o pré-construído: “todo sujeito devoto da Virgem de Nazaré, será sempre protegido por Ela”, ou seja, será merecedor do auxílio divino, desde que se submeta à interpelação ideológica pela fé.

6.3 A PROMESSA

“Sdr 5: Era uma dor que apareceu na minha perna, aí vivia doendo noite e dia, aí *eu agarrei e fiz promessa né, pedindo para Nossa Senhora de Nazaré*, porque, passasse a dor das minhas pernas, que *eu vinha três anos pagar a promessa*, com uma vela acendida, acompanhando a procissão Dela”.

Sdr 6: Eu peguei um princípio de derrame, antes, né, então eu fiquei paraplégica andando um mês de cadeira de roda, *eu fez um voto muito grande prá Virgem Maria, que se Ela me curasse, hoje eu estaria aqui, pagando essa promessa*. Ela representa pra mim vida, vida, cura, saúde, paz, amor, milagre. Hoje eu me sinto curada, hoje eu ando carregando a Nossa Senhora de Nazaré, porque Ela é minha mãe, é a Mãe da minha vida. Porque eu sofri muito, um sofrimento muito grande de saúde.

As sequências discursivas tratam de realizações de “promessas” a Nossa Senhora de Nazaré. Neste estudo, o ato de fazer promessa é entendido como um gesto material, realizado por um sujeito devoto da Virgem Maria. No processo de “fazer promessa”, inicialmente, o sujeito realiza um pedido à Virgem. Em seguida, compromete-se ao “pagamento”, que será realizado com um gesto material, como forma de fazer a contrapartida pela graça solicitada, ou seja, de realizar uma ação, que na maioria das vezes, demanda esforço físico e sentimento de dor.

Com essa noção de promessa, pretende-se fazer o percurso de análise das sequências acima relacionadas, formuladas por sujeitos religiosos no momento que “pagavam” promessas à Virgem, no Círio de Nazaré.

O sujeito, que realiza o “pagamento” de promessa nesse acontecimento, é denominado, em discursos ordinários, de “promesseiro”, isto é, sujeito que pratica promessa à Virgem. Ser “sujeito promesseiro” significa ser um devedor do que prometeu ao Sagrado. Em

outras palavras, o sujeito ao fazer promessa, passa a ter uma dívida material que se relaciona a sua fé. Ou seja, o sujeito é interpelado ao “pagamento” material por uma promessa realizada.

Durante a realização do Círio de Nazaré, é considerável o número de “sujeitos promesseiros” pagando promessas. Eles acompanham o cortejo vestidos de túnicas brancas, de pés descalços, levando nos ombros cruzeiros pesadas de madeira, repetindo o gesto de Jesus a caminho do Calvário; carregam na cabeça casas em miniatura, tijolos de construção imobiliária e, nas mãos, ex-votos³⁷ e círios, confeccionados em cera, que, ao final da procissão são depositados no “carro dos milagres”; e, ainda, em gestos extremos, vestem-se com casacos tecidos com cipós e caranguejos vivos, como já foi dito anteriormente. Há, ainda, sujeitos que fazem todo o trajeto de joelhos, o que ocasiona ferimentos que se assemelham a gestos de mortificação, além de outras situações inusitadas.

A sdr 5, integrante do DRC sobre milagre, é o dizer de um sujeito-locutor, pagador de uma promessa relativa à cura de uma dor na perna que, segundo ele, havia desaparecido, pela intercessão da Virgem de Nazaré.

De início, observa-se a assunção do discurso pelo sujeito através da marcação enfática do pronome “eu” em seu dizer. Nota-se, mais uma vez, o sujeito discursivo constituído pela linguagem e pela ideologia, reivindicando com insistência o agenciamento de seu discurso. Ele mostra-se como um sujeito interpelado, com uma dívida material a pagar, tendo em vista a realização de uma promessa.

O discurso demonstra que há um comprometimento prévio do sujeito com essa dívida a ser paga. Há aqui a convocação do pré-construído “quem deve, deve pagar”. Esse fato comprova-se no prosseguimento do discurso, quando o sujeito diz: “*que eu vinha... pagar a promessa*”. A condição de ser “sujeito promesseiro” orienta, pois, para a noção do assujeitamento implicada na realização da promessa.

Outro fato que chama atenção é o uso do verbo “agarrar” que, no discurso, funciona como ação de suplicar uma graça divina (cura), marcando uma “escolha” religiosa e não racional. O sujeito, ilusoriamente, encontra-se em comunicação com o Sagrado. Configura-se seu desejo de ter contato com Deus, pela intercessão da Virgem Maria. Segundo Alves, ao prefaciá-la obra de Droguett, e tratar dessa questão no texto “O poder do que não existe”, assevera que “a religião, assim entendida, não passa de uma ilusão”, e acrescenta que, “as coisas que não existem têm o poder de nos socorrer”. (2000, p. 11).

³⁷ Peças que representam partes do corpo humano – pés, mãos, coração, pulmão, cabeça e outros – e que são oferecidas à Virgem por graça alcançada.

A inclusão da forma verbal de gerúndio, no enunciado *“pedindo para Nossa Senhora de Nazaré”*, marca a continuidade e a manutenção do gesto interpelativo da religião sobre o sujeito. Com esse dizer, ele deixa que se perceba a sua vulnerabilidade, enquanto sujeito interpelado, que precisa permanentemente do auxílio divino, do mundo espiritual para poder viver no mundo temporal. Com essa discursivização, o sujeito, de modo inconsciente, orienta para o efeito de sentido de permanência na FI cristã católica, assegurando a sua fé em Nossa Senhora de Nazaré. Desse modo, ele confirma também a mediação da Virgem Maria, entre ele (sujeito) e Deus.

Outro aspecto a ser observado na sdr 5 é o marcador conversacional “né”, na formulação *“agarrei e fiz promessa né”*. Aqui, o termo funciona como um marcador de um diálogo pressuposto pelo sujeito discursivo. Enunciativamente, pode-se dizer que ele o usa para solicitar apoio na formulação que se enquadra em sua FD. Ele “deseja” a confirmação do que diz, por presumir que seu interlocutor faça parte da mesma FD. Ou seja, ele quer uma concordância ou aceitação de sua posição-sujeito no discurso. Isso decorre de sua submissão à FI que orienta seu discurso no sentido de manter os pressupostos. A materialidade discursiva manifesta-se em função do “sujeito promesseiro”.

Importa, ainda, observar que o enunciado *“eu vinha três anos pagar a promessa,”* traz à atualidade uma condição concreta de prazo de pagamento, relacionada ao tempo de permanência da “dívida”: “três anos”. Acrescenta ainda, a forma de pagamento, quando produz a sequência posterior: *“com uma vela acendida, acompanhando a procissão Dela”*. Nesse aspecto, emerge o pré-construído: “toda dívida tem relação com um tempo para pagamento”. Daí, o pressuposto de que o sujeito que faz promessa é um devedor para com o Sagrado. A sdr 5 evidencia a relação do “sujeito promesseiro” com o pagamento da dívida ao Sagrado. Essa noção de pagamento de promessa materializa a interpelação ideológica do sujeito, trazendo pelo interdiscurso o pré-construído: “Devo à Virgem de Nazaré a minha cura”.

A sdr 6 *“eu fez um voto muito grande prá Virgem Maria, que se Ela me curasse, hoje eu estaria aqui, pagando essa promessa”*, é outra formulação discursiva que integra o DRC sobre milagre. Foi construída por um “sujeito promesseiro”, como os anteriores, que acompanhava o Círio de Nazaré, em um gesto interpelativo, “pagando promessa”, pela cura de um “princípio de derrame” (AVC). Na oportunidade, o sujeito discursivo carregava uma pequena réplica da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré no colo, confeccionada em gesso, e se fazia acompanhar de seu cônjuge.

Inicialmente, percebe-se a ocorrência do pronome pessoal “eu”. Portanto, o sujeito discursivo se apresenta, literalmente, como o sujeito da ação, ou seja, como o sujeito que fez a promessa, interpelado pela ideologia cristã católica. No entanto, observa-se que, ao usar a expressão verbal “*eu fez*”, o sujeito produz um deslizamento da primeira pessoa do discurso para a terceira pessoa “ele”, ou seja, para uma certa indeterminação discursiva. Daí, a questão: Quem fez a promessa? Tal fato parece indicar a presença do inconsciente na linearidade significante. O sujeito deixa entrever a possibilidade de outro ter feito a promessa.

No prosseguimento, tem-se “*que se Ela me curasse*”, introduzido pelo termo integrante “que”, funcionando como um conector de oração subordinada. Logo a seguir, o sujeito acrescenta a condicional “*se*”, marcando a condicionalidade para o pagamento da promessa – a cura. Cabe, então, a indagação: “se não houvesse a cura, o sujeito estaria participando do Círio?!” A condicionalidade produz uma zona de tensão no discurso entre duas posições-sujeitos: a de sujeito promesseiro e não-promesseiro, o que é reforçado com o uso do futuro do pretérito na oração substantiva, pois o emprego dessa forma verbal implica a não assunção pelo sujeito daquilo que enuncia. O efeito produzido é que apenas os que recebem a graça solicitada são devedores do Sagrado e, nessa condição pagam promessa. Interessante se pensar que, nesse caso, não é o discurso religioso que impõe condições ao sujeito; ao contrário, é ele que, condicionando a sua presença no Círio ao atendimento de seu pedido à Santa, determina-as. No entanto, tal fato não descaracteriza a posição dominante de sujeito promesseiro.

Reforçando essa interpretação, percebe-se, ao observar a formulação: “*Hoje eu me sinto curada, hoje eu ando carregando a Nossa Senhora de Nazaré, porque Ela é minha mãe, é a Mãe da minha vida*”, que o sujeito, a um só tempo, apresenta um discurso “sem falhas”, um discurso em que se enquadra o “bom-sujeito” de Pêcheux. De acordo com Indursky (2008: 12-13), a noção de “bom-sujeito” decorre do que

Pêcheux designou de superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da formação discursiva. Tal superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o discurso do sujeito (...) quando ela ocorre, produz não um sujeito dotado de unidade, mas um efeito-sujeito (...) que se crê na origem do dizer e que, portanto, produz seu discurso sob a ilusão da unicidade imaginária do sujeito. Logo, a unicidade do sujeito é da ordem do imaginário.

Colocando o discurso na ordem da atualidade, o sujeito, ao utilizar e repetir o termo “hoje” – o que implica o pressuposto de que anteriormente poderia não ser assim -, reafirma sua posição de fé, pelo recebimento da graça: “*me sinto curada*” e sua consequente submissão “*ando carregando... Ela é minha mãe... Mãe da minha vida*”, marcando discursivamente sua submissão à FD religiosa.

Desse modo, tomando por base um dos pressupostos teóricos da AD, o sujeito discursivo diz o que pode e deve ser dito, e “escapa” do que não pode e não deve ser dito. Com isso, ele relaciona a sua FD à FI cristã católica, materializando a promessa como uma dívida diante de Nossa Senhora de Nazaré.

6.4 O MILAGRE

Sdr 7: Bem, a minha promessa... a minha irmã, ela... ela tava com pneumonia e com obscesso (tumor) no pulmão, e então no momento de desespero, né, que os médicos disseram que ela só iria ficar boa se ela operasse, se fizesse uma drenagem, então ela conseguiu um leito na Santa Casa e ficou internada e a gente..., eu... eu... né, *eu sentei, conversei com Nossa Senhora e pedi a Ela que curasse a minha irmã, e, quando minha irmã bateu a chapa não tinha nada*. Ela estava curada não tinha nada no pulmão dela, ela ficou sendo tratada só com antibiótico, e hoje a minha irmã está na casa dela, com a filha dela curada.

“Sdr 8: Fiquei cega... cega de dia, *me peguei com Nossa Senhora, e Ela me concedeu esse milagre: eu consegui operar e voltar a enxergar*. Graças a Deus, eu agradeço a Deus, a Ela e a Jesus, por isso”.

As seqüências discursivas destacadas tratam de “milagres” atribuídos a Nossa Senhora de Nazaré. Neste estudo, o milagre é compreendido como um fato religioso, em que cabem explicações de ordem divina e não científicas. Como já referido no primeiro capítulo, os milagres relatam mistérios divinos, que, muitas vezes, quando discursivizados, criam um embate entre o sagrado e as explicações racionais, com a prevalência do primeiro sobre o segundo.

Do ponto de vista religioso, os milagres não foram criados para serem explicados pela razão humana. Eles residem no espaço do Sagrado, provocando admiração nos sujeitos religiosos que acreditam compreender o milagre. Suas condições existenciais são assim preenchidas por suas convicções religiosas.

O sujeito que recebe um milagre considera-se um escolhido por Deus para receber uma graça. Nesse contexto, receber um milagre divino significa ser um “filho de Deus”, a

quem se deve obediência. Dito de outra forma, o sujeito que recebe um milagre mantém-se firme no propósito interpelativo da religião. Ou seja, ele é convocado à sua condição de submisso perante Deus.

No Círio de Nazaré, são encontrados inúmeros sujeitos que pagam promessas por milagres recebidos, como a cura de doenças incuráveis, salvamento de naufrágios e outros acidentes que envolvem a preservação da vida.

A formulação destacada, referente à sdr 7, “*eu sentei, conversei com Nossa Senhora e pedi a Ela que curasse a minha irmã, e quando minha irmã bateu a chapa não tinha nada*”, é integrante do DRC sobre milagre. Foi enunciada por um sujeito que carregava um pulmão de cera (ex-voto) nas mãos. Na oportunidade, o sujeito discursivo “pagava” uma promessa, pela cura de uma pneumonia de sua irmã, com agravante de abscesso no pulmão e que, segundo ele, havia sido curada, por intercessão da Virgem de Nazaré.

Como nas formulações analisadas anteriormente, o sujeito coloca-se, considerando-se a perspectiva enunciativa, como aquele que toma a palavra, designando-se “eu”. Apresenta-se, pois, como o sujeito do discurso, não permitindo dúvida sobre esse fato e comprova a sua constituição pela linguagem, ao postular para si, a autoria do discurso, na ilusão de ser o dono do dizer.

Os fragmentos “*eu sentei, conversei com Nossa Senhora e pedi que curasse a minha irmã*” pressupõem a realização de um diálogo estabelecido entre ele (sujeito) e Nossa Senhora de Nazaré. Nessa constituição discursiva, as formas verbais “sentei”, “conversei” e “pedi” situam-se na ilusão de transcendência do mundo temporal para o espiritual, como já referido no primeiro capítulo deste estudo. Ao mesmo tempo, marcam uma condição interpelativa. Esse fato demonstra que o milagre tem relação com um compromisso prévio do sujeito, de ordem material, diante de um pedido da cura.

Pela constituição do intradiscorso, observa-se que, possivelmente, o sujeito, no momento do pedido, enunciou orações dirigidas ao Sagrado. Essas orações podem ser as cristalizadas, como “Ave Maria”, “Pai Nosso”, “Terços” e outras criadas por ele. De acordo com os preceitos religiosos, são essas orações que sustentam a fé e a orientação no catolicismo. Nesse gesto discursivo, um pedido de milagre, dirigido ao Sagrado, mostra o assujeitamento pela fé, que tem como consequência o alcance do milagre. Evidencia-se novamente a posição-sujeito no interior do catolicismo, ou seja, e de um sujeito fiel à Virgem de Nazaré que acredita em milagres divinos.

Outra observação, referente à sdr 7, diz respeito ao fragmento: “*que curasse a minha irmã*”. Gramaticalmente, trata-se de uma oração substantiva, objetiva direta que complementa o verbo de elocução “pedir”. O modo verbal é o subjuntivo que denota que uma ação não realizada, é concebida como ligada a outra de que depende. De acordo com Cunha, “envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala” (2007, p. 466). Esse “matiz afetivo”, relativo ao pedido de cura, deriva da posição-sujeito filiada ao DRC, a do “bom-sujeito” de que se falou anteriormente. Tratava-se, entretanto, de algo hipotético, ainda não realizado. O sujeito religioso, porém, ao produzir o fragmento, “*e quando minha irmã bateu a chapa não tinha nada*”, enuncia a concretização do milagre, expondo, de forma categórica, sua filiação à FI cristã católica. O elemento interdiscursivo aí presente diz respeito ao fato de que os santos têm o poder de cura dos seres terrenos sob a orientação do Ser Supremo – Deus. Assim, o dizer assenta-se na materialidade do milagre, a cura, rejeitando explicações racionais.

Todavia, essas explicações racionais emergem dentro do próprio discurso, embora aí estejam a serviço da manutenção dos pressupostos religiosos. Esse fato é observado no enunciado seguinte: “*Ela estava curada não tinha nada no pulmão dela, ela ficou sendo tratada só com antibiótico...*”. Nesse contexto, o sujeito inclui aspectos relacionados à ciência, ao trazer a expressão “... *tratada só com antibiótico*”. Esse enunciado, que tem como pressuposto a negação de alternativas de tratamento mais sérias, situa-se na mesma FD, mantendo assim o efeito de comprovação do milagre. Apesar de a cura não ter sido total – a perífrase verbal “... *ficou sendo tratada*” indica uma ação continuada, não-acabada –, todavia, o sujeito mantém-se fiel a sua fé. No binômio Deus e ciência, o sujeito escolhe o primeiro. O pré-construído “Primeiro Deus, depois os homens da ciência” faz-se sentir.

A formulação da sdr 8, “*me peguei com Nossa Senhora, e Ela me concedeu esse milagre: eu consegui operar e voltar a enxergar*”, também enquadra-se no DRC sobre milagre. Foi enunciada por um sujeito que acompanhava o Círio de Nazaré, agradecendo, segundo ele, a cura de sua cegueira.

Tendo como referência a língua, observa-se inicialmente a presença do pronome pessoal oblíquo átono, da primeira pessoa do singular “*me*”, que orienta, de imediato, para a condição de sujeito interpelado pela religião cristã católica “*me peguei com Nossa Senhora*” num procedimento similar ao analisado na sdr 4.

Como já foi colocado anteriormente, na Igreja Católica existem práticas de veneração aos santos e a Virgem Maria. Nesse aspecto, o sujeito religioso apela a eles em situação de aflição. É o que ocorre nessa sdr.

No fragmento “*e Ela me concedeu esse milagre*”, o sujeito introduz o conector “*e*”, produzindo um efeito de causa/consequência: pediu o milagre (causa) e o alcançou (consequência). Outro aspecto a considerar é o uso do pronome demonstrativo “*esse*”, numa construção catafórica em que a especificação do objeto-de-discurso: o “milagre” – “... *eu consegui operar e voltar a enxergar*” - dá-se posteriormente. Embora se tenha aqui o pré-construído de que “milagres acontecem”, diferentemente da sdr 7, não se estabelece uma separação entre religião e ciência.

Tais observações permitem interpretar que, nos discursos sobre milagres, há a coexistência de duas abordagens (religião/ciência), relacionada à heterogeneidade constitutiva e à tensão discursiva dos discursos sobre milagres.

É interessante observar que o sujeito discursivo, na ilusão de completude no seu dizer, encerra o discurso, dizendo: “eu agradeço a Deus, a Ela e a Jesus, por isso”. Enquanto sujeito desejante, ele procura não deixar dúvidas sobre a autoria do milagre. Do ponto de vista dessa interpretação, novamente depara-se com a tentativa de prevalência da religião sobre a Ciência, que fica evidenciada pela atribuição da responsabilidade da cura a entidades do espaço sagrado. Com isso, está-se, mais uma vez, diante da submissão do sujeito pela FI cristã católica.

O sujeito discursivo, nesse gesto, deixa claro sua posição-sujeito, ou seja, a sua interpelação, materializando o pré-construído: “os milagres são possíveis aos que acreditam na existência de Deus”. Tal dizer, em princípio, contradiz as explicações racionais sobre a cura de doenças, embora na atualidade, essa questão venha suscitando reflexões, sobretudo na área médica.

6.5 A CURA

Sdr 9: ...Eu não sinto mais aquela dor de cabeça forte que era desesperada, que eu tinha vontade de morrer, porque era muito forte, ***mas hoje Ela me curou, eu não sinto mais dor de cabeça***, sinto aquele mal estar, mas depois passa né. (...) ***Mas hoje eu estou curada da dor de cabeça, eu não sinto mais...***

Sdr 10: Curada... e *eu creio que foi Nossa Senhora que botou a mão lá, e curou ela*. Foi isso. Hoje eu vim pagar minha promessa com o pulmão né, eu disse que ia trazer o pulmão de cera, estou aqui com o pulmão, e no final da procissão irei doar o pulmão prá igreja, deixarei lá, prá Nossa Senhora guardar bem... bem protegido o pulmão da minha irmã.

Essas duas sequências discursivas de referência tratam de “curas” e, segundo os sujeitos, ocorreram em função de milagres atribuídos a Nossa Senhora de Nazaré. Neste estudo, a noção de cura é um acontecimento de restabelecimento da saúde por obra divina.

Para os sujeitos religiosos, as curas acontecem por intercessão de santos e da Virgem Maria, que mediam à relação entre os sujeitos e Deus e provocam espanto e admiração. Os sujeitos se veem compelidos a retribuí-las na forma de pagamento de promessas. Do ponto de vista científico, no entanto, a cura de doenças acontece pela intervenção e cuidados médicos (científicos) e com a aquiescência e colaboração do paciente.

Observa-se, neste estudo, que a cura pela crença na intercessão divina, provém da interpelação ideológica no sujeito, materializada no sentimento religioso. A cura é uma dádiva de Deus, que faz o sujeito ver-se como um (a) filho (a) de Deus, isto é, como um (a) escolhido (a) por Deus. Isso assegura a manutenção da interpelação pela religião, isto é, a submissão.

No acontecimento “Círio de Nazaré”, há um número significativo de sujeitos que se dizem “curados” de doenças por milagres. Dentre essas doenças, destacam-se: doenças do coração, neurológicas, do estômago, câncer, paraplegias, dores de cabeça e outras consideradas incuráveis.

A formulação destacada da sdr 9, “*mas hoje Ela me curou, eu não sinto mais dor de cabeça, (...) Mas hoje eu estou curada da dor de cabeça, eu não sinto mais*”, faz parte do DRC sobre milagre. Trata-se do mesmo sujeito que produziu a sdr 3, em que foi analisada a “devoção” a partir de elementos da materialidade discursiva.

Do ponto de vista da língua, constata-se que o sujeito discursivo introduz o operador “*mas*” no início da formulação. Esse operador, segundo Vogt e Ducrot (1989), coloca na balança dois argumentos que autorizam conclusões inversas. O segundo argumento é mais forte do que o primeiro. No caso em foco, é interessante observar que a conclusão a que leva o segundo argumento, ou seja, aquele introduzido pelo “*mas*”, opõe-se à conclusão a que levaria o pressuposto afirmativo da negação “*Eu não sinto mais aquela dor de cabeça...*” – “*Eu sinto aquela dor de cabeça*” (portanto, não estaria curada) – e não à conclusão do argumento anterior ao “*mas*”. Na realidade, os elementos da materialidade linguística que constituem os argumentos ligados pelo “*mas*” trabalham o sentido numa só direção, qual seja,

a da cura do sujeito. Eles materializam a posição-sujeito ligada a FD religiosa que diz respeito à crença em curas divinas.

Nessa sequência, há várias formulações que reiteradamente marcam a consequência do ato da “cura”, como exemplo, “*eu não sinto mais dor de cabeça*” para dizer que foi curado. Todavia, esse dizer é afetado pelo enunciado seguinte: “*sinto aquele mal estar, mas depois passa...*”. Nessa formulação, verifica-se uma tensão no discurso que remete à possibilidade de a cura não ter-se operado efetivamente. Entretanto, o sujeito retoma o desejo de comunicar a “cura”, produzindo “*mas depois passa...*”.

Observa-se, então, uma contradição nesse discurso. O sujeito discursivo, tendo por base a sua FD, encontra-se dividido entre a “cura” e a não-cura. Ou seja, o seu dizer (heterogêneo) apresenta traços de um discurso que provém de outro lugar, de uma outra FD, que atribuiria a cura não ao divino, mas a outros fatores; todavia, o sujeito mantém a posição da crença de cura pelo sobrenatural.

O sujeito, constituído pela linguagem, move-se orientado pela sua FD, relacionada à FI cristã católica. O seu dizer, como se vê, assegura a crença em “curas” por intercessão da Virgem de Nazaré, ao produzir “*Ela me curou*”.

O enunciado “*Mas hoje eu estou curada da dor de cabeça*” apresenta, pela segunda vez, o operador “mas”. É um enunciado reincidente, já que repete o que foi dito anteriormente. Esse excesso ocorre para marcar a posição-sujeito assumida. Deve-se assinalar também a mudança do tempo verbal (do pretérito para o presente) e uso do advérbio “hoje” nos dois fragmentos. São índices a serem considerados e que também participam da assunção dessa posição-sujeito.

Outra retomada no discurso é a formulação “*eu não sinto mais*”. Observa-se que essa formulação repete quase integralmente a anterior “*eu não sinto mais dor de cabeça*”. Novamente, tem-se um excesso no nível da estrutura que encontra sua justificativa no assujeitamento do sujeito à religião. O sujeito assume a sua posição-sujeito de cristão católico, interpelado pelo pré-construído: “Por intercessão divina, a Virgem Maria e os santos curam na religião católica”. Para tanto, como foi colocado, é preciso pedir ao grande Sujeito e comprometer-se ao pagamento da dívida.

A formulação da sdr 10, “*eu creio que foi Nossa Senhora que botou a mão lá, e curou ela.*”, pode ser decomposta, para fins de análise, da seguinte forma:

- 1) “eu creio que foi Nossa Senhora que botou a mão lá”; e
- 2) “e curou ela”.

Com base na língua, percebe-se que o sujeito discursivo, no primeiro fragmento, introduz o discurso com o pronome pessoal “eu”, orientando de imediato, para a sua condição de sujeito interpelado pela crença em santos da Igreja Católica, marcando conseqüentemente a sua posição-sujeito: a de sujeito católico.

O sujeito diz que a cura aconteceu pela colocação da “mão” da Virgem na paciente (sua irmã). Esse gesto discursivo humaniza o que é divino. Inconscientemente, a metáfora traduz-se na manifestação do desejo de trazer a Mãe do Verbo Encarnado para o plano terreno, estreitando a relação entre o plano divino e o plano humano. Uma paráfrase possível seria “Eu creio que foi Nossa Senhora que intercedeu”, mas, nesse caso, não se efetivaria o efeito de sentido produzido pela metaforização.

No fragmento 2, o sujeito introduz o conector “e”, marcando a consequência do ato material de “botar a mão” e “*e curou ela.*”. Novamente, depara-se com a estratégia discursiva de ação/consequência. Ou seja, o efeito da ação de “botar a mão”, tendo como consequência à “cura”. Desse modo, fica configurada na materialidade da língua, a crença em curas divinas. Ao produzir esse gesto discursivo, o sujeito situa-se em sua FD, submetendo-se ao pré-construído: “santos curam”.

Outro fato que chama atenção é a ilusão do sujeito de poder finalizar o discurso, produzindo, depois do fragmento 2, “*Foi isso.*”. Em seu desejo inconsciente, tenta fechar o discurso, apoiando-se em uma expressão lacônica, de modo a não oferecer margens para dúvidas sobre a cura. Na realidade, trata-se da ilusão de completude do dizer. Enquanto sujeito desejante, ele procura não deixar dúvidas sobre a cura e a atribuição de sua autoria a entidades do espaço Sagrado. Com isso, o sujeito assume a sua submissão no interior da FI cristã católica.

6.6 A GRAÇA

Sdr 11: Hoje eu estou aqui prá agradecer, porque a minha filha, ela tinha muita dor na cabeça, ela estava com problemas, de sentir dores nos rins, então a gente já tinha ido em vários médicos, né. Aí, eu vim ao Círio, aos cinco anos atrás, eu sempre venho ao Círio, ***não foi a primeira graça, já é outra... muitas graças que eu tenho alcançado***, aí eu vim, e uma senhora me deu essa oração (Oração de Nossa Senhora de Nazaré), eu li, fiz o pedido, ***e graças a Deus, graças a Nossa Senhora de Nazaré***, minha filha tá curada. Ela não sente o que ela sentia, então eu vim distribuir, prá passar prá outras pessoas, prá fazer com cert..., ***e receber a graça também.***

Sdr 12: Olha essa promessa que estou fazendo... pagando... é... foi um filho meu, que... é... operou o baço, e passou muito mal, e ainda hoje ele... ele continua... assim... ele de vez em quando ele tem, sabe... assim recaída, porque ele pegou uma... uma infecção no sangue, *mas graças a Deus e Nossa Senhora de Nazaré, ele tá vivo*, já fazem cinco anos, que quando ele fez essa cirurgia, ninguém dizia que ele escapava, todo mundo dizia: “esse não tem... não amanhece”.

As sequências discursivas de referência acima tratam de “graças” e, segundo os sujeitos, foram alcançadas por intercessão de Nossa Senhora de Nazaré. Neste estudo, a noção de “graça” é uma dádiva divina, recebida de Deus, tendo a Virgem Maria como intercessora da mesma.

Para os sujeitos religiosos, as graças são bens espirituais, recebidas de entes que habitam o espaço sagrado, causando sensações de maravilhas, provocando êxtase e enlevo. Os sujeitos ficam deslumbrados no recebimento de graças divinas. Do ponto de vista científico, a cura de doenças acontece, não por obras divinas, mas por intervenção de medicamentos ou procedimentos médicos.

Percebe-se, no estudo, que a compreensão do recebimento de graças divinas, pelos sujeitos, é decorrente da interpelação ideológica, materializada no sentimento religioso. A graça é uma dádiva de Deus, como já mencionado, que faz o sujeito ver-se como um escolhido por Ele. Esse fato, mantém a interpelação religiosa e a conseqüente submissão.

No Círio, são inúmeros os sujeitos que dizem ter recebido graças de Deus pela intercessão de Nossa Senhora de Nazaré. Observa-se que essas graças estão relacionadas, além de outros fatores, a salvamentos de naufrágios, aquisições de casas próprias, conquistas de empregos, aprovações em processos seletivos e, sobretudo, curas de doenças.

Na formulação da sdr 11, “*não foi a primeira graça, já é outra... muitas graças que eu tenho alcançado, ... e graças a Deus, graças a Nossa Senhora de Nazaré, ...e receber a graça também.*”, no início, o sujeito discursivo introduz o operador de negação “*não*” para dizer que é um recebedor habitual de graças divinas. Ele enuncia: “*não foi a primeira graça...*”, marcando, no dizer, o recebimento de graças anteriores. É interessante se observar que, no momento em que discursiviza, anuncia o recebimento de mais uma graça ao dizer “*já é outra...*”. Com esse dizer, ele coloca a ação de receber graças como um ato contínuo que, do ponto de vista da interpelação ideológica, mantém os sujeitos na FI cristã católica.

Em seguida, o sujeito confirma o que disse anteriormente. Ele formula “*muitas graças que eu tenho alcançado...*” para dizer que sempre recebe graças, ao trazer o verbo “*ter*” no tempo presente “*tenho*”, isto é, ele se refere a uma continuidade, na atualidade, desse ato. Tem-se, no caso, a perífrase verbal [ter (presente) + particípio] que marca, com relação ao

aspecto, o imperfectivo, o não-acabado e o iterativo. Tal mecanismo, junto com a anteposição do objeto direto, tematizando-o, trabalham no sentido de assegurar a posição-sujeito de quem acredita em graças divinas.

O fragmento “... e graças a Deus, graças a Nossa Senhora de Nazaré...” dá-se na continuidade do dizer: “*fiz o pedido*”. Observa-se que, entre o dizer que antecede e o que sucede, há a inclusão do conector “e” (conjunção) para assinalar o efeito de causa/consequência, como já mencionado no estudo de sequência de estrutura similar, neste trabalho. Na realidade, o fragmento utilizado pelo sujeito discursivo, serve para dizer de onde provém as “graças” recebidas. É interessante observar como se estabelece uma hierarquia entre os seres divinos, o que remete ao pré-construído: “primeiro Deus, depois a Virgem Maria”. O discurso traz índices que apontam a posição-sujeito de sujeitos católicos através de formas cristalizadas historicamente.

No fragmento “... e receber a graça também.”, observa-se que o sujeito discursivo manifesta o desejo de difundir e aumentar a crença em graças divinas para outros sujeitos. Antes, ele havia dito: “*então eu vim distribuir (Oração de Nossa Senhora de Nazaré), prá passar prá outras pessoas*”. Essa atitude revela, na materialidade linguística, sua sujeição à FI cristã católica e o desejo de que outros assumam a mesma posição.

A formulação da sdr 12, “... mas graças a Deus e Nossa Senhora de Nazaré, ele tá vivo,...”, pode ser decomposta, para fins de análise, em dois fragmentos:

- 1) “... mas graças a Deus e Nossa Senhora de Nazaré,” e
- 2) “ele tá vivo,...”.

Novamente, tendo por base a língua, no aspecto intradiscursivo, nota-se em 1, a hierarquização dos entes divinos. Percebe-se que as “graças” são decorrentes, segundo os sujeitos, de Deus. Na realidade, o dizer comprova o pressuposto de que os santos da Igreja Católica funcionam como intercessores (procuradores) entre os sujeitos e o Sujeito. Neste estudo, percebe-se que essa estratégia discursiva funciona como um mecanismo para deixar clara a superioridade de Deus sobre todas as coisas.

No fragmento 2, o sujeito discursivo formula: “*ele tá vivo,...*”, expressando sua satisfação pela condição de seu filho estar vivo. A estrutura lacônica do dizer assinala o acontecimento da “graça”, sugerindo uma terminalidade para o fato, ou seja, a cura, configurando, assim, a materialidade da crença em dádivas divinas. Ao formulá-lo, o sujeito coloca-se em sua FD, referendando o pré-construído: “graças acontecem por obras divinas”.

O sujeito confirma a autoria da graça por entidades do espaço Sagrado, assumindo a condição de sujeito interpelado pela FI cristã católica.

6.7 O AGRADECIMENTO

Sdr 13: *Eu vim agradecer a Nossa Senhora...* nascimento da minha filha que tá com três meses hoje, que eu passei por uma gravidez complicada, quebrei pé, tive uma anemia muito... muito séria, e graças a Deus correu tudo bem, no final eu pedir prá Ela fica do lado da minha filha, ficar ao meu lado, prá ela ficar bem, sempre comigo, *e Nossa senhora por ser maravilhosa, ser minha mãezinha, atendeu,* e também tá ajudando na cura da minha mãe, se Deus quiser ela vai ficar completamente boa.

Sdr 14: Ano passado a minha filha tava com suspeita de câncer e doença de Crohn, né, e a gente ficou aguardando durante dois meses esse resultado. E quando foi no dia vinte e dois de dezembro a gente recebeu o resultado de que não era nenhum... Que a suspeita era de... uma alergia alimentar, *e foi descartada essas duas suspeitas anteriores né. Então eu vim hoje agradecer a Nossa Senhora... É... Por ter descartado essas duas doenças...*

As sequências discursivas tratam do “agradecimento” dirigido a Nossa Senhora de Nazaré por graças alcançadas. Neste estudo, o ato de agradecer é compreendido como uma ação material, realizada por um sujeito devoto da Virgem Maria. Esse gesto, no contexto religioso católico, é precedido de pedido e alcance de um favor divino. Em consequência disso, o sujeito é interpelado ao “agradecimento” da “graça divina”. Durante a realização do Círio de Nazaré, é considerável o número de sujeitos agradecendo essas graças.

Na sdr 13, “*Eu vim agradecer a Nossa Senhora... e Nossa senhora por ser maravilhosa, ser minha mãezinha, atendeu...*”, observa-se, primeiramente, o emprego do pronome “*eu*”. O sujeito assume seu dizer, apresentando-se como autor do gesto material de agradecer. No entanto, constituído pela linguagem e pela ideologia, demonstra sua interpelação religiosa, agradecendo a “graça divina” recebida.

Esse discurso revela fatos que atuam no comprometimento do sujeito quanto ao “agradecimento”, quando formula na sdr em questão: “*nascimento da minha filha que tá com três meses hoje, que eu passei por uma gravidez complicada, quebrei pé, tive uma anemia muito... muito séria,*”. Esse dizer reflete a negociação, já comentada em análises anteriores, relativas ao pagamento da promessa como contrapartida da graça recebida.

Em “*e Nossa Senhora por ser maravilhosa,*”, nota-se uma retomada do referente. O sujeito, não perdendo o foco do discurso, qualifica a Virgem Maria como “maravilhosa”,

isto é, como admirável e extraordinária para si. Nossa Senhora é, não apenas boa, mas “*maravilhosa*”, por ter-lhe atendido em momentos difíceis, o que remete ao dever de agradecer a graça alcançada. A essa predicação alia-se outra: “*ser minha mãezinha*,”. Aqui, o sujeito, ao chamar, carinhosamente Nossa Senhora de “*mãezinha*”, manifesta o desejo de trazê-la para o contexto familiar, ou seja, de trazer um ente do mundo espiritual para o mundo temporal.

O uso da forma verbal “*atendeu,...*”, no tempo pretérito, justifica o conseqüente “agradecimento” no evento sócio-político-religioso. Essa noção de “agradecimento” deriva do pré-construído relativo à obrigação de se pagar aquilo que se deve, materializado no enunciado do senso comum “promessa é dívida”.

Na sdr 14, “*... e foi descartada essas duas suspeitas anteriores né. Então eu vim hoje agradecer a Nossa Senhora... É... Por ter descartado essas duas doenças,...*”, observa-se a recorrência do pronome pessoal “eu”. O sujeito discursivo apresenta-se, literalmente, como o sujeito que, interpelado, agradece a Virgem Maria.

No fragmento “*Então eu vim hoje agradecer a Nossa Senhora...*”, observa-se a marcação da atualidade, no discurso, pelo termo “*hoje*” e a presença do pronome “eu”. Tais elementos mostram o envolvimento do sujeito naquilo que diz. Outro aspecto a ser mencionado diz respeito ao uso do *denotador de situação*³⁸ “então”, que trabalha no sentido de assinalar a relação estabelecida entre a graça recebida e o dever de agradecer.

Na formulação “*É... Por ter descartado essas duas doenças,...*”, nota-se o uso de verbo de ligação, seguido de pausa, o que poderia estar indicando que o dizer poderia ser outro. Para Pêcheux, o sujeito discursivo diz o que pode e deve ser dito, e evita o que não pode e não deve ser dito. Todavia, essa possibilidade é anulada na continuidade do enunciado, em vista da colocação da causa do agradecimento – cura de duas doenças (câncer e doença de Crohn) -, introduzida pelo uso da preposição “*Por*”. O efeito que essa formulação produz é o mesmo de análises anteriores, isto é, a decorrência “natural” de que após uma graça recebida deve haver um agradecimento, pois, os sujeitos são devedores do sagrado e, portanto, devem agradecer. A posição-sujeito, aqui referendada pelo dizer, é a de sujeito que deve reverenciar, materialmente, ao sagrado.

³⁸ Conforme o gramático Evanildo Bechara, a Nomenclatura Gramatical Brasileira coloca os *denotadores*, como por exemplo, os de *situação*, à parte, sem o rigor de incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo, chamado *denotadores*.

6.8 O ACONTECIMENTO: CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

Sdr 15: Hoje eu estou aqui prá agradecer, porque a minha filha, ela tinha muita dor na cabeça, ela estava com problemas, de sentir dores nos rins, *então a gente já tinha ido em vários médicos, né. Aí, eu vim ao Círio, aos cinco anos atrás, eu sempre venho ao Círio*, não foi a primeira graça, já é outra...

Sdr 16: Hoje eu tenho minha casa muito boa, eu me peguei com Ela, dizendo a Ela, se Ela... se Nossa Senhora mostrasse um jeito de eu comprar aquela casa... uma casa pra mim, *que eu pagaria a promessa acompanhando o Círio com uma casinha feita, pequeninha na cabeça*, e quando chegasse aqui, no CAN (Centro Arquitetônico de Nazaré), eu botar no Carro dos Milagres.

Na sdr 15, merece destaque, como nas análises anteriores, a assunção do sujeito no discurso através do uso da 1ª pessoa e a importância dada por ele ao acontecimento através da formulação: “*Aí, eu vim ao Círio, aos cinco anos atrás, eu sempre venho ao Círio...*”. A repetição da estrutura e o emprego das expressões adverbiais “aos cinco anos atrás” e “sempre” atestam esse fato, assim como demonstram a habitualidade em participar da romaria e sua inserção na FI Católica, cujos integrantes, em seus discursos ordinários, costumam dizer espontaneamente: “Este ano, eu vou acompanhar o Círio”.

Verifica-se também a relação entre promessa com vistas a resolver um problema, formulado, no caso, em “... *então a gente já tinha ido em vários médicos, né*”, e o dever de agradecimento. É colocado, então, em pauta o binômio fé/ciência, com predomínio do primeiro elemento.

Assim, observa-se que a habitualidade em participar do Círio, está relacionada à continuidade e manutenção do gesto interpelativo da religião sobre o sujeito. O sujeito se deixa ver, como um sujeito que precisa, permanentemente, do recebimento de “forças” divinas para viver no mundo temporal, e isso se dá em função de sua filiação à FI cristã católica.

A sdr 16 “*que eu pagaria a promessa acompanhando o Círio com uma casinha feita, pequeninha na cabeça,*” de forma recorrente, enquadra-se na relação promessa / dever de agradecimento. Essa relação se expressa discursivamente mediante o emprego da condicionalidade “... *se Ela... Nossa Senhora mostrasse um jeito de eu comprar aquela casa pra mim*”. O fato, ligado ao estabelecimento dessa condição pelo sujeito, é materializado na formulação “*que eu pagaria a promessa*”. Relaciona-se ao milagre para a aquisição de uma casa própria. Importa também chamar a atenção para a ocorrência da forma verbal no futuro

do pretérito de “*pagaria*”, que, em consonância com o uso da condicional, trabalha no sentido de vincular o pagamento da promessa, no acontecimento do Círio, ao seu prévio recebimento.

Importante assinalar que o contexto da procissão é determinante na constituição do sujeito interpelado. Isso se efetiva na formulação: “*acompanhando o Círio*”. O uso do gerúndio “*acompanhando*” sinaliza uma interpelação em processo, ou seja, em andamento. Observa-se que, no acontecimento, o sujeito discursivo, materialmente, despende forças físicas, sob forte temperatura solar. Ele não mede esforços para participar do Círio, mesmo à custa de sofrimento físico.

No prosseguimento da sequência, tem-se: “*com uma casinha feita, pequeninha na cabeça,*”. Aqui é apresentado o objeto material relativo ao milagre. Chama a atenção, nesse aspecto, a forma que o sujeito encontrou para pagar a sua promessa: carregar um objeto que produz materialmente o que foi alcançado através do milagre da Santa. O uso dos diminutivos, provavelmente, encontra-se ligado às condições socioeconômicas dos sujeitos, geralmente pertencentes a classes sociais menos favorecidas economicamente. Sendo assim, essa formulação remetaria à modéstia de moradia do sujeito e / ou sua atitude de humildade perante a grandeza de Nossa senhora.

Ilusoriamente, o sujeito considera a posse de sua casa como resultado de uma dádiva divina. A miniaturização da casa funciona como símbolo de sua fé, como prova de crença em milagres. Carregando-a na cabeça, além de evidenciar seu afeto especial por Nossa Senhora, tem o efeito simbólico de mostrar que a divindade governa sua vida. O Círio é o *locus* da materialidade da fé. Ou seja, nele se produzem discursos explicitamente vinculados à FI cristã católica.

6.9 A TRANSCENDÊNCIA

Sdr 17: E levar a casa prá Ela levar pra Ti, já que eu não posso chegar até o céu, mas Maria que é Tua mãe, e Tu deixou como nossa mãe, eu levo a casa prá Ela, e Ela entrega prá Ti. Pessoal diz que Maria não faz nada, mas Maria é intercessora nossa e Jesus dá esse poder. Porque eu pedir prá Jesus no nome Dela.

Sdr 18: O médico disse que não tinha jeito, que não tinha cura, ***mas eu enxerguei Nossa Senhora de Nazaré - a luz, a cura -*** e eu fiz um voto e um pedido muito grande, que hoje eu pago essa promessa, ***porque eu enxergo Nela a mãe, Ela é mãe, Ela é Maria: a mãe de Jesus,*** que eu acredito muito no milagre, na vida.

As formulações discursivas destacadas tratam do desejo de sujeitos de transcendência do espaço temporal para o espaço espiritual. Neste estudo, é ela compreendida como um fato religioso que é discursivizado. O desejo de transcender, como já abordado no primeiro capítulo, configura-se num movimento de baixo para cima, ou seja, os sujeitos se dirigem a Deus, para pedir graças, recorrendo a orações ou expressões ritualizadas, designadas por Orlandi (2009) de “formas de ultrapassagem”.

Essa noção de “transcendência” será focalizada nas análises a seguir.

A formulação da sdr 17, “*já que eu não posso chegar até o céu, mas Maria que é Tua mãe, e Tu deixou como nossa mãe, eu levo a casa prá Ela, e Ela entrega prá Ti.*” pressupõe a realização de um diálogo do sujeito com Deus. Trata-se da ilusão de reversibilidade do discurso religioso. O sujeito discursivo, no estado de enlevo, em que se encontra, imagina estar em comunicação com o espaço espiritual. Na realidade, ele diz o que diz para si mesmo, acreditando dialogar com Deus. Trata-se de um efeito sujeito derivado da interpelação ideológica.

Em “*já que eu não posso chegar até o céu,*”, o sujeito discursivo percebe que faz parte do espaço temporal e não espiritual. Todavia, produz a sequência, como se lá estivesse, quando pressupõe a presença de Cristo diante de si. Esse fato marca uma condição material interpelativa relacionada à FI cristã.

Na formulação “*mas Maria que é Tua mãe, e Tu deixou como nossa mãe, eu levo a casa prá Ela, e Ela entrega prá Ti*”, constata-se que chegar ao céu não é prerrogativa do sujeito, mas da mãe de Cristo. Isso ocorre, na materialidade significativa, mediante o uso do operador “*mas*”. Em síntese, numa paráfrase possível e simples, dir-se-ia “eu não posso chegar ao céu, mas Maria pode”. Funcionando como mediadora entre o plano temporal e o espiritual, possibilita ao sujeito o contato com a divindade. Interessante notar que a relativa “*que é tua mãe*” e o enunciado que a segue “*e Tu deixou como nossa mãe*” trabalham como argumentos que autorizam o ato do sujeito, tendo como abonador o próprio Cristo. Outro fato a assinalar diz respeito ao uso do pronome possessivo “*nossa*” na expressão “*nossa mãe*”, revelando o desejo do sujeito de ter a mãe do Messias, como sua própria mãe, mãe de todos os sujeitos do mundo temporal. O sujeito, ao se dirigir desse modo ao Sagrado, revela o assujeitamento pela fé na Mãe do Salvador. Evidencia-se, desse modo, a posição-sujeito no interior do catolicismo.

Nessa sdr, que tem como pressuposto a “transcendência”, irrompe o pré-construído: “Eleve-se aos céus com fervor e seja um filho de Deus.”. Deus interpela os

sujeitos, ordenando práticas de exortação, que são realizadas pelos sujeitos devotos. Essas práticas provocam êxtase nos sujeitos religiosos, que sinalizam sua interpelação através da crença.

A formulação da sdr 18, “*mas eu enxerguei Nossa Senhora de Nazaré - a luz, a cura – [...], porque eu enxergo Nela a mãe, Ela é mãe, Ela é Maria: a mãe de Jesus*”, enquadra-se no contexto do DRC sobre milagre.

Novamente, está-se diante da ilusão de transcendência do sujeito. Tendo por referência a língua, observa-se a reiteração de termos: do verbo “enxergar”, ora no pretérito, ora no presente do indicativo; do nome “mãe” e de outras diferentes formas designativas: Nossa Senhora de Nazaré, Maria e Mãe de Jesus com o mesmo referente. O sujeito, em total enlevo, abandona-se à fé. Aí incidem vários pré-construídos do DRC, entre eles, o da ligação da divindade à luz (em oposição às trevas), representada pela auréola, isto é, a coroa de luz nas cabeças de santos e imagens da Igreja Católica, e o da filiação estabelecida por Cristo entre a Mãe de Cristo e os homens, tornando-os seus irmãos.

Observa-se, então, que o sujeito discursivo, no desejo de transcender, ocupa a posição-sujeito de católico, filiada à FI cristã. Trata-se do sujeito desejante, que procura preencher lacunas da existência material com elementos da existência espiritual. Esse desejo gera a submissão no interior da religião cristã católica.

6.10 A ONIPOTÊNCIA

Sdr 19: Eu me recorri a Jesus né, eu disse: *Senhor, Tu é dono de tudo isso aqui, tudo isso quem fez foi o Pai*. Então eu me recorro a Ti, prá tu ficar na frente da minha casa, velar pela minha casa e quitar essa casa pra mim, tirar das mãos dos homens e colocar na mão de Deus,... Eu digo: a minha casa foi quitada por Jesus, eu... Eu... A minha casa foi quitada por Jesus, *Ele é dono de tudo isso aqui*. Isso aqui... Nós somos herdeiros Dele, herdeiros do Pai. *Então, ninguém pode mais do que Ele*. Ele tá na frente da minha casa. Ele tem poder de...

“Sdr 20: Ela curasse a minha filha, que eu pagaria a promessa, vindo descalça. Prá mim Ela é padroeira, *Ela é mãe de tudo*”.

Essas duas sequências discursivas de referência tratam da “onipotência”. De acordo com o primeiro capítulo, a onipotência é uma decorrência da magnitude de Deus e sua noção está relacionada à grandeza Dele diante dos sujeitos.

Para os sujeitos cristãos, ela é o fato da “existência de Deus sobre todas as coisas”, isto é, a superioridade do Sujeito sobre os sujeitos. É isso que se constata nas sequências selecionadas.

A formulação da sdr 19, “*Senhor, Tu é dono de tudo isso aqui, tudo isso quem fez foi o Pai. [...] Ele é dono de tudo isso aqui. [...] Então, ninguém pode mais do que Ele.*”, é parte constitutiva do DRC sobre milagres.

Do ponto de vista da língua, no início da formulação, constata-se que o sujeito discursivo introduz o vocativo “*Senhor*”. Esse vocativo que, pela gramática normativa, é separado da estrutura da oração, na visão discursiva, integra-se ao que nela é dito, até porque é retomado pelo pronome “*Tu*”. Essa estratégia, presente na formulação, simula um diálogo com Deus, situando-se na reversibilidade do discurso religioso.

No enunciado em questão, é interessante observar como o sujeito enuncia uma das propriedades de Deus: “*Tu és dono de tudo isso aqui*”. Ao produzir essa formulação, sobre a posse da totalidade de tudo quanto existe, ele executou um gesto performativo, apontando com o dedo indicador para um ângulo de 360° e girando em torno de si. Na realidade, ele apontou para os elementos materiais a sua volta, ou seja, para a multidão que acompanhava o acontecimento sócio-político-religioso, isto é, para os católicos, marcando sua posição-sujeito.

Em “*tudo isso quem fez foi o Pai.*” e nas formulações subsequentes – “*Ele é dono de tudo isso aqui.*”, “*Então, ninguém pode mais do que Ele.*”, - há a confirmação do que foi dito anteriormente, mas observa-se uma alteração no nível da materialidade linguística, relativa à troca dos elementos do paradigma pessoal – da 2ª pessoa passa-se a 3ª. Considerando a teoria benvenistiana, poder-se-ia dividir a sequência em duas partes. A primeira seria relativa ao “discurso”, isto é, o sujeito se colocando explicitamente naquilo que diz através do uso da 1ª pessoa e do presente do indicativo; a segunda estaria no nível da história, quando há o afastamento do sujeito de seu dizer. Um dos índices dessa distância é o emprego da 3ª pessoa, a não-pessoa benvenistiana.

A alteração de que se falou acima indica então o distanciamento operado entre o sujeito e a divindade e, simultaneamente, participa do processo de reconhecimento de sua onipotência, fato explicitamente colocado em “*dono de tudo*”, “*tudo isso quem fez foi o Pai*”, “*dono de tudo isso*” e “*ninguém pode mais do que Ele*”.

Dessa forma, estabelece-se uma relação de inferioridade *versus* superioridade através da qual o sujeito assume sua condição de ser dependente da grandiosidade e onipotência divinas.

Resta dizer que, na formulação “*Então, ninguém pode mais do que Ele.*”, observa-se que o sujeito, ao produzir o enunciado, tenta “fechar” o discurso, dotando Deus de uma condição plena e soberana. Isso se dá novamente em função da ilusão de completude do dizer. É um dizer que tenta ser conclusivo sobre o poder do Sujeito, baseado no pré-construído: “Deus pode tudo e sobre todos”, tendo como efeito o assujeitamento pela religião.

A sdr 20, “*Ela é mãe de tudo.*”, compõe-se de um enunciado. No nível da língua, identifica-se uma estrutura que encerra uma predicação, caracterizando a onipotência da mãe de Cristo, e funda-se no pressuposto de que se Ela é mãe de Cristo e Cristo pode tudo, Ela também pode. Há, portanto, a transferência da onipotência do Sujeito para a Mãe (Virgem Maria) num processo que a diviniza e lhe concede o poder da onipotência.

Desse modo, fica configurada, na materialidade da língua, a crença na onipotência de Deus e de Maria, seres divinos que podem atuar na solução dos problemas e misérias humanas. O sujeito, ao produzir esse gesto interpretativo, situa-se em sua FD, submetendo-se ao pré-construído: “Deus é onipotente” e assumindo sua posição no interior da FI cristã católica.

7 CONCLUSÃO

A Análise do Discurso, base teórica deste estudo, não trata da língua em abstrato. Configura-se numa abordagem que tem como pressuposto a noção de língua em funcionamento e sujeita a falhas e equívocos.

Nessa direção, o estudo percorreu um caminho teórico-analítico, em busca da constituição de sujeitos religiosos pela linguagem. Em primeiro lugar, tratou da fundamentação teórica, convocando uma exterioridade que pudesse subsidiar a tentativa de compreensão do acontecimento “Círio de Nazaré”, além do desenvolvimento de noções teóricas relevantes, referentes à Análise de Discurso de filiação pecheutiana, para o entendimento dos discursos a ele relacionados. Esse percurso envolveu estudos sobre o Cristianismo e o Catolicismo, em particular, aspectos que os constituem e que constituem os sujeitos religiosos; no caso, os romeiros.

O dispositivo analítico caracteriza-se como uma tentativa de interpretar o funcionamento do Discurso Religioso Católico (DRC) sobre milagres, pautado nas indagações: como se constitui a relação entre discursos sobre milagres e a memória discursiva no acontecimento do “Círio de Nazaré”? Como esses discursos relacionam-se com a história e a interpelação de sujeitos católicos? Que elementos da materialidade linguística possibilitam a sua identificação? E, ainda, que efeitos de sentidos são produzidos nesse tipo de discurso?

Relacionado à abordagem do Cristianismo, inicialmente, refletiu-se sobre o mito, no sentido de sinalizar um marco que pudesse, de algum modo, auxiliar na compreensão do discurso religioso.

Esse procedimento foi fundamental, pois se percebeu, no processo de análise, que os Discursos Religiosos Católicos (DRC) sobre milagres, dito por fiéis, tendo relação com a memória discursiva, funda-se no desejo de o sujeito buscar formas de realização pessoal, para satisfazer lacunas existenciais do mundo temporal. Esse desejo manifesta-se pela linguagem simbólica. O sujeito intenta, inconscientemente, obter a salvação na crença da promessa de vida eterna, preconizada pelo discurso bíblico.

Nos discursos, constatou-se, também, a ilusão de reversibilidade, por parte dos sujeitos. Tomados de enlevo e encantamento, no Círio de Nazaré, os sujeitos imaginam-se diante de Deus, configurando um diálogo em que o plano terreno, de ordem temporal, mescla-se com o espiritual. Isso deriva de discursos anteriores, consubstanciados na linguagem das práticas e rituais religiosos. Nessas práticas e rituais, os sujeitos assumem sua obediência na

Palavra Divina, adotando as orientações e preceitos de como ser um bom cristão para alcançar o Reino dos Céus.

A voz de Deus é imperativa, não admite outras possibilidades nem incertezas. Tal fato ordena o modo de vida dos sujeitos, dando-lhes segurança e garantindo-lhes a salvação através da fé.

Deus, conforme foi apresentado, é inominável pelos sujeitos. Diz Jesus: “Eu sou aquele que é para todo o sempre, e quem seguir meus passos será merecedor da salvação eterna”.

O fenômeno da fé e da salvação, no discurso religioso, materializa-se na/pela linguagem. Esse discurso engloba gestos performativos que foram observados nos sujeitos do estudo e manifestam sua submissão diante do sagrado. A estrutura discursiva do material coletado configurou-se através da crença na existência de Deus Onipotente e no desejo de viver no espaço sagrado.

Com relação ao acontecimento sócio-político-religioso “Círio de Nazaré”, foi abordada sua história. Segundo alguns depoimentos, a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré surgiu no início do século XVIII, na então Província de Belém do Grão Pará, hoje capital do Estado. Esse acontecimento ocorre, a cada ano, sempre no segundo domingo de outubro, reatualizando o surgimento da Imagem da Santa. Movimenta milhões de sujeitos católicos, em torno de uma pequena imagem (réplica) da Virgem Maria. Os sujeitos que acompanham o Círio – em sua maioria, pagadores de promessa - são movidos pela fé para a realização das práticas ritualísticas. Esse fato foi o que permitiu a definição do título do presente estudo: *O discurso religioso do Círio de Nazaré: uma dívida com o sagrado*.

A fé é o móvel dos discursos religiosos. Os sujeitos têm fé na Virgem Maria, Mãe do Salvador. Observou-se, no estudo, que a fé em Deus se transfere para Maria, como intercessora dos pedidos dos sujeitos a Deus. Eles, ao pedirem algo ao espaço sagrado, imediatamente, prometem um sacrifício em troca da dádiva divina. Portanto, fazer um pedido é fazer uma promessa e manifestar um desejo a ser realizado, é contrair uma dívida. O pedido, quando atendido, caracteriza o milagre por obra divina.

Essa relação entre pedido/promessa/pagamento verifica-se em grande parte das sequências analisadas. Observa-se nelas que os sujeitos discursam sobre a sua fé, assumindo a condição de devedores do sagrado. Eles assumem a sua submissão, produzindo diferentes marcas no discurso que a atestam.

Os efeitos de sentidos que emergem dessa relação discursiva constituem-se em reverberações de já-ditos, de dizeres presentes na história do Cristianismo, ligados e dependentes da fé. Cada sujeito, constituído pela linguagem, representa, no espaço discursivo, um “elo” na corrente interpelativa da FI cristã católica, participando do movimento conjunto de veneração à Virgem de Nazaré.

Das noções teóricas, recorridas para as análises, fez-se uma breve abordagem do histórico da AD. A partir daí, trouxeram-se, ao estudo, tópicos estruturantes dessa disciplina, tais como: língua, discurso, sujeito, ideologia, efeito de sentido, intradiscorso, interdiscorso, formação ideológica (FI), formação discursiva (FD) e esquecimentos. Pretendeu-se, com esses tópicos, caracterizar a área teórica assumida no trabalho, integrando alguns de seus conceitos no exame das sequências discursivas de referência (sdr).

Esse exame partiu da observação dos elementos da materialidade discursiva, sendo aqui considerados prioritariamente aqueles linearizados na cadeia significante. Todavia, fez-se também referência a gestos performativos a eles relacionados, como o de mostrar com o dedo indicador, os católicos (multidão), para provar a posse de Deus sobre os sujeitos. Outro aspecto dessa performatividade dos sujeitos é o gasto de força física para o cumprimento da promessa feita ao sagrado. Notou-se, nesse ato, o sofrimento dos sujeitos e, simultânea e paradoxalmente, um prazer na execução, pois, segundo eles, tem que ser executado dessa forma para que haja o sentimento do pagamento da dívida.

Com relação à materialidade linguística, foi interessante observar, nos discursos, mecanismos relacionados à produção de diálogos imaginários dos sujeitos com a divindade, na tentativa de eliminar a fronteira entre a dimensão terrena e a dimensão divina com vista ao atendimento de suas necessidades.

Os elementos dessa materialidade foram organizados a partir da memória discursiva, isto é, do interdiscorso, o que possibilitou a identificação de pré-construídos, relativos à formação ideológica cristã católica, que trabalham a manutenção da fé e do sentimento religioso.

A fé e o sentimento religioso refletem-se na produção do discurso, no acontecimento do Círio de Nazaré, marcada pela forte emoção que se configura no estado de enlevo e/ou encantamento dos sujeitos devido às graças divinas recebidas.

Nesse estudo, constatou-se, do ponto de vista da AD, que o Círio de Nazaré funciona como um acontecimento onde circulam discursos religiosos vinculados a determinados saberes da formação ideológica católica. Nesse acontecimento de fé e devoção à

Virgem, os sujeitos encontram a satisfação de suas necessidades materiais e espirituais, e isso é discursivizado de diferentes formas. Foi na tentativa de compreender o funcionamento dos processos discursivos aí envolvidos que este trabalho se desenvolveu.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, Rubem. O poder do que não existe. In: DROGUETT, Juan Guillermo. *Desejo de Deus*: diálogo entre psicanálise e fé. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-12.

ARENDT, Hannah. *Compreender*: formação, exílio e totalitarismo (ensaios). Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BEOZZO, Pe. José Oscar. *Cristãos na universidade e na política*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1984.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Difusão Cultural do Livro Ltda.

CAROLINA, Ana. A Coluna de Ana Carolina. *Jornal Diário do Pará*, caderno Top. Belém, p. 5, 11 out. 2009.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Tradução J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 6 ed., São Paulo: Editora ática, 1997.

CÍRIOS DE NAZARÉ. Belém: Editora Círios SS LTDA, 2010.

CÍRIO 2010. Grande procissão deve acabar às 13h. *Jornal Diário do Pará*. Belém, p. A5, 5 out. 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

ECO, Umberto. Elogio de Santo Tomás de Aquino. In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 331-342.

_____. O sagrado não é uma moda. In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 110-116.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. 2ª ed., Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ERNST, Aracy. *A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo*. Trabalho apresentado no SEAD. 2010. p. 2.

ESPINOSA, Benedictus de. *Tratado teológico-político*. 2ª ed. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, M. C. L.. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 213-218.

_____. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: Um breve preâmbulo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

FOUCAULT. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições: Loyola, 2004.

gledsondesousagirao.blogspot.com, acessado em 24.01.2011.

GODOY, Ana Boff de, et al. *Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)*. Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001. 30 p.

<http://autodocirio.ufpa.br/>, acesso em: 24 jan. 2011.

<http://www.cdpara.pa.gov.br/cirio.php>, acesso em: 15 dez. 2010.

<http://www.ciriodenazare.com.br/v2.0/?action=Menu.detalhe&id=96>, acesso em: 19 dez. 2010.

<http://www.iasep.pa.gov.br/>, acesso em: 24 jan. 2011.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acesso em: 03 fev. 2010.

<http://www.orm.com.br/projetos/cirio/2009/fotos/simbolos/manto2.jpg>, acesso em: 19 jan. 2011.

<http://www.orm.com.br/projetos/cirio/2009/tradicaosimbolos.asp>, acesso em: 19 jan. 2011.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (org.). *Práticas discursivas e identitárias — sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97-103.

_____. *O triunfo da religião, precedido de, discurso aos católicos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. A função criativa da palavra. In: LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 307-319.

_____. A ordem simbólica. In: LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 286-303.

_____. A verdade surge da equivocação. In: LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 339-354.

_____. De locutionis significatione. In: LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 320- 338.

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. *Se formos fiéis a ele, ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2002. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2002.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *O homem que achou a santa: Plácido José de Souza e a devoção à Virgem de Nazaré*. Belém: Alves Gráfica e Editora, 2009.

MEDNICOFF, Elizabeth. *Dossiê Freud*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Trad. Angela Cristina Jesuino. Porto alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni P. *A Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed., Campinas: Pontes, 2005.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. O discurso religioso. In: Orlandi, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5ª ed., Campinas: Pontes, 2009. p. 239-262.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, Petrópolis: Vozes, 2007.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In: *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: editora da Unicamp, 1988. p. 141-185.

_____. O mecanismo do (des)cobrimento ideológico. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5ª ed., Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al., 4ª ed., Campinas: editora da Unicamp, 2009.

PROTHERO, Stephen R. Cristianismo: o caminho da salvação. In: PROTHERO, Stephen R. *As grandes religiões do mundo*. Trad. Joel Macedo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 59-88.

RABUSKE, Edvino A. *Filosofia da linguagem e religião*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

RICOEUR, Paul. *O único e o singular*. Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, Belém: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002.

ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da festa de Nazaré*. Belém: Mitograph, 1981.

VIANNA, Arthur. *Festas populares do Pará; 1 – A festa de Nazareth*. Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, Vol. III, p. 225-241, 1904.

VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.

ANEXOS

ANEXO A - DISCURSOS SOBRE MILAGRES

S01

Sexo feminino

Idade: 66 anos

Uma vez eu estava, em casa trabalhando, de repente eu sentir uma forte dor de cabeça, meu marido ficou muito preocupado, correu na rua, comprou remédio prá mim, tomei, mas esse remédio não combateu. Então eu me recorri à Virgem de Nazaré, que Ela me curasse, que eu ficasse curada para sempre, que eu ia ser uma devota fiel a Ela, rezando terços, e rezo terços, diariamente para Ela né, e graças a Deus hoje eu estou aqui, eu não sinto mais aquela dor de cabeça forte que era desesperada, que eu tinha vontade de morrer, porque era muito forte, mas hoje Ela me curou, eu não sinto mais dor de cabeça, sinto aquele mal estar, mas depois passa né. E a minha filha sofria de garganta, criava até pus na garganta dela. Me desesperei também, fiquei muito aflita e me recorri a Ela, e vim aqui uma festividade como hoje, e joguei uma garganta de cera dentro do “Carro dos Milagres”. Até hoje ela não sente mais dor de garganta. Agora estou pedindo pela neta, que tá sofrendo, mas já hoje eu pedir pra ela. Mas hoje eu estou curada da dor de cabeça, eu não sinto mais, e minha filha ficou curada também.

S02

Sexo feminino

Idade: 62 anos

A minha graça é que eu... A minha casa foi vendida, porque a gente... O meu marido passou três anos desempregado e a gente não pode mais pagar, apesar de já ter pago quatorze anos. Aí veio aquele... Aquele... Aquele direito de... Da casa entrar no leilão por atraso de pagamento. A minha casa foi pro leilão, quando... Eu arrumei um emprego dado por Jesus, que eu pedir pra Ele, que recorri a minha casa, cheguei lá tava no leilão. Eu só devia... O pagamento da casa era três mil e oitocentos, e eles me cobraram sete mil e quinhentos, pr'eu puder ficar com a casa, comprar do leilão. Se eu tivesse sete mil e quinhentos eu tinha dado três mil e oitocentos, que eu devia só isso! Aí ele disse: então a senhora não tem mais direito na casa. Eu disse: tá bom! Por que... Aí eu... Eu me recorri a Jesus né, eu disse: Senhor, Tu é dono de tudo isso aqui, tudo isso quem fez foi o Pai. Então eu me recorro a Ti, prá tu ficar na frente da minha casa, velar pela minha casa e quitar essa casa pra mim, tirar das mãos dos homens e colocar na mão de Deus, e, três anos que eu... Que eu não tiver saído da minha casa, eu começo a fazer a minha caminhada com a Maria, que Tu deixou como nossa mãe. E... E levar a casa pra Ela levar pra Ti, já que eu não posso chegar até o céu, mas Maria que é Tua mãe, e Tu deixou como nossa mãe, eu levo a casa prá Ela, e Ela entrega prá Ti. Pessoal diz que Maria não faz nada, mas Maria é intercessora nossa e Jesus dá esse poder. Porque eu pedir prá Jesus

no nome Dela. E hoje eu tô com a minha casa, cinco casa... Cinco ano, que eu... Que eu carrego esse milagre... Que eu caminho com a minha casa. E Ela comigo... Caminho com a minha casa, e até hoje tá com dez anos... Dez anos porque já fazia dois, que eu me recorria prá reunião, com advogado, da defesa dos moradores e ia levando minha vida em aflição. Eu disse: Senhor me tira dessa vida aflita, dessa vida de desespero, me dá a minha paz... Na minha casa, e Ele me deu, até hoje nunca sair. Aí o pessoal pergunta: como e que ficou a tua casa Mundiquinha? Eu digo: a minha casa foi quitada por Jesus, eu... Eu... A minha casa foi quitada por Jesus, Ele é dono de tudo isso aqui. Isso aqui... Nós somos herdeiros Dele, herdeiros do Pai. Então, ninguém pode mais do que Ele. Ele tá na frente da minha casa. Ele tem poder de... E até hoje a minha casa está salva no nome de Jesus, e eu caminhando com Maria.

S03

Sexo feminino

Idade: 49 anos

Era uma dor que apareceu na minha perna, aí vivia doendo noite e dia, aí eu agarrei e fiz promessa né, pedindo para Nossa Senhora de Nazaré, porque, passasse a dor das minhas pernas, que eu vinha três anos pagar a promessa, com uma vela acendida, acompanhando a procissão Dela.

S04

Sexo feminino

Idade: 44 anos

Hoje eu estou aqui prá agradecer, porque a minha filha, ela tinha muita dor na cabeça, ela estava com problemas, de sentir dores nos rins, então a gente já tinha ido em vários médicos, né. Aí, eu vim ao Círio, aos cinco anos atrás, eu sempre venho ao Círio, não foi a primeira graça, já é outra... muitas graças que eu tenho alcançado, aí eu vim, e uma senhora me deu essa oração (Oração de Nossa Senhora de Nazaré), eu li, fiz o pedido, e graças a Deus, graças a Nossa Senhora de Nazaré, minha filha tá curada. Ela não sente o que ela sentia, então eu vim distribuir, prá passar prá outras pessoas, prá fazer com cert..., e receber a graça também.

S05

Sexo feminino

Idade: 32 anos

Eu vim agradecer a Nossa Senhora... nascimento da minha filha que tá com três meses hoje, que eu passei por uma gravidez complicada, quebrei pé, tive uma anemia muito... muito séria, e graças a Deus correu tudo bem, no final eu pedir prá Ela fica do lado da minha filha, ficar ao meu lado, prá ela ficar bem, sempre comigo, e Nossa senhora por ser maravilhosa, ser minha mãezinha, atendeu, e também tá ajudando na cura da minha mãe, se Deus quiser ela vai ficar completamente boa.

S06

Sexo feminino

Idade: 22 anos

Bem, a minha promessa... a minha irmã, ela... ela tava com pneumonia e com abscesso (tumor) no pulmão, e então no momento de desespero, né, que os médicos disseram que ela só iria ficar boa se ela operasse, se fizesse uma drenagem, então ela conseguiu um leito na Santa Casa e ficou internada e a gente..., eu... eu... né, eu sentei, conversei com Nossa Senhora e pedi a Ela que curasse a minha irmã, e quando minha irmã bateu a chapa não tinha nada. Ela estava curada não tinha nada no pulmão dela, ela ficou sendo tratada só com antibiótico, e hoje a minha irmã está na casa dela, com a filha dela curada. Curada... e eu creio que foi Nossa Senhora que botou a mão lá, e curou ela. Foi isso. Hoje eu vim pagar minha promessa com o pulmão né, eu disse que ia trazer o pulmão de cera, estou aqui com o pulmão, e no final da procissão irei doar o pulmão prá igreja, deixarei lá, prá Nossa Senhora guardar bem... bem protegido o pulmão da minha irmã. Foi isso.

S07

Sexo feminino

Idade: 47 anos

E que eu vim pagar uma promessa um ano... uns dois anos aí atrás, aí eu vinha com uma casinha na cabeça né, vinha cedinho... a filha... o filho de uma vizinha sofreu um acidente muito grave né, na cabeça, aí ele tava no UTI. Aí, quando eu fui passando aí, ligaram e disseram que ia desligar o aparelho dele que não ia ter jeito. Aí eu fui pedindo, ele era muito jovem, então que Deus permitisse né, que ele vivesse mais, que desse o conforto prá aquela família logo no dia do Círio né, ele ia falecer porque não ia ter jeito, aí eu vim lá de baixo, até lá na catedral da Nazaré né, pedindo, implorando prá Ela, prá deixar ele sobreviver, e ele sobreviveu, e graças a Deus há poucos dias que eu falei pra ela, que ela nem sabia, disso né, que eu tinha feito essa promessa. Graças a Deus ele está bem, ontem eu passei por lá, e, digo: olha vou pagar a promessa do seu filho, que agora eu estou morando lá na ilha de Mosqueiro né, aí eu vim justamente prá pagar a promessa dele, porque isso faz já anos, aí o meu filho sofreu um acidente também grave de moto e bateu a cabeça ficou jogado na calçada de... de uma hora até quatro horas da manhã, né. Aí levaram ele pro hospital, aí graças a Deus ele sobreviveu também, que ele bateu a cabeça né, sobreviveu. Aí digo: não, vou pagar porque devido essa promessa né, meu filho teve esse acidente também muito grave, que bateu a cabeça, ficou quase morto, mas sobreviveu graças a Deus, eu tenho muita fé, já fiz muitas... as minhas promessas eu pago direitinho, porque eu fiz uma promessa de uma casa né, a minha casa, eu estava morando numa casinha de madeira e tal, aí eu pedir prá Ela, que se Ela me ajudasse né, fizesse com que eu construísse a minha casa, olha eu fiz minha casa com três compartimento de laje, aí depois eu vendi, já comprei... comprei uma pro meu filho, comprei uma pra mim, e mandei fazer outra lá em Mosqueiro né, graças a Deus né, quer dizer: a fé. A fé remove montanhas. Então é isso.

S08**Sexo feminino****Idade: 45 anos**

Eu peguei um princípio de derrame, antes, né, então eu fiquei paraplégica andando um mês de cadeira de roda, eu fiz um voto muito grande prá Virgem Maria, que se Ela me curasse, hoje eu estaria aqui, pagando essa promessa. Ela representa pra mim vida, vida, cura, saúde, paz, amor, milagre. Hoje eu me sinto curada, hoje eu ando carregando a Nossa Senhora de Nazaré, porque Ela é minha mãe, é a Mãe da minha vida. Porque eu sofri muito, um sofrimento muito grande de saúde. Eu peguei esse princípio de derrame faz o quê: um ano... eu peguei esse princípio de derrame. O médico disse que não tinha jeito, que não tinha cura, mas eu enxerguei Nossa Senhora de Nazaré - a luz, a cura - e eu fiz um voto e um pedido muito grande, que hoje eu pago essa promessa, porque eu enxergo Nela a mãe, Ela é mãe, Ela é Maria: a mãe de Jesus, que eu acredito muito no milagre, na vida. Eu acredito, eu creio muito no poder que Ela tem, porque hoje eu tô aqui ô, curada, andando, falando, pagando todas as minhas promessas assim como eu recebi a benção e a graça de meus filhos, do meu marido, tá aqui ao lado, e hoje... eu estou aqui entrando, e vou pagar a promessa, e eu agradeço a Deus, porque ela me curou... me curou de todas as doenças que tive antes, e hoje eu estou aqui recebendo a graça com Ela nos braços, porque Ela me recebeu em seus braços, a cura divina... de Maria.

S09**Sexo feminino****Idade: 52 anos**

A minha promessa que eu tô cumprindo, é que... o pai dele faleceu, e aí a gente tava na luta com a mãe dele prá uma pensão do pai dele, que ela queria fazer prá ela, e a gente não queria, que ela fizesse prá ela... só pro menino. Aí queria colocar no nome dela, porque num menino vai ser cortado com dezoito anos, e ela continuaria recebendo, aí eu prometi à Nossa Senhora, que se ela não conseguisse, que ficasse só no nenê, que a gente não queria, porque sabe que mais tarde ela vai arranjar outra pessoa, e vai ficar sustentando a pessoa com o dinheiro do meu filho, né? Aí eu conseguir essa graça, graças a Deus! Ela lutou muito com provas, mas não conseguiu, depois ficou só no nome dele... ela não conseguiu prá ela.. não é por maldade... simplesmente porque o pai dele morreu numa tragédia, assassinato né, aí deixou essa pensão pro filho dele, e a gente queria que fosse só pro filho dele. Graças a Deus, eu conseguir que fosse só pra ele. Hoje eu tô aqui cumprido a promessa... prá Nossa Senhora. Foi prá ela que eu pedi... aí Ela me realizou essa promessa, e eu tô cumprindo agora. Eu ia trazer Ela prá pegar a passagem Dela... como já assistir a passagem Dela, e vim na caminhada até aqui agradecer.

S10

Sexo feminino

Idade: 78 anos

Fiquei cega... cega de dia, me peguei com Nossa Senhora, e Ela me concedeu esse milagre: eu consegui operar e voltar a enxergar. Graças a Deus, eu agradeço a Deus, a Ela e a Jesus, por isso.

S11

Sexo feminino

Idade: 38 anos

Bom, é... Ano passado a minha filha tava com suspeita de câncer e doença de Crohn, né, e a gente ficou aguardando durante dois meses esse resultado. E quando foi no dia vinte e dois de dezembro a gente recebeu o resultado de que não era nenhum... Que a suspeita era de... uma alergia alimentar, e foi descartada essas duas suspeitas anteriores né. Então eu vim hoje agradecer a Nossa Senhora... É... Por ter descartado essas duas doenças, mas eu continuo acreditando ainda na cura dela, porque ela tem alguma coisa que ainda não foi descoberto, os médicos colocam que tá difícil de dar um diagnóstico fechado da doença, mas eu sei que ela vai se curar, e a gente vai tá indo pra São Paulo no mês que vem, buscar também essa alternativa. E hoje eu já tô vindo buscar essa cura que eu sei que Nossa Senhora vai me ajudar... Ela já está intercedendo por ela.

S12

Sexo feminino

Idade: 63 anos

Olha essa promessa que estou fazendo... pagando... é... foi um filho meu, que... é... operou o baço, e passou muito mal, e ainda hoje ele... ele continua... assim... ele de vez em quando ele tem, sabe... assim recaída, porque ele pegou uma... uma infecção no sangue, mas graças a Deus e Nossa Senhora de Nazaré, ele tá vivo, já fazem cinco anos, que quando ele fez essa cirurgia, ninguém dizia que ele escapava, todo mundo dizia: “esse não tem... não amanhece”. E eu me peguei com Nossa Senhora de Nazaré, e... Ela me ouviu né, nas horas que eu tava mais aflita pedi prá Ela, e hoje ele ainda... tá vivo, ele sente algumas coisas né, assim, porque com a perda do baço, ele ... sentiu... né, é um órgão da gente que faz falta. Então, o mais... o mais importante que ele está vivo e foi com as bênçãos de Deus e Nossa Senhora de Nazaré, porque todo mundo dizia que ele não escapava. Nossa Senhora de Nazaré? Ela é minha Mãe, Ela não me desampara em momento algum... em momento algum. Tudo que eu peço pra ela eu sou atendida, eu tenho outras... outros testemunhos que eu fiz é... eu não tinha casa... (pausa). Eu tenho outro testemunho Dela também, que eu... não tinha casa, morava em casa alugada tudinho, eu fazia só coisas boas nas casa dos outros, e as pessoas pediam a casa quando viam a casa bonita né, aí eu devolvia, entregava né, a casa, que não era minha, era alugada, e eu me peguei com Nossa Senhora de Nazaré também, e Ela me deu uma casa. Hoje eu

tenho minha casa muito boa, eu me peguei com Ela, dizendo a Ela, se Ela... se Nossa Senhora mostrasse um jeito de eu comprar aquela casa... uma casa pra mim, que eu pagaria a promessa acompanhando o Círio com uma casinha feita, pequeninha na cabeça, e quando chegasse aqui, no CAN (Centro Arquitetônico de Nazaré), eu botar no Carro dos Milagres. Esse eu já paguei, agora essa aqui é a segunda que eu tô pagando, tá? Então é... Deus e Nossa Senhora pra mim é tudo na minha vida. Não posso nunca... nunca perde a fé Dela. Nela, nem Deus.

S13

Sexo feminino

Idade: 58 anos

Ele foi... saiu com a família e sofreu um assalto dentro do carro, e o marginal levou os dois celulares, deixou o carro, mas deu um tiro no fêmur dele, quebrou... Já fez três cirurgias, e tá até hoje, mas ele vai... Já fez três cirurgias, tá com os parafusos, e vai... vai ficar bom. Ah! Mas isso (Nossa Senhora de Nazaré) é infalível né, isso é uma coisa abençoada, que é com Ela que nos temos que recorrer, eu tenho a certeza que Ela intercede junto a Jesus por todos nós, e esse pedido vai ser alcançado. Muito amor, muita fé, a fé em Deus, fé na religião, a fé em tudo.

S14

Sexo feminino

Idade: 27 anos

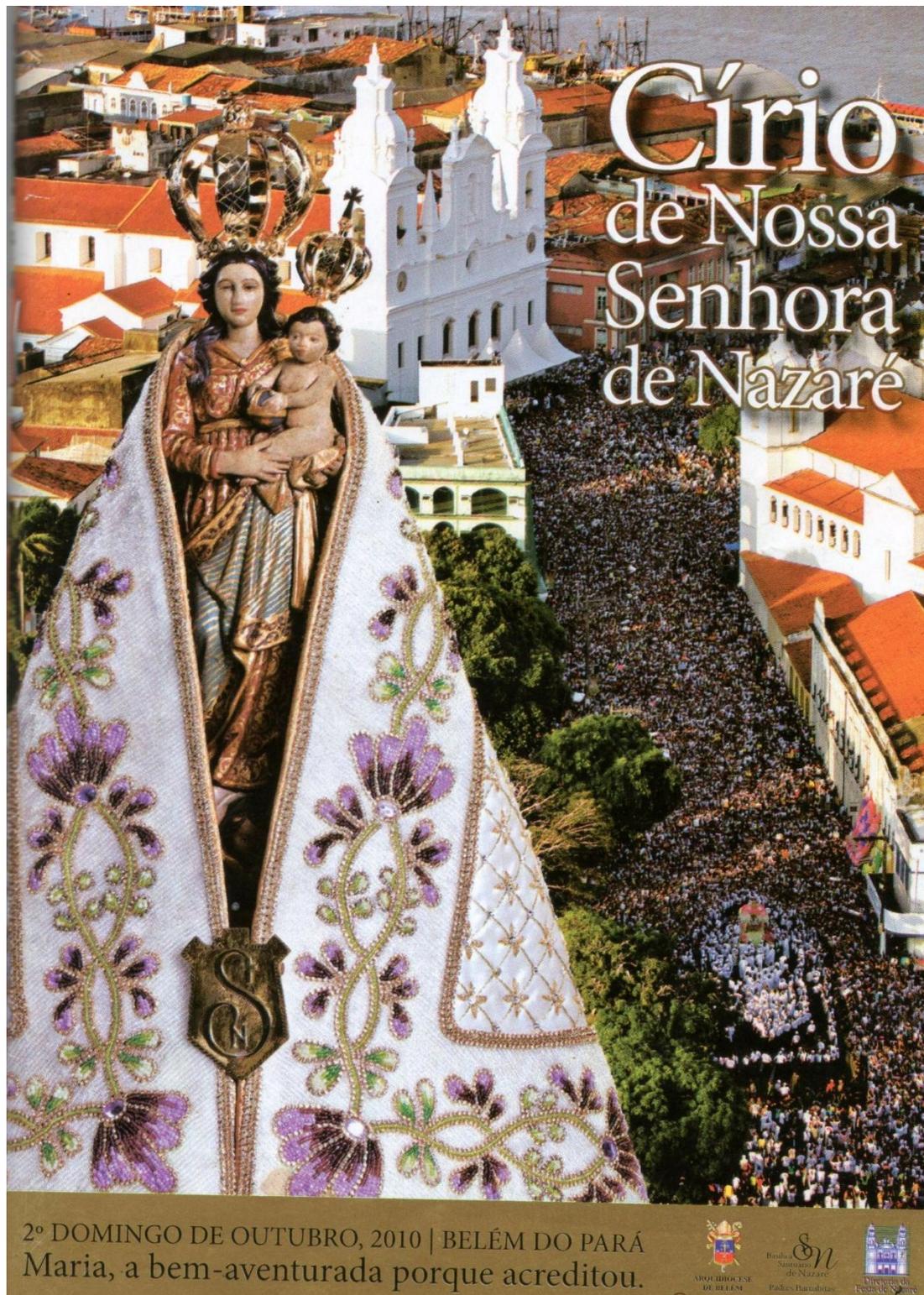
Foi que minha a filha tava muito doente, aí eu pedi que... Ela curasse a minha filha, que eu pagaria a promessa, vindo descalça. Prá mim Ela é padroeira, Ela é mãe de tudo. Muita gente fala assim: ah! Porque muita gente vai adorar um gesso, uma imagem não existe! O que existe é a fé da pessoa. Quem tem fé..., quem não tem fé não estaria aqui, se não tivesse fé, não é verdade?

Primeiramente *a* *Deus.*

ANEXO B - CALENDÁRIO DO CÍRIO 2010

| CALENDÁRIO DO CÍRIO 2010 | | | |
|---|-------|-------|--------------------------------------|
| EVENTO | DATA | HORA | LOCAL |
| Missa do Mandato | 15/08 | 20:00 | Basílica-Santuário |
| Concurso Redação | 19/09 | 08:00 | Centro Social de Nazaré |
| Abertura da Festa | 05/10 | 19:00 | Casa de Plácido |
| Apresentação da Orquestra Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais | 05/10 | 20:00 | Concha Acústica |
| Apresentação do Manto | 06/10 | 18:00 | Basílica-Santuário |
| Vigília de Adoração (início) | 06/10 | 08:00 | Capela do Bom Pastor |
| Concerto "Um Canto para Maria" | 07/10 | 20:00 | Basílica-Santuário |
| Vigília de Adoração (final) | 08/10 | 08:00 | Capela do Bom Pastor |
| Traslado p/ Ananindeua – Marituba | 08/10 | 09:00 | Basílica-Santuário |
| Romaria Rodoviária | 09/10 | 05:30 | Igreja Matriz de Ananindeua |
| Romaria Fluvial | 09/10 | 09:00 | Trapiche de Icoaraci |
| Moto Romaria | 09/10 | 11:30 | Praça Pedro Teixeira |
| Descida da Imagem | 09/10 | 12:30 | Basílica-Santuário |
| Missa e Trasladação | 09/10 | 16:30 | Colégio Gentil |
| Trasladação | 09/10 | 17:30 | Colégio Gentil |
| Missa do Círio | 10/10 | 05:00 | Catedral de Belém |
| Círio | 10/10 | 06:30 | Catedral de Belém |
| Ciclo Romaria | 16/10 | 08:00 | Praça Santuário |
| Romaria das Crianças | 17/10 | 07:00 | Praça Santuário |
| Romaria da Juventude | 23/10 | 16:00 | Saída da Paróquia de São Judas Tadeu |
| Procissão da Festa | 24/10 | 08:00 | Praça Santuário |
| Missa de Encerramento | 24/10 | 19:30 | Praça Santuário |
| Subida da Imagem | 25/10 | 05:30 | Basílica-Santuário |
| Missa do Recírio | 25/10 | 06:00 | Praça Santuário |
| Recírio p/ o Colégio Gentil | 25/10 | 07:00 | Praça Santuário |

**ANEXO C - CARTAZ OFICIAL DO “CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ”
DE 2010.**



ANEXO D - VENTAROLA COM ORAÇÃO A VIRGEM E HINO “VOS SOIS O LÍRIO MIMOSO”.



Frente da ventarola

Feliz Círio

Faça sua homenagem.

CONSAGRAÇÃO

Senhora de Nazaré, / da antiga raiz de Jessé, / da casa real de Davi, / descendente de São Joaquim e Sant'Ana, / sempre que a angústia, o medo e a solidão me abatem, / me entrego em teus braços, ó Mãe. / Como criança carente / em busca de alívio, carinho e proteção, / mergulho em teu Coração Imaculado / e consagro a ti, querida Mãe, / o meu passado e todas as minhas lembranças, / o momento presente e todas as suas aflições, / o meu futuro e a Vida Eterna que Deus me reserva no Céu.

O Sacramento do Batismo, / que um dia recebi, / me tornou filho(a) de Deus e filho(a) teu, ó Mãe. / E fez-me também herdeiro(a) de seu Reino. / Por isso, venho agora renovar diante de ti, / ó Virgem de Nazaré, / as promessas do meu Batismo. / E para que eu possa ser fiel a elas até o fim de minha vida, / peço a tua intercessão junto ao teu Filho Jesus.

Doce Senhora de Nazaré, / a ti consagro, agora, as minhas aspirações, / meus projetos, meus sonhos, / minha missão, minhas realizações, / tudo o que tenho e tudo o que sou. / Consagro, também, / todos os dias restantes de minha vida terrena, / pedindo por eles a tua intercessão / e a tua bênção materna, / para que sejam dias serenos, / cheios de paz e de muitas graças.

Quero também te consagrar desde já, / Senhora de Nazaré, / o momento de minha morte / quando, por tuas mãos, / e amparado(a) pelos braços de teu esposo São José, / poderei finalmente ver o rosto, / abraçar teu Filho Jesus / e contemplar a glória do Pai, / no amor infinito do Espírito Santo. / Amém!

VÓS SOIS O LÍRIO MIMOSO

Vós sois o lírio mimoso
Do mais suave perfume,
Que ao lado do
Santo Esposo
A castidade resume.
Ó Virgem Mãe amorosa
Fonte de amor e de fé
Dai-nos a bênção bondosa
Senhora de Nazaré (bis)

De vossos olhos, o pranto
É como a gota do orvalho
Que dá frescura e encanto
À flor pendente do galho.
Se em vossos lábios divinos
Um doce riso desponta,
Nos esplendores dos hinos
Nossa alma ao céu se remonta.

Vós sois a flor de inocência,
Que nossa vida embalsama
Com suavíssima essência
Que sobre nós se derrama.

Quando na vida sofremos
a mais atroz amargura,
Devossas mãos recebemos
A confortável docura.

Vós sois a ridente aurora
De divinos esplendores
Que aluz da fé avigora
Nas almas dos pecadores:
Quando em suspiros e ais
A vida sentimos morta,
Nessas angústias finais,
O Vosso amor nos conforta.

Sêde bendita, senhora
Farol de eterna bonança
Nos altos céus onde mora
A luz da nossa esperança.
E lá da celeste altura
No Vosso trono de luz,
Dai-nos a paz e ventura
Do Vosso amado Jesus.

VIRGEM DE NAZARÉ

Virgem de Nazaré,
Mãe da concórdia,
Derrama sobre nós
misericórdia.

Virgem de Nazaré,
Luz que nos guia
Ave Maria! Ave Maria!

Virgem de Nazaré,
Mãe carinhosa,
Beija a nossa fronte,
generosa! Virgem de Nazaré,
Graça e poder: Livra o nosso
mundo de tanto padecer!
Virgem de Nazaré,
força e esperança,
alcançai-nos de Deus,
paz e bonança!

Virgem de Nazaré,
contempla o mundo,
Que jaz perdido em
lodaçal profundo!

Virgem de Nazaré,
salva esta terra
Da maior calamidade
o fogo a guerra!

Virgem de Nazaré,
há um céu de anil...
Abençoa este céu, é o
meu Brasil! Ampara este
Brasil do brasileiro,
Mandamento a paz e a fé
ao mundo inteiro!
Socorre o nosso povo,
aumenta a nossa fé!
Mãe do Brasil,
ó Mãe de Nazaré



Faculdade Paraense de Ensino

Verso da ventarola

ANEXO E - NOVENA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ



Santuário de Nossa Senhora de Nazaré
Basilica

Cadastre-se, ajude o Santuário e receba todos os meses, em sua casa, uma carta do Padre Ramos.

ASSOCIAÇÃO DOS DEVOTOS DE Nª Sra. DE NAZARÉ
CX.POSTAL 13028. CEP: 66040-970
Belém / Pará. Tel.: (91) 3202-4888
www.basilicadenazare.com.br

PRODUTO DO SANTUÁRIO DE NAZARÉ BELÉM/PA

BASÍLICA-SANTUÁRIO DE NAZARÉ
BELÉM - PARÁ

NOVENA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

1ª Oração

Ó Virgem Imaculada de Nazaré, / fostes na terra humilde criatura, / a ponto de dizer ao Anjo Gabriel: / "Eis a escrava do Senhor". / Mas, perante Deus, / fostes exaltada e preferida entre todas as mulheres, / para exercer a sublime dignidade / de Mãe do Verbo Encarnado. / Adoro e louvo ao Altíssimo / que vos elevou a essa excelsa dignidade / e vos preservou da culpa original. / Quanto a mim, / soberbo e carregado de pecados, / sinto-me confundido e envergonhado perante vós. / Entretanto, confiado na bondade e ternura do vosso coração imaculado e maternal, / peço-vos a dita de imitar a vossa humildade / e participar de vossa caridade, / a fim de viver unido pela graça / ao vosso puríssimo Filho Jesus, / assim como vivestes no retiro de Nazaré. / Para alcançar essa graça, / quero com intenso afeto e filial devoção, / saudar-vos com o Arcanjo Gabriel:

- Ave Maria, cheia de Graça...

- Nossa Senhora de Nazaré - Rogai por nós!

2ª Oração

Ó Virgem piedosíssima, / Senhora de Nazaré, / a vós recorro eu pobre pecador, / nesta hora de tribulação e de angústia, / pedindo, confiadamente, amparo e proteção. / Vede a minha necessidade, ó Maria, / ouvi propícia os meus gemidos, / compadecei-vos de minhas lágrimas, / vós, que sendo Mãe de Deus, / sois também Mãe de Misericórdia, / Consoladora dos aflitos, / Refúgio e Advogada dos pecadores. / Alcançai-me, Senhora de Nazaré, / a graça que humildemente vos peço, / pois em vosso Coração Imaculado e cheio de ternura, / eu pus toda a minha confiança. / A este coração materno, / que também experimentou os golpes da dor mais pungente, / entrego todos os cuidados / meus e das pessoas que me são caras. / Recebei em vossas mãos abençoadas / a minha alma e o meu corpo, / a minha vontade e o meu coração, / a minha vida e a minha morte. / Sede também, ó Mãe de bondade, / conforto e amparo de todos

os atribulados: / dos pobrezinhos, dos doentes, / dos sem trabalho, / dos famintos, das crianças que sofrem, / e não vos esqueçais dos pobres pecadores. / A todos fazei-nos sentir que sois nossa Mãe. / Assim seja.

- Ave Maria, cheia de graça...

- Nossa Senhora de Nazaré - Rogai por nós!

CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

Senhora de Nazaré, / da antiga raiz de Jessé, / da casa real de Davi, / descendente de São Joaquim e Sant'Ana, / sempre que a angústia, o medo e a solidão me abatem, / me entrego em teus braços, ó Mãe. / Como criança carente / em busca de alívio, carinho e proteção, / mergulho em teu Coração Imaculado / e consagro a ti, querida Mãe, / o meu passado e todas as minhas lembranças, / o momento presente e todas as suas aflições, / o meu futuro e a Vida Eterna que Deus me reserva no Céu.

O Sacramento do Batismo, / que um dia recebi, / me tornou filho(a) de Deus e filho(a) teu, ó Mãe. / E fez-me também herdeiro(a) de seu Reino. / Por isso, venho agora renovar diante de ti, / ó Virgem de Nazaré, / as promessas do meu Batismo. / E para que eu possa ser fiel a elas até o fim de minha vida, / peço a tua intercessão junto ao teu Filho Jesus.

Doce Senhora de Nazaré, / a ti consagro, agora, as minhas aspirações, / meus projetos, meus sonhos, / minha missão, minhas realizações, / tudo o que tenho e tudo o que sou. / Consagro, também, / todos os dias restantes de minha vida terrena, / pedindo por eles a tua intercessão / e a tua bênção materna, / para que sejam dias serenos, / cheios de paz e de muitas graças.

Quero também te consagrar desde já, / Senhora de Nazaré, / o momento de minha morte / quando, por tuas mãos, / e amparado(a) pelos braços de teu esposo São José, / poderei finalmente ver o teu rosto, / abraçar teu Filho Jesus / e contemplar a glória do Pai, / no amor infinito do Espírito Santo. / Amém!

- Nossa Senhora de Nazaré - Rogai por nós!